



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Alejandro Añez da Silveira

A Unión de Campesinos Pobres: o intento de uma Guerra Popular na Bolívia

Florianópolis
2026

Alejandro Añez da Silveira

A Unión de Campesinos Pobres: o intento de uma Guerra Popular na Bolívia

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Relações Internacionais do Centro Socioeconômico da
Universidade Federal de Santa Catarina como requisito
para a obtenção do título de Bacharel em Relações
Internacionais

Orientador: Prof. Daniel Ricardo Castelan, Dr.

Coorientador: Prof. Maicon Cláudio da Silva, Dr.

Florianópolis

2026

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.

Dados inseridos pelo próprio autor.

da Silveira, Alejandro Añez

A Unión de Campesinos Pobres : o intento de uma Guerra Popular na Bolívia / Alejandro Añez da Silveira ; orientador, Daniel Ricardo Castelan, coorientador, Maicon Cláudio da Silva, 2026.

97 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Graduação em Relações Internacionais, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Relações Internacionais. 2. Bolívia. 3. Movimento Comunista Internacional. 4. Maoísmo. 5. Revolução Agrária. I. Castelan, Daniel Ricardo. II. da Silva, Maicon Cláudio. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Relações Internacionais. IV. Título.

Alejandro Añez da Silveira

A Unión de Campesinos Pobres: o intento de uma Guerra Popular na Bolívia

Florianópolis, 18 de junho de 2026.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e aprovado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Daniel Ricardo Castelan, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Victor Neves de Souza, Dr.
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Clayton Mendonça Cunha Filho, Dr.
Universidade Federal do Ceará

Certifico que esta é a **versão original e final** do Trabalho de Conclusão de Curso que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais por mim e pelos demais membros da banca examinadora.



Documento assinado digitalmente

DANIEL RICARDO CASTELAN

Data: 18/07/2026 09:44:34-0300

CPF: ***.852.308-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Daniel Ricardo Castelan, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2026.

Este trabalho é dedicado aos meus familiares e amigos por todo o apoio emocional prestado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina pelo riquíssimo espaço de formação, humana e profissional, que me acolheu como um menino e me entregou como um homem.

À minha mãe, por todos os sacrifícios feitos antes mesmo de eu nascer para que eu pudesse crescer e me desenvolver da melhor forma possível, sempre se esforçando para garantir a melhor educação possível para alçar voo. À minha irmã Cami, por todo o carinho, os conselhos e a inspiração para me tornar quem eu quisesse ser, e não o que os outros queriam que eu fosse. À minha companheira Brenda, por todo o apoio prestado ao longo da maior parte da graduação, pelo afeto e compreensão mesmo nos momentos mais difíceis, os quais foram fundamentais para superar os obstáculos até a formação. Ao meu pai, também pelo apoio mais recente.

Aos meus amigos, ao João, à Fernanda, ao Enzo, à Lena, ao Juarez, ao Gabriel, à Laurielle, ao Kaue, ao Luiz, à Heloisa, à Letícia, à Bia e a tantos outros (que espero que não fiquem chateados por não serem nomeados) que me incentivaram ao longo desses anos, que acreditaram no meu potencial, e me acolheram nos momentos mais complicados.

Ao meu orientador, Daniel Ricardo Castelan, por aceitar meu convite e me inspirar a ir além no meu trabalho. Também ao meu coorientador, Maicon Cláudio da Silva, por me incentivar a seguir com o tema, apesar das minhas dúvidas e inseguranças. Sem o apoio dos dois, dificilmente teria chegado a este momento, pelo qual sou profundamente grato. À Juliane, que também foi fundamental para o início da pesquisa e agradeço enormemente pelo impulso e conselhos dados.

A Viviana Marzluf, de la Biblioteca Isaac Sandoval Rodriguez del Centro de la Cultura Plurinacional, por su apoyo y recepción tan amistosa en las semanas que estuve en Bolivia. A Raúl Reyes Zárate, también por su apoyo en la pesquisa sobre UCAPO, no solamente por su texto, sino también por los mensajes por correo y el envío de materiales extras, los cuales enriquecieron aún más el trabajo.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar uma parte da história do movimento comunista da Bolívia, focado na experiência dos militantes que se inspiraram e se alinharam com os comunistas chineses na luta contra o revisionismo soviético. É feita uma exposição conceitual e de contexto sobre o que é revisionismo para o marxismo, situando os debates ocorridos a partir dos anos cinquenta na Bolívia dentro do contexto mais amplo do Movimento Comunista Internacional. Após uma breve exposição historiográfica sobre o início do movimento comunista boliviano, segue-se para a análise dos processos que conduziram à cisão que levou à fundação do Partido Comunista da Bolívia (Marxista-Leninista), inspirados pela Revolução Chinesa. Por fim, é apresentada a experiência da Unión de Campesinos Pobres (UCAPO) como tentativa de iniciar uma guerra popular no país, constatando que houve um importante movimento revolucionário, profundamente ideológico de inspiração maoista, e que, apesar do desconhecimento geral sobre esse processo, o trabalho buscou divulgá-lo por meio de materiais inéditos em português para contribuir com o estudo do comunismo internacional e das lutas populares na Bolívia.

Palavras-chave: Revolução Agrária. Bolívia. Movimento Comunista Internacional. Maoismo.

ABSTRACT

This work aims to study a part of the history of the Bolivian communist movement, focusing on the experience of militants who were inspired by and aligned themselves with Chinese communists in the struggle against Soviet revisionism. A conceptual and contextual exposition is made on what revisionism means for Marxism, situating the debates that took place in Bolivia from the 1950s onwards within the broader context of the International Communist Movement. After a brief historiographical exposition on the beginning of the Bolivian communist movement, the analysis moves on to the processes that led to the split that resulted in the founding of the Communist Party of Bolivia (Marxist-Leninist), inspired by the Chinese Revolution. Finally, the experience of the Unión de Campesinos Pobres (UCAPO) is presented as an attempt to initiate a people's war in the country, noting that there was an important revolutionary movement, deeply ideological and inspired by Maoism, and that, despite the general lack of knowledge about this process, the work sought to disseminate it through materials previously unpublished in Portuguese to contribute to the study of international communism and popular struggles in Bolivia.

Keywords: Agrarian Revolution. Bolivia. International Communist Movement. Maoism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1. Revisionismo no marxismo.....	12
2.2. Conceito de revisionismo.....	14
2.3. Início e expressões do revisionismo na história do Marxismo.....	16
2.4. O Grande Debate e a luta contra o revisionismo.....	17
3. PRIMÓRDIOS DO MOVIMENTO COMUNISTA NA BOLÍVIA.....	27
3.1. Balanços Históricos no Movimento Comunista.....	27
3.2. Primeiras Ideias e Organizações.....	33
3.3. Fundação do Partido Comunista da Bolívia.....	38
4. O ANTIRREVISIONISMO NO PCB.....	43
4.1. Reflexo do Grande Debate.....	46
4.2. Fundação do Partido Comunista da Bolívia (Marxista-Leninista).....	50
5. DECISÃO PELA GUERRA POPULAR.....	57
5.1. O Plano Revolucionário.....	58
6. A UCAPO E A GUERRA POPULAR.....	62
6.1. Início da UCAPO.....	64
6.2. A tomada do latifúndio Chané-Bedoya.....	70
6.3. A intervenção do exército.....	77
6.4. Dispersão e fim da UCAPO.....	85
7. CONCLUSÃO.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere na vasta tradição de estudos sobre a história do Movimento Comunista Internacional (MCI), suas origens, organizações e teses ideológicas. O ponto de partida e objeto de interesse se dá pela influência que o MCI teve em praticamente todos os países do mundo nos últimos 100 anos. Desde a oposição à Grande Guerra, ao surgimento do fascismo como resposta ao fortalecimento do movimento operário, a Guerra Civil Espanhola, o Levante Armado de 1935 no Brasil, a mobilização da Resistência Antifascista na Europa pelos *partisans*, o Partido dos Panteras Negras nos EUA, a explosividade de 1968 vista em diversos países, a lista é praticamente infinita. Porém, para realmente compreender essa influência e, conseqüentemente, compreender esses processos corretamente, torna-se necessário apreender os conceitos empregados pelos próprios agentes e também a relação dialética que esses movimentos sempre tiveram entre o nacional e o internacional.

Um dos conceitos mais importantes que literalmente dividiu o MCI e serviu como motor do desenvolvimento político e ideológico dos partidos e organizações do mundo todo é o conceito de “revisionismo”. Isto será tratado com especial atenção no capítulo 2 de Fundamentação Teórica, mas, em resumo, o revisionismo para o marxismo (principalmente a partir de Lenin) é tido como a expressão da ideologia burguesa (seus conceitos, táticas, estratégia, etc.) dentro do movimento operário, apresentando-se como “marxismo”, porém, propondo “revisar” princípios da teoria e prática revolucionária¹. Uma das formas mais evidentes dessa expressão é a ideia da possibilidade de uma revolução por meios pacíficos, por eleições, por exemplo; isto porque no próprio Manifesto do Partido Comunista é estabelecido que a revolução é um processo de derrubada violenta de uma classe por outra. Apesar de ser um conceito importante desde fins do século XIX e início do século XX, é principalmente após a morte de Stalin (1953) e o chamado “Relatório Secreto” de Khrushchev (1956) que o debate entre marxismo e revisionismo criará um verdadeiro turbilhão no seio do movimento comunista a nível internacional, não mais limitado apenas à Europa, no que ficou conhecido como o “Grande Debate” entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China.

¹ Ver: “Marxismo e Revisionismo”, Lenin, 1908.

No Brasil, esse processo é relativamente bem documentado e mapeado², iniciando-se com a cisão no Partido Comunista Brasileiro (PCB) de Prestes e a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) de João Amazonas e Pedro Pomar, depois passando pela Ditadura Militar com as diversas organizações surgidas como desenvolvimento desse mesmo debate, como o Partido Comunista Revolucionário (PCR) de Manoel Lisboa, o PCdoB - Ala Vermelha, o MR-8, entre outras. Essas cisões não se deram por simples “brigas de ego próprias da esquerda”, e sim, por razões profundamente ideológicas de consequência prática: como fazer a revolução no país. Todas elas estiveram não só imersas nos problemas nacionais, da terra, da ditadura, da ingerência estrangeira, etc., como também nos problemas internacionais, e um não pode ser compreendido sem o outro.

Na Bolívia, os efeitos do Grande Debate não foram diferentes. O movimento comunista boliviano teve um início conturbado e relativamente tardio, como será explorado no capítulo 3, sendo seu Partido Comunista (PCB) fundado apenas em 1950, cerca de sete anos depois do fim da Terceira Internacional (Internacional Comunista), organização responsável por apoiar política e logisticamente o surgimento da maioria dos partidos surgidos a partir dos anos vinte. Já no final da década de cinquenta, o Partido havia iniciado seu trabalho de mobilização dos trabalhadores mineiros, uma das categorias mais importantes do proletariado boliviano, ao mesmo tempo que parte de seus quadros e militantes de base se engajaram com os debates no MCI entre marxismo e revisionismo. Tais processos, de organização das lutas mineiras e de debate ideológico inspirados pela China maoista, se somaram aos turbulentos anos sessenta: golpes militares, ingerência estadunidense na política nacional, Cuba revolucionária, a guerrilha de Ernesto “Che” Guevara na Bolívia, etc.

No capítulo 4, investigamos como a luta contra o revisionismo se deu no seio do PCB e a consequente decisão de parte da militância de romper com a antiga direção e fundar o Partido Comunista da Bolívia (Marxista-Leninista), alinhados ideologicamente com as teses de Mao Tsé-tung e da Revolução Chinesa. Veremos como os comunistas bolivianos se engajaram ativamente na luta contra as concepções revisionistas (de acordo com os apoiadores de Mao Tsé-tung) em voga na época, em especial, as que defendiam a possibilidade de uma revolução pacífica e de alinhamento com a suposta burguesia nacional, representada pelo Movimiento Nacionalista Revolucionario (MNR). Na sequência, analisamos a resposta dada pelo PCB

² Uma breve busca em plataformas como o Google Scholar, por exemplo, apresenta uma série de materiais acadêmicos sobre a história dos diferentes partidos. Nossa recomendação para o tema, porém, é o livro “Problemas da história do Partido Comunista do Brasil”, do Núcleo de Estudos do Marxismo-leninismo-maoismo (Núcleo de Estudos do Marxismo-Leninismo-Maoismo, 2016), por incluir uma análise holística sobre a evolução do movimento comunista brasileiro de forma dialética com o movimento comunista internacional.

(M-L) ao problema da revolução boliviana, no contexto das crises políticas e movimentos guerrilheiros nascentes (em especial, do Ejército de Liberación Nacional, de Che Guevara), com a elaboração do seu Plano Revolucionário, no capítulo 5.

No capítulo 6, veremos como os comunistas bolivianos tentaram pôr na prática o plano de iniciar uma Guerra Popular seguindo os aportes elaborados por Mao Tsé-tung, a partir da fundação da Unión de Campesinos Pobres (UCAPO). Esta organização tinha como objetivo mobilizar os camponeses em sua luta contra o latifúndio, conquistando suas terras para distribuí-las entre o campesinato pobre, como parte da chamada Revolução Agrária. A partir de documentação inédita em português, analisaremos como se deu essa experiência que até hoje é bastante desconhecida, até mesmo na própria Bolívia. Será feita uma exposição cronológica dos principais fatos, seguida de uma análise que busca entender como os atores participantes compreendiam ideologicamente o trabalho que estavam realizando. Além disso, o capítulo serve também como resgate e divulgação para que novas pesquisas aprofundem ainda mais a história da UCAPO. Por fim, apresentaremos nossas conclusões sobre o peso dessa experiência no contexto das lutas populares e revolucionárias na Bolívia e América Latina.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para este trabalho, o problema teórico é de fundamental importância. Isto porque para compreendermos as razões dos sujeitos envolvidos nos processos históricos que vamos averiguar, de por que defenderem X e não Y, por que o alinhamento político e ideológico com um país e não com outro (na realidade, em alguns casos até em oposição a um país que aparentemente seria um aliado automático, como a União Soviética, por exemplo), tudo isso só é possível partindo dos conceitos políticos, filosóficos e econômicos empregados por esses atores.

No caso dos movimentos que serão estudados, recorreremos a alguns conceitos e autores marxistas como base teórica, porém, a teoria marxista será compreendida de acordo com seu desenvolvimento histórico prático, i.e., de acordo com o desenvolvimento da luta de classes internacional e dos aportes feitos pelos seus principais dirigentes e partidos. Isto significa que, ao invés de partirmos de interpretações acadêmicas do marxismo, buscamos utilizar os documentos de seus teóricos na fonte, ou seja, ao tratarmos da teoria do imperialismo de Lenin, por exemplo, a referenciamos diretamente e não por terceiros.

2.1. Revisionismo no marxismo

“O marxismo consiste em milhares de verdades, porém todas elas se reduzem a uma frase: rebelar-se é justo!”

Mao Tsé-tung

Desde seu surgimento, o marxismo se posicionou não como mera ferramenta de análise política e/ou econômica da realidade, e sim como teoria que embasa a prática revolucionária para transformação radical da sociedade. Seja no Manifesto do Partido Comunista (Engels; Marx, 1997), em que Marx e Engels definem de forma clara e inequívoca a natureza da sociedade de classes e a necessidade da sua superação através da derrubada violenta da burguesia pelo proletariado, ou em textos mais curtos, como em “Teses sobre Feuerbach”, onde Marx estabelece que “os filósofos têm apenas interpretado o mundo de diferentes maneiras, a questão, porém, é transformá-lo” (Marx, 1982), é impossível defender um marxismo “pacifista” sem que seu conteúdo fundamental seja distorcido, ocultado, ou

esterilizado, posição esta definida e defendida por Lenin, Mao Tsé-tung, e outros comunistas, e que será adotada ao longo deste trabalho.

O marxismo historicamente não se limitou apenas ao trabalho teórico e prático de seus fundadores. Seu desenvolvimento continuou mesmo após a morte destes, se expandindo para o movimento operário de todos os países, avançando na compreensão acerca de velhos e novos problemas, como sobre a natureza do Estado, como iniciar e vencer uma revolução, a luta de classes durante o socialismo, entre outros. Porém, tudo isso não se deu através de discussões acadêmicas, e sim pelo combate aberto às posições estranhas ao marxismo e a aplicação prática de suas teorias com o objetivo de fazer a revolução. Essa posição de combate é frequentemente tratada como uma ortodoxia, dogmatismo, sectarismo, algo que persiste desde as épocas de Marx e Lenin até os dias de hoje, mas, como seria definido por Lenin no “Programa Militar da Revolução Proletária” em 1916, “combater o imperialismo sem combater o oportunismo não passa de fraseologia oca” (Lenin, 1977c).

Para compreender de maneira coerente, faz-se necessário entender um dos desenvolvimentos mais importantes do marxismo no século XX: a teoria do conhecimento definida por Mao Tsé-tung.

[O] Marxismo atribui uma grande importância à teoria, justa e unicamente porque ela pode guiar a actividade prática. Se, quando conhecemos uma teoria justa, contentamo-nos em fazer dela um simples tema de conversação e, em vez de a pormos em prática, deixamo-la de lado, essa teoria, por mais bela que seja, não poderá ter qualquer significação. O conhecimento começa pela prática; e uma vez adquirido o conhecimento teórico através da prática, há que levá-lo de novo à prática. A função activa do conhecimento não se exprime somente no salto activo do conhecimento sensível ao conhecimento racional, mas também, e o que ainda é mais importante, no salto do conhecimento racional à prática revolucionária. Uma vez adquirido o conhecimento das leis do mundo, deve-se dirigi-lo para a prática da transformação do mundo, aplicá-lo na prática da produção, na prática da luta de classes e da luta nacional revolucionárias, assim como na prática da experimentação científica. Tal é o processo de verificação e de desenvolvimento da teoria, a continuação de todo o processo do conhecimento. (Mao, 1975b)

O problema do conhecimento humano, de como as verdades são descobertas, já havia sido tratado anteriormente por outros revolucionários, mas Mao faz uma contribuição particular a este campo de conhecimento, que iremos adotar como premissa epistemológica neste trabalho. Resumindo seu aporte (e partindo da citação acima), compreende-se que o conhecimento humano se dá de maneira dialética (nunca unilateralmente) e por saltos de qualidade (etapas): o primeiro momento é o do conhecimento sensível proveniente da prática,

é o observar, ouvir, tocar, etc.; disto, dá-se o primeiro salto, que é o da prática à teoria, a abstração, conceitualização do que fora observado, em outras palavras, a síntese; porém, esta síntese por si só é apenas uma análise, uma teoria, que precisa ter sua veracidade comprovada, e isto só pode ocorrer através da prática; é aqui que ocorre o segundo e mais importante salto, o da teoria à prática, o que servirá para definir o que é verdadeiro ou falso. A partir disto, podemos compreender algo fundamental que irá embasar toda a discussão deste trabalho: para o marxismo, é possível existirem muitas sínteses e teorias sobre um mesmo fenômeno, mas é a prática que poderá comprovar o que é correto, e é a partir desta comprovação que uma simples teoria passa a ser uma definição, uma verdade, portanto. É nesse contexto que o problema da defesa dos princípios do marxismo, tanto aqueles definidos nos primeiros trabalhos de Marx e Engels, quanto aqueles definidos posteriormente, toma posto central na história do MCI. Agora, trataremos especificamente do conceito de “revisionismo”, seu significado teórico, para assim entendermos seus desdobramentos práticos no movimento operário internacional.

2.2. Conceito de revisionismo

“Um conhecido adágio diz que se os axiomas geométricos chocassem com os interesses dos homens, certamente se tentaria refutá-los. As teorias das ciências naturais, que se opunham aos velhos preconceitos da teologia provocaram e continuam a provocar até hoje a mais furiosa luta. Não é de estranhar, portanto, que a doutrina de Marx, que serve directamente para educar e organizar a classe de vanguarda da sociedade moderna, que indica as tarefas desta classe e demonstra a substituição inevitável – em virtude do desenvolvimento económico – do atual regime por uma nova ordem de coisas, não é de estranhar que esta doutrina tenha tido de conquistar pela luta cada passo no caminho da vida.”

(LENIN, 1977a)

Na obra “Marxismo e Revisionismo” de 1908, da qual provém a citação acima, Lenin apresenta brevemente as diferentes lutas político-ideológicas travadas pelo marxismo no século XIX e como seu sucesso levou à superação das demais doutrinas presentes no movimento operário da época. Com isso, Lenin explica que, ao invés das lutas “cessarem”, elas continuaram se desenvolvendo, porém “modificaram-se as formas e os motivos da luta”. A modificação a qual Lenin se refere se dá no fato de que, ao invés das demais correntes se posicionarem abertamente em contradição com o marxismo, agora elas se posicionavam “dentro” do marxismo. Esse processo é justamente o que é chamado de revisionismo, i.e., a negação prática do marxismo através da revisão de seus princípios, porém, sem a sua negação total, e sim, mantendo a defesa aparente do marxismo e da revolução. As justificativas que costumam embasar o revisionismo giram em torno de uma suposta necessidade de “atualização” do marxismo para a época atual (seja esta no início do século XX, anos de 1960, ou a década de vinte do presente século), de levantar “temas que não foram observados” pelo marxismo, e outros argumentos que, em sua aparência, pintam-se como tendo um interesse genuíno na transformação radical da sociedade, mas que, na prática, o fazem negando a experiência concreta da luta de classes no MCI.

Em um trabalho posterior, Lenin define de forma mais clara e cabal o problema do revisionismo da seguinte forma:

Com a doutrina de Marx acontece hoje o que aconteceu mais de uma vez na história com as doutrinas dos pensadores revolucionários e dos chefes das classes oprimidas na sua luta pela libertação. As classes opressoras, durante a vida dos grandes revolucionários, retribuíram-nos com incessantes perseguições, acolhiam a sua doutrina com a fúria mais selvagem, com o ódio mais feroz, com as mais furibundas campanhas de mentiras e calúnias. **Depois da sua morte tenta-se transformá-los em ícones inofensivos**, canonizá-los, por assim dizer, conceder ao seu nome uma certa glória para “consolar” as classes oprimidas e para as enganar, **castrando o conteúdo da doutrina revolucionária, embotando o seu gume revolucionário, vulgarizando-o.** Neste “arranjo” do marxismo encontram-se agora a burguesia e os oportunistas dentro do movimento operário. (Lenin, 1977b, p. 3, grifo nosso)

Esta definição, de que, em outras palavras, o revisionismo é a expressão da ideologia burguesa no seio do movimento operário, servirá de pedra angular para a discussão sobre os rumos do MCI nas décadas de cinquenta e sessenta e suas repercussões no movimento comunista boliviano.

2.3. Início e expressões do revisionismo na história do Marxismo

Como dito anteriormente, o desenvolvimento do marxismo se dá também pela luta ideológica, além da luta política prática. Uma das principais formas que essa luta ideológica se manifestou historicamente foi na luta contra o revisionismo e suas diferentes matizes, pois, através do debate entre as diferentes linhas e posições sobre como conquistar o poder para o proletariado, é que se pôde definir de maneira cada vez mais clara o que era consequente e o que não era. Um exemplo desse processo foi a luta desenvolvida na II Internacional entre Kautsky e a social-democracia alemã, e Lenin e os bolcheviques.

Após a morte de Engels em 1895, o Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD) havia se tornado a principal referência para o movimento operário europeu, e sua principal liderança ideológica, Karl Kautsky, se tornou o “herdeiro” dos mestres do socialismo científico. Essa autoridade moral se deu em grande parte pela sua posição enquanto editor da revista “*Die Neue Zeit*”, fundada em 1883, que servia como publicação teórica do SPD e referência para os demais partidos e organizações social-democratas da época.

Em 1889, foi fundada a Segunda Internacional, sucessora da Associação Internacional dos Trabalhadores, tendo como objetivo dar continuidade ao desenvolvimento da luta política e ideológica a nível internacional sobre a base do socialismo científico, i.e., o marxismo. Um de seus princípios era justamente o do internacionalismo, ou seja, da ideia que fora estabelecida já no Manifesto Comunista de que “os operários não têm pátria” (Engels; Marx, 1997), da solidariedade entre o proletariado de diferentes nações, em oposição ao nacionalismo burguês. Apesar disso, já na primeira e segunda décadas do século XX, alguns dirigentes de partidos membros da Segunda Internacional passaram a revisar esse princípio, sendo o ápice dessa contradição o início da Primeira Guerra Mundial. A direção dos principais partidos do movimento operário se dividiu em dois: a maioria, tendo à frente o SPD (não só pela sua posição histórica, mas também por sua vitória eleitoral nas eleições de 1912 que garantiu a sua maioria no parlamento [German History in Documents and Images, {1890?}], conferindo-lhe autoridade política enquanto partido governante), que defendia a necessidade de “defesa da pátria” de cada partido; e a minoria, com Lenin e os Bolcheviques, defendendo não só o fim da guerra, mas a sua transformação de guerra imperialista em guerra civil revolucionária.

Essa posição revisionista (que, importante destacar, era a da maioria dos membros da Segunda Internacional) foi definida por Lenin como “social-chauvinismo”, sendo esta “a defesa da ideia de ‘defesa da pátria’ na presente guerra. Dessa ideia decorrem, seguidamente,

a renúncia à luta de classes durante a guerra, a votação dos créditos de guerra, etc.” (Lenin, 1986).

Hoje, com a distância temporal dos fatos, fica claro que tal posição (a de Kautsky) era reacionária, tanto pela clareza teórica desenvolvida a partir dessa luta ideológica entre marxistas e revisionistas, quanto (e, principalmente) pelo desenvolvimento histórico: a social-democracia, baseada na “defesa da pátria”, apoiou o massacre de milhões de pessoas em um conflito de natureza imperialista, além de outros crimes perpetrados contra as massas populares, como o assassinato de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht em 1919 e a repressão contra a Revolução Alemã. Nos casos alemão e italiano, especialmente, o trabalho do revisionismo expresso na social-democracia foi parte fundamental da contrarrevolução que levaria ao surgimento, poucos anos depois, do fascismo. O apoio governamental às chamadas *freikorps*, organizações paramilitares reacionárias usadas no combate aos comunistas e demais revolucionários no pós-Primeira Guerra, veio justamente de Gustav Noske (Ministro da Defesa da República de Weimar e membro do SPD) e Friedrich Ebert (presidente da República de Weimar e também membro do SPD); essas mesmas *freikorps* teriam um ressurgimento como força de choque do partido nazista alguns anos depois.

Mesmo assim, na época, a direção revisionista da social-democracia europeia conseguira convencer parte da população de que essas ideias pareciam (ênfase no termo “aparência”) perfeitamente aceitáveis e até revolucionárias. Este convencimento, através da manipulação teórica e oportunismo político, só foi possível por meio do revisionismo. Por outro lado, foi a partir da luta contra o revisionismo que o marxismo se refinou, que obras importantes para a Revolução Russa e para a Revolução Proletária Mundial foram elaboradas, como “O Estado e a Revolução” (1917) e “O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo” (1917), e que o MCI (de acordo com a concepção de marxistas-leninistas) pôde dar um salto de qualidade para sua nova etapa: do partido que defendia a social-democracia, ao partido de novo tipo, o Partido Comunista; do marxismo ao marxismo-leninismo.

2.4. O Grande Debate e a luta contra o revisionismo

“Toda a história do movimento operário nos diz que reconhecer ou não a revolução violenta como uma lei universal da revolução proletária, reconhecer ou não a necessidade de destruir o velho aparato estatal e reconhecer ou não a

necessidade de substituir a ditadura da burguesia pela do proletariado, tem sido sempre a linha divisória entre o marxismo e o oportunismo e revisionismo de toda índole, entre os revolucionários proletários e todos os renegados do proletariado.”

Redação do Renmin Ribao e a redação da revista Hongqi (Núcleo de Estudos do Marxismo-Leninismo-Maoismo, 2003, Comentário VIII)

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o Movimento Comunista Internacional (MCI) havia se expandido por todo o globo e passava a gozar de enorme prestígio entre as massas populares e também na intelectualidade. A luta armada de resistência dos *partisans* contra a ocupação nazifascista na Europa fora dirigida principalmente pelos partidos comunistas, e a União Soviética e seu Exército Vermelho, dirigidos por Josef Stalin, haviam pago o maior preço e causado os maiores golpes à Alemanha nazista. Na sequência dessas vitórias, formou-se pela primeira vez um campo socialista de países governados por partidos comunistas, que abrangiam os países do Leste Europeu, como a Bulgária e a Checoslováquia, e também havia forte pressão interna em outros países europeus pela força de seus partidos comunistas, especialmente na França e na Itália.

Esse prestígio, porém, não seria permanente: pelo contrário, o MCI sofreria um dos mais duros golpes de sua história, e este não seria causado por agentes externos, e sim, por parte de sua própria direção. Após a morte de Stalin em 1953, Nikita Khrushchev sobe ao poder na URSS como principal dirigente do PCUS. Apenas três anos depois, Khrushchev elabora o que ficou conhecido como “O Discurso Secreto”, apresentado no XX Congresso do PCUS em 1956: é a partir desta intervenção que os ataques de “culto à personalidade de Stalin” e de que Stalin teria promovido pessoalmente dura repressão contra qualquer tipo de oposição deixarão de ser propagados exclusivamente pela reação, agora sendo “denunciados” pela própria direção do MCI. A confusão ideológica nos partidos comunistas causada por esse processo pode ser objeto de estudo concentrado de um trabalho acadêmico, com partidários de longa data se desiludindo com o comunismo em diversos países, como Jorge Amado, por exemplo, que havia escrito talvez a trilogia literária mais importante para o movimento comunista brasileiro em “Subterrâneos da Liberdade” (1954) e fora eleito deputado federal

pelo Partido Comunista do Brasil (PCB), mas que renuncia ao comunismo após as acusações contra Stalin.

Logo no início do Discurso, Khrushchev declara que

Após a morte de Stalin, o Comitê Central começou a implementar uma política de explicar concisa e consistentemente que é inadmissível e estranho para o espírito do Marxismo-Leninismo elevar uma pessoa, transformá-la em um super-homem que possui características sobrenaturais, semelhantes àquelas de um deus. Tal homem supostamente conhece tudo, vê tudo, pensa por todos, pode fazer tudo, é infalível em seu comportamento.³ (Khrushchev, 1956, tradução nossa)

Para fazer a crítica a Stalin, Khrushchev utiliza Lenin como o exemplo contrário, de como atua uma liderança justa. Afirma que durante a vida de Lenin “o Comitê Central era uma verdadeira expressão da liderança coletiva: do Partido e da nação”⁴ (Khrushchev, 1956), enquanto Stalin representava uma direção “excessivamente rude, [que] não tinha uma correta atitude com os camaradas, e era caprichoso e abusava do seu poder”⁵ (*ibid.*). Ao longo do discurso, Khrushchev buscou opor a prática política de Lenin contra a de Stalin, pintando Lenin, por um lado, como uma liderança política quase santa, extremamente paciente e até delicado no trato com as lutas políticas internas do Partido e com o revisionismo e oportunismo, comparado com Stalin que, supostamente, “agia não através da persuasão, explicação e cooperação paciente com as pessoas, e sim, impondo seus conceitos e demandando submissão absoluta à sua opinião”⁶ (*ibid.*). O seguinte trecho exemplifica bem uma das teses centrais do discurso:

Uma relação completamente diferente com as pessoas caracterizava Stalin. Os traços de Lenin - trabalho paciente com as pessoas, educação persistente com elas, a habilidade para induzir as pessoas a seguirem ele sem utilizar compulsão, e sim através da influência ideológica de todo o coletivo sobre elas - eram completamente estranhos a Stalin. Ele descartava o método leninista de convencer e educar, ele abandonou o método da luta ideológica em troca da violência administrativa, repressões em massa e terror. Ele agiu em uma escala cada vez maior e de forma

³ Traduzido do inglês: “After Stalin’s death, the Central Committee began to implement a policy of explaining concisely and consistently that it is impermissible and foreign to the spirit of Marxism-Leninism to elevate one person, to transform him into a superman possessing supernatural characteristics, akin to those of a god. Such a man supposedly knows everything, sees everything, thinks for everyone, can do anything, is infallible in his behavior.”

⁴ Original em inglês: “During Lenin’s life the Central Committee was a real expression of collective leadership: of the Party and of the nation.”

⁵ Original em inglês: “Stalin was excessively rude, did not have a proper attitude toward his comrades, and was capricious and abused his power.”

⁶ Original em inglês: “acted not through persuasion, explanation and patient cooperation with people, but by imposing his concepts and demanding absolute submission to his opinion”.

mais teimosa através de órgãos punitivos, ao mesmo tempo muitas vezes violando todas as normas existentes de moralidade e das leis soviéticas.⁷ (Khrushchev, 1956, tradução nossa)

Khrushchev passa o restante do discurso elencando inúmeras críticas bastante duras, praticamente culpando Stalin por todos os erros e problemas existentes na União Soviética (URSS), fazendo um movimento inverso (mas igualmente personalista) de que, se antes Stalin era uma figura infalível, responsável por todas as vitórias da construção do socialismo, agora ele era um monstro, responsável por todas as derrotas (e eram muitas), desde os expurgos da década de trinta, passando pelos desafios enfrentados na Segunda Guerra, até a ruptura com a Iugoslávia de Josip Broz Tito.

O que se seguiu após o “Discurso Secreto” foi o chamado processo de “desestalinização”, tanto na União Soviética e nos demais países do campo socialista, quanto nos partidos comunistas que tomaram posição pela nova linha soviética. Esse processo seria a suposta correção dos erros do período stalinista, uma autocrítica, principalmente ao culto à personalidade e às formas de construção do socialismo. Dirigentes que historicamente haviam se alinhado a Stalin foram criticados e removidos de seus cargos por pressão do PCUS, como Bolesław Bierut, da Polônia, e Mátyás Rákosi, da Hungria. Em contrapartida, figuras que durante anos haviam ocultado suas reais posições aproveitaram o novo ambiente político para atacar essas lideranças e garantir seus altos cargos políticos, sendo Khrushchev um dos maiores exemplos. São múltiplos os casos de como Khrushchev esteve sempre à frente da promoção do denunciado “culto à personalidade” de Stalin, alguns expostos no livro “The Grand Tactician: Khrushchev's Rise to Power” de Lazar Pistrak, como sendo um dos primeiros a utilizar o termo “*vozhd*” (“líder”, em sentido semelhante a “*führer*” do alemão) para se referir a Stalin (Pistrak, 1961, p. 159), ou ao cunhar o termo “stalinismo” em seu discurso publicado no jornal *Pravda* em 1936, quando declarou que “[...] Nós adotamos nossa Constituição e celebramos a vitória do Marxismo-Leninismo-Stalinismo que não é somente nossa vitória mas também dos trabalhadores do mundo todo.” (Pistrak, 1961, p.161, tradução nossa⁸).

⁷ Original em inglês: “An entirely different relationship with people characterized Stalin. Lenin’s traits – patient work with people, stubborn and painstaking education of them, the ability to induce people to follow him without using compulsion, but rather through the ideological influence on them of the whole collective – were entirely foreign to Stalin. He discarded the Leninist method of convincing and educating, he abandoned the method of ideological struggle for that of administrative violence, mass repressions and terror. He acted on an increasingly larger scale and more stubbornly through punitive organs, at the same time often violating all existing norms of morality and of Soviet laws.”

⁸ Original em inglês: “We adopt our Constitution and we celebrate the victory of Marxism-Leninism-Stalinism which is not only our victory but also that of the working people throughout the world.”

Já alguns comunistas da época mantiveram suas posições críticas frente às acusações de Khrushchev, como foi o caso de Mao Tsé-tung que, em uma reunião do Segundo Pleno do Comitê Central do PCCh em novembro de 1956 (ou seja, cerca de nove meses após o XX Congresso do PCUS), afirmou:

Eu acredito que existem duas "espadas": uma é Lenin e a outra é Stalin. A espada de Stalin acaba de ser descartada pelos russos. [Wladyslaw] Gomulka [dirigente da Polônia] e algumas pessoas na Hungria a ergueram para apunhalar a União Soviética e opor o chamado stalinismo. Os Partidos Comunistas de muitos países europeus também estão criticando a União Soviética, e seu líder é [Palmiro] Togliatti [dirigente italiano]. [...] Nós chineses não a jogamos fora. Primeiro, nós protegemos Stalin, e segundo, nós também criticamos seus erros, e escrevemos o artigo "Sobre a Experiência Histórica da Ditadura do Proletariado". Diferente de algumas pessoas que tentaram difamar e destruir Stalin, nós estamos agindo de acordo com a realidade objetiva.

Agora, sobre a espada de Lenin, ela também não foi descartada em certa medida pela liderança soviética? Na minha visão, ela foi descartada em um grau considerável. A Revolução de Outubro ainda é válida? Ela ainda pode servir de exemplo para todos os países? O relatório de Khrushchev no XX Congresso do PCUS diz que é possível tomar o poder estatal através do caminho parlamentar, quer dizer, não é mais necessário para todos os países aprenderem com a Revolução de Outubro.⁹ (Mao, 1977, tradução nossa)

É de se imaginar que tamanha dissonância entre o que havia sido o discurso dos comunistas soviéticos até a morte de Stalin e o que ocorreu após 1956 geraria extrema confusão política e ideológica, como mencionado anteriormente. Porém, o principal problema que se abria nesse processo não era entre a defesa ou denúncia de uma direção, i.e., entre homens; ao contrário de uma visão historiográfica burguesa, que poderia analisar esse processo através de análises psicológicas dos indivíduos envolvidos, para os marxistas o problema principal era justamente o conteúdo daquelas críticas e suas consequências. Por trás das críticas que tomaram Stalin como seu principal alvo, se delinearam posições que ficariam cada vez mais

⁹ Original em inglês: "I think there are two 'swords': one is Lenin and the other Stalin. The sword of Stalin has now been discarded by the Russians. Gomulka and some people in Hungary have picked it up to stab at the Soviet Union and oppose so-called Stalinism. The Communist Parties of many European countries are also criticizing the Soviet Union, and their leader is Togliatti. [...] We Chinese have not thrown it away. First, we protect Stalin, and, second, we at the same time criticize his mistakes, and we have written the article 'On the Historical Experience of the Dictatorship of the Proletariat'. Unlike some people who have tried to defame and destroy Stalin, we are acting in accordance with objective reality.

As for the sword of Lenin, hasn't it too been discarded to a certain extent by some Soviet leaders? In my view, it has been discarded to a considerable extent. Is the October Revolution still valid? Can it still serve as the example for all countries? Khrushchov's report at the Twentieth Congress of the Communist Party of the Soviet Union says it is possible to seize state power by the parliamentary road, that is to say, it is no longer necessary for all countries to learn from the October Revolution."

claras nos anos seguintes acerca dos problemas da revolução no mundo e da construção do socialismo, posições estas que, para serem sustentadas, necessariamente precisavam denunciar toda a experiência anterior. Tais posições se traduziram materialmente em transformações político-econômicas na União Soviética e nos demais países do Leste Europeu, como denunciado pelo Partido Comunista da China (PCCh) durante o Grande Debate em 1964, no documento “Acerca do Falso Comunismo de Kruchov e Suas Lições Históricas para o Mundo”:

Desde que Kruchov usurpou a direção do Partido e do Estado soviéticos, se operaram mudanças radicais na situação da luta de classes na União Soviética.

Kruchov aplicou uma série de medidas políticas revisionistas, que servem aos interesses da burguesia, e que conduziram a um aumento brusco e rápido das forças capitalistas na União Soviética.

Ao difamar a ditadura do proletariado e o sistema socialista sob pretexto da “luta contra o culto à personalidade”, Kruchov abriu, na realidade, o caminho para a restauração do capitalismo na União Soviética. Negando totalmente Stálin, repudiou, em essência, o marxismo-leninismo que Stálin defendeu com firmeza, e abriu a comporta para o desbordamento da corrente revisionista.

Ao substituir o princípio socialista de “de cada um segundo sua capacidade; a cada um segundo seu trabalho” pelo chamado “incentivo material”, Kruchov não reduziu e sim aumentou a diferença entre [a renda] de uma parte muito pequena de pessoas e as dos operários, dos camponeses e dos intelectuais em geral; apoiou os elementos degenerados que ocupam postos de direção, animando-os a abusar ainda mais inescrupulosamente de seu poder e apropriar-se dos frutos do trabalho do povo soviético. Desta maneira acelerou a diferenciação de classes na sociedade soviética. Kruchov minou a economia planificada socialista, aplicou o princípio capitalista dos lucros, fomentou a livre concorrência capitalista e descompôs a propriedade socialista de todo o povo.

Kruchov ataca o sistema socialista de planificação agrícola, qualificando-o de “burocrático” e “desnecessário”. Se esforça por aprender com granjeiros norte-americanos, promove os métodos de administração capitalistas, fomenta a economia dos kulaks e descompõe a economia coletiva socialista. (Núcleo de Estudos do Marxismo-Leninismo-Maoismo, 2003, p. 412-413)

O revisionismo, de acordo com o PCCh, portanto, não se tratava apenas de diferenças de opinião, e sim, de justificar ideologicamente o que foi compreendido pelo MCI como a restauração capitalista na União Soviética. Na interpretação dos comunistas antirrevisionistas (daqui em diante, os trataremos apenas como comunistas, compreendendo que “comunistas revisionistas” seria um oxímoro na literatura), a posterior dissolução da URSS na década de noventa foi uma consequência de um longo processo de restauração do capitalismo, iniciado justamente com a ascensão de Khrushchev, em que a direção do PCUS passou a reverter as relações de produção socialistas que haviam sido construídas durante o governo de Stalin. Essa restauração não era um acidente, e sim fruto dos esforços desses dirigentes revisionistas que teriam usurpado o poder do Estado e exército por meio do oportunismo ao longo de anos. Os principais defensores do marxismo-leninismo na luta contra o revisionismo encabeçado pelo PCUS foram os comunistas chineses, liderados por Mao Tsé-tung. Como mencionado,

quase que imediatamente após o Discurso de Khrushchev, foram publicados artigos de crítica por parte da direção chinesa contra as novas teses adotadas pelo PCUS, não só sobre as críticas a Stalin, mas às demais teses que tratavam sobre a revolução proletária mundial. Alguns dos documentos mais importantes surgem a partir dessa luta, como o artigo “Sobre o Tratamento Correto das Contradições no Seio do Povo” de 1957, onde são esclarecidas as diferenças entre contradições antagônicas e não-antagônicas e como resolver cada uma delas, e o documento “Viva o Leninismo!” de 1960, onde reafirmam claramente os princípios do marxismo-leninismo em contraposição às posições de Khrushchev. A luta contra o revisionismo moderno de Khrushchev, assim como as lutas contra os revisionismos passados, como de Bernstein, impulsionou o desenvolvimento ideológico dos partidos comunistas na defesa do marxismo genuinamente revolucionário, na percepção destes, promovendo um trabalho de “separar o joio do trigo” ao desmascarar as posições oportunistas opostas aos princípios provados na prática histórica dos comunistas.

A luta contra o revisionismo se desenvolveu de forma dialética: quanto mais os revisionistas soviéticos apresentavam suas teses opostas ao marxismo, mais os comunistas chineses defendiam os princípios e, conseqüentemente, alcançavam novos patamares no desenvolvimento ideológico. Em 1961, durante o XXII Congresso do PCUS, foram consolidadas as teses que ficaram conhecidas como os “Dois Todos” e as “Três Pacíficas”, que representarão a síntese das posições revisionistas promovidas pela direção de Khrushchev. Devido à importância dessas teses para a compreensão do Grande Debate, trazemos a explicação a seguir:

Foi ali que formalizaram suas duas teses para a liquidação interna do socialismo, conhecidas como “Os Dois Todos”: a primeira, o “Estado de todo o povo”, uma teoria que declarava que, como as classes exploradoras haviam sido liquidadas, a luta de classes na URSS havia terminado. Conseqüentemente, o Estado não precisava mais ser uma ditadura do proletariado (o instrumento de poder da classe operária para reprimir a burguesia). Em vez disso, teria se tornado um Estado que representava harmoniosamente os interesses de todos: operários, camponeses e intelectuais. A segunda tese, decorrente da primeira, foi a do “Partido de todo o povo”. Seguindo a mesma lógica, afirmava que o Partido Comunista deixava de ser a vanguarda exclusiva da classe operária para se tornar o representante de toda a nação.

Ao mesmo tempo, reintroduziram com força total seu programa para o desmonte da revolução mundial, as “Três Pacíficas”: a primeira, “Coexistência pacífica”, foi elevada à principal doutrina da política externa. Propagava que o socialismo e o imperialismo poderiam coexistir e competir por todo o sempre sem uma guerra

inevitável, substituindo a luta de classes internacional por uma disputa entre sistemas, além disso, propugnava, no interno de cada país, a colaboração de classes entre proletariado e burguesia. A segunda, “Transição pacífica”, era a orientação para os Partidos Comunistas nos países capitalistas. Defendia que, em muitos casos, seria possível chegar ao socialismo por via parlamentar, através de vitórias eleitorais, negando o princípio marxista universal da violência revolucionária como o único método para derrubar o poder da burguesia. Por fim, a “Emulação pacífica” afirmava que a vitória mundial do socialismo ocorreria quando este provasse sua superioridade econômica e tecnológica frente ao imperialismo. A URSS, ao se tornar mais rica que os países capitalistas, “convenceria” os povos a adotarem o socialismo, tornando a luta revolucionária um fator secundário. (Fragoso, 2026, p. 375-376)

As teses revisionistas do PCUS foram adotadas por quase todos os partidos que governavam os países do chamado campo socialista, como na Hungria, Polônia e Tchecoslováquia, e na imensa maioria dos partidos comunistas do resto do mundo, como na França, Itália, EUA e Brasil. Tais teses eram entendidas como a compreensão “oficial”, defendê-las era uma consequência lógica: se o grande PCUS, fundador do primeiro Estado socialista da história, estava defendendo aquilo, como alguém poderia opor-se a essa linha? A oposição, assim como em momentos anteriores, era encarada como fracionalismo, e que, portanto, era encarada como uma ação de sabotagem que precisava ser reprimida de maneira administrativa, i.e., com a expulsão de seus membros.

Uma das expressões do revisionismo, de acordo com os comunistas chineses, adotadas nas linhas políticas dos partidos comunistas da América Latina foi a defesa das supostas burguesias nacionais para promover o desenvolvimento do capitalismo, julgado como necessário para uma futura revolução socialista. Entendendo que os países latino-americanos possuíam uma forma de capitalismo “atrasado”, que não haviam passado por revoluções burguesas (aos moldes das revoluções francesa e estadunidense), interpretavam como necessário passar primeiro por transformações democráticas (por meio do parlamento), e que, logicamente, quem seria responsável por isso seriam as burguesias nacionais. Essa interpretação foi adotada pelo Partido Comunista do Brasil ao apoiar Vargas, por exemplo, e se diferenciava da tese maoista (com elementos já definidos por Lenin anteriormente) de “Revolução de Nova Democracia”. Nessa tese, a burguesia havia deixado de ser uma classe revolucionária após a Revolução Russa, i.e., não seria capaz de dirigir uma revolução, mesmo em países coloniais e semicoloniais. As tarefas da revolução burguesa (o fim do latifúndio e das relações feudais e semifeudais no campo, a independência nacional, os direitos democráticos, etc.), portanto, passavam à responsabilidade do proletariado:

[A] nova revolução burguesa ou revolução democrático-nacional, ou revolução burguesa de novo tipo, sob a direção do proletariado, que é a única perspectiva histórica do país. Os burgueses, por razões históricas, não têm podido cumprir com seu papel no país; mas depois do ano [19]18 insurge o proletariado politicamente organizado e arrebatou a burguesia da condução histórica do processo revolucionário, como única classe que pode cumpri-la. Portanto, a revolução no país, a destruição da feudalidade e do domínio imperialista, só pode cumprir-se a partir do ano [1928, fundação do Partido Comunista do Peru] mediante uma revolução democrático-nacional e sob a direção do proletariado, classe que para cumprir sua função histórica tem que unir-se com o campesinato em uma sólida aliança operário-camponesa, por ser o campesinato a majoritária força principal ainda que não dirigente no processo. (Guzmán, 2025)

É desse contexto que devem a importância da oposição firme do Partido Comunista da China (PCCh) e do Partido do Trabalho da Albânia (PTA), primeiro como luta de duas linhas fraternal entre partidos, e depois como luta aberta contra a usurpação do Partido e Estado soviéticos. Esses partidos serviram como a referência para os marxistas-leninistas do resto do mundo que divergiam da posição de Moscou para resistir à ascensão do revisionismo em suas próprias fileiras, de que sim era possível defender os princípios que consideravam verdadeiramente revolucionários do marxismo.

Se as camarilhas revisionistas entrincheiradas no poder na maioria dos países “socialistas” se alinharam à traição de Moscou, o mesmo não se pode dizer do Movimento Comunista Internacional e das massas mais profundas e exploradas. Pelo contrário, o Grande Debate iniciado pelo Presidente Mao e pelo Partido Comunista da China provocou uma demarcação de campos histórica em escala mundial. Em todo o planeta, **os verdadeiros revolucionários romperam com o pântano do revisionismo e fundaram novos Partidos Comunistas, que orgulhosamente acrescentavam a designação “(Marxista-Leninista)” aos seus nomes para se distinguirem dos partidos oportunistas e traidores alinhados a Moscou** e para reivindicar a bandeira vermelha de Marx, Engels, Lenin e Stalin. O que começou com núcleos pequenos e resolutos, explodiu numa poderosa corrente durante a grande tempestade revolucionária dos anos 60. A juventude e os estudantes, cansados do reformismo e do burocratismo dos velhos partidos pró-soviéticos, **viram no pensamento maotsetung (como era chamado o maoísmo à época) uma lufada de ar fresco revolucionário, a única alternativa genuína e combativa.** (Fragoso, 2026, p. 384, grifos nossos)

É esse contexto que se torna chave para compreender o que aconteceu na Bolívia nos anos sessenta. Como será exposto no capítulo 4, o Grande Debate teve reverberações também no Partido Comunista da Bolívia (PCB), e o processo que ocorreu em dezenas de outros partidos

comunistas em outros países – adoção das teses revisionistas por parte da direção, núcleos de resistência a essas teses, uso de métodos administrativos contra aqueles que se posicionaram em defesa de Stalin e do marxismo-leninismo, inspiração no exemplo dos comunistas chineses, e finalmente cisão com o revisionismo e formação de um novo partido – também ocorreu na Bolívia. O caso boliviano, inclusive, se encontra como um exemplo cristalino do que foi mencionado na citação acima: a partir de pequenos grupos dentro do PCB, militantes estudaram os documentos elaborados pelo PCCh, se forjaram ideologicamente, até que no curso da “grande tempestade revolucionária dos anos 60” decidem por fundar um novo (ou, na sua compreensão, reivindicar o verdadeiro) Partido Comunista, agora sob a nomenclatura: Partido Comunista da Bolívia (Marxista-Leninista).

3. PRIMÓRDIOS DO MOVIMENTO COMUNISTA NA BOLÍVIA

Estabelecer uma data ou uma organização como o início do movimento comunista na Bolívia é uma tarefa difícil, não só pelos problemas a respeito da disponibilidade (ou melhor, da falta) de materiais, mas também como se desenvolveu esse processo no país. Assim como em outros países latino-americanos, as ideias marxistas começam a chegar com maior força na Bolívia após a Revolução Russa de 1917 (Echazu, 2021, p. 11) e, ao chegarem, diversos grupos se lançaram à tarefa de construir organizações revolucionárias tendo como base o marxismo. Parte desses grupos certamente tiveram suas experiências perdidas com o tempo, seja pelo seu reduzido número de membros, ou pela necessidade de manter uma organização secreta, não só para resistir à repressão política, mas como forma de tentar aplicar os fundamentos teóricos e práticos desenvolvidos pelo MCI até então.

De acordo com o livro “Historia del Partido Comunista (M-L-M)” (Echazu, 2021), foram quatro as organizações mais importantes e relevantes (no sentido de apreensão da teoria revolucionária, e de sua prática política): o Partido Comunista (Comitê Executivo), o Partido Socialista Revolucionário, o Partido Trabalhista, e o Partido Socialista Operário da Bolívia (PSOB)¹⁰. Porém, a partir de correspondências entre os diferentes comitês e birôs de direção da Internacional Comunista, em especial, do Secretariado Sul-Americano, temos algumas pistas da existência de um pequeno movimento comunista boliviano já nos anos vinte e trinta. Na primeira seção deste capítulo, faremos uma breve contextualização sobre a importância dos exercícios de balanço histórico para o Movimento Comunista Internacional, como uma prática recorrente de partidos e organizações para tirar lições relevantes à construção de seu próprio movimento revolucionário. Em seguida, iremos apresentar rapidamente as primeiras ideias e organizações marxistas na Bolívia e suas relações com a Internacional Comunista. Por fim, a última seção tratará sobre a fundação tardia do Partido Comunista da Bolívia (PCB) em 1950, e as primeiras lutas ideológicas enfrentadas em suas fileiras.

3.1. Balanços Históricos no Movimento Comunista

Apesar de parecer uma obviedade, é central compreender que a análise histórica dos fenômenos não é mero apêndice no marxismo, e sim, parte fundamental. Uma das formas como isso se expressa na prática dos movimentos comunistas é no exercício de análise

¹⁰ Os nomes originais são: Partido Comunista (Comité Ejecutivo); Partido Socialista Revolucionario; Partido Laborista; Partido Socialista Obrero de Bolivia.

histórica de seus próprios países (em geral) e de seu movimento revolucionário (em particular), compreendendo-os sempre como parte integrante da história mundial.

Uma das obras mais importantes da história do MCI é justamente “História do Partido Comunista da União Soviética (Bolcheviques)” (Partido Comunista da União Soviética, 1999), um documento oficial elaborado pelo Partido Comunista soviético em 1938 que tinha como um de seus objetivos analisar e fazer um balanço sobre a história do movimento revolucionário russo até então. Esta obra, encomendada e compreendida como tarefa política pelo Comitê Central do partido, tinha como novidade alguns fatores: 1) tornar conhecimento público a história que até poucos anos antes era majoritariamente clandestina e desconhecida; 2) fazer a análise a partir da compreensão marxista-leninista, através de seus termos e dando maior ênfase aos aspectos políticos e ideológicos, às posições, do que a fatores como personalidade de indivíduos, por exemplo.

A partir dessa obra, foi estabelecido um precedente prático do que cada partido e organização presumidamente comunista deveria fazer, e também como deveria fazê-lo. Alguns exemplos desses esforços são:

- William Z. Foster, um dos mais importantes dirigentes do Partido Comunista dos Estados Unidos (PCEU) dos anos vinte aos sessenta (faleceu em 1961, tendo assumido a posição revisionista já em 1956), escreveu a obra “History of the Three Internationals” (Foster, 1955), onde expôs a história das três Internacionais, desde a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) de 1848, até o período contemporâneo da obra, tratando não só sobre as lutas que se deram no seio dessas organizações, mas no movimento comunista como um todo.
- Como parte dos esforços pela chamada “reconstituição”¹¹ do Partido Comunista do Peru (PCP), a direção do PCP elaborou diversos documentos ao longo do tempo tratando sobre a história do país e, principalmente, sobre a história do movimento revolucionário peruano, fazendo um balanço sobre a vida de José Carlos Mariátegui e

¹¹ A partir dos anos setenta, o Partido Comunista do Peru (PCP) passará a utilizar o conceito de “reconstituição” do partido comunista como guia do processo que se travava entre os antirrevisionistas contra o revisionismo. É difícil encontrar uma definição exata do que seria essa reconstituição, mas o que se pode entender através da leitura dos documentos internos do PCP, principalmente, a partir dos anos setenta, e também dos documentos públicos encontrados na internet de organizações que defendem o maoísmo hoje, é que a reconstituição é o processo de luta por romper com o revisionismo (que, assim como hoje, na época formava a principal linha política dos partidos comunistas) para reestabelecer o genuíno partido comunista. Podemos utilizar o seguinte exemplo que ajudará a compreender essa ideia: a ideia de fundar um partido pressupõe que ele nunca existiu antes, porém, os maoístas compreendem que sim, apesar do revisionismo, já existiu um genuíno partido comunista no seu país, assim como “refundá-lo” não cabe, já que apesar dos problemas o Partido não pode ser destruído ou deixar de existir para que aí seja refundado. Portanto, o que urge é a reconstituição do seu partido, rompendo com o revisionismo, restabelecendo uma linha política correta e revolucionária comprovada na prática histórica, para que o seu partido volte a ser capaz de dirigir a luta política e conduzir à revolução.

defendendo a necessidade de retomar as ideias deste que é considerado o fundador do marxismo-leninismo no Peru, rompendo com as chamadas deturpações revisionistas que ocorreram após a sua morte em 1930.

- Em 2016, é publicado no Brasil a obra “Problemas da História do Partido Comunista do Brasil”, escrita pelo Núcleo de Estudos do Marxismo-leninismo-maoismo (Núcleo de Estudos do Marxismo-Leninismo-Maoismo, 2016). Este livro consegue condensar e explorar a experiência do movimento comunista brasileiro de maneira bastante didática, demonstrando um domínio e uma aplicação bastante rigorosa do marxismo para compreender as diferentes etapas e lutas de sua história. O livro trata desde os antecedentes da fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) até aproximadamente os anos oitenta, ou seja, até o fim da Guerrilha do Araguaia e o que tratam como a traição revisionista de João Amazonas no Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Os autores fizeram o esforço de analisar a história dos comunistas no Brasil não a partir dos indivíduos, e sim, a partir das posições e lutas travadas. Também compreenderam a história não centrada nas siglas oficiais do que em determinado momento era chamado de “Partido Comunista”, dando ênfase ao aspecto ideológico dessas organizações, tratando isto como principal.

De todas as obras mencionadas, a que se mostra como o melhor exemplo de uma análise útil para o desenvolvimento de um movimento revolucionário de inspiração maoista é a do NEMLM. Isto porque, como mencionado anteriormente, há uma ruptura com a análise historiográfica burguesa ao colocar em primeiro plano a chamada “luta de duas linhas”¹² na história do movimento comunista, o que nos traz explicações mais profundas, no entendimento do maoismo, sobre os diferentes problemas surgidos ao longo de sua história.

Para o presente trabalho, o livro “Historia del Partido Comunista (M-L-M)” (Echazu, 2021) será uma das principais referências para buscarmos informações sobre o movimento comunista boliviano. Porém, apesar de ser uma obra produzida por um partido autoproclamado maoista, notam-se problemas na exposição e nas análises feitas pelos autores

¹² Luta de duas linhas: uma das contribuições teóricas de Mao Tsé-tung à teoria marxista. Partindo da compreensão de que a lei da contradição é a “lei fundamental da dialética materialista” (Mao, 1975a), entende também que o Partido Comunista reflete as contradições presentes na sociedade, i.e., a luta de classes também se manifesta em seu seio. Porém, esse reflexo se dá de maneira ideológica e política, com o surgimento de posições, linhas, frações, etc., que podem representar o proletariado (esquerda), a ideologia burguesa (direita), ou vacilantes (centro). A partir dessa compreensão, defende-se a necessidade de luta aberta e contínua entre as linhas que se formam no Partido, buscando identificar ao que cada uma representa, depurando as posições direitistas, e fortalecendo as de esquerda. No contexto histórico do MCI, esse entendimento se mostrou importante tendo em vista a tendência a combater posições “estranhas” à direção através de métodos burocráticos e administrativos, com o simples silenciamento ou até expulsão de membros, sem esgotar o debate, dessa forma limitando o desenvolvimento da linha política do Partido.

que, quando relevante, serão apontadas na presente monografia. Os problemas se tornam mais evidentes ao compararmos justamente com a obra do NEMLM, pois que é dada demasiada ênfase nas histórias dos indivíduos e querelas enfrentadas que pouquíssimo agregam na compreensão histórica. Um exemplo é logo no início do livro boliviano, quando trata sobre as origens do seu movimento comunista, os autores dedicam mais tempo fazendo breves biografias sobre algumas poucas personalidades presentes nesse processo, mas sem grandes avaliações políticas sobre suas posições, o que defendiam, e como essas posições influenciaram o restante do movimento¹³. Quando posto em perspectiva, pouco espaço é dedicado, por exemplo, a entender se e como o pensamento de José Carlos Mariátegui influenciou o incipiente movimento boliviano, mas várias páginas incluem trechos de entrevistas e relatos sobre como ocorreram congressos, reuniões, servindo principalmente para ilustrar mais o aspecto organizativo do processo, mas pouquíssimo para elucidar o aspecto político e ideológico.

Outro problema importante na obra “Historia del Partido Comunista (M-L-M)” é a aplicação do maoísmo na análise da história do movimento comunista boliviano, no caso, os erros nessa aplicação. É relevante destacar que, apesar do fato de que o Partido que assina a autoria do livro (Partido Comunista de Bolivia [Marxista-Leninista-Maoista], PCB [M-L-M]) se autoproclamar maoista, a prática e as posições ideológicas deste não condizem com as práticas e posições de outras organizações maoistas históricas. Desde problemas de concepção, como a não compreensão de conceitos centrais caros ao maoísmo como “guerra popular” e “capitalismo burocrático” (algo que se torna evidente a partir do momento que se conhecem esses conceitos e se compara com as análises feitas no decorrer do livro), até questões mais controversas, como a posição de firme apoio a Evo Morales desde antes de sua eleição em 2006 até hoje em 2026, defendendo o chamado “proceso de cambio” (“processo de mudança”, nome do projeto de governo iniciado na sua primeira candidatura) como uma necessidade para criar as condições propícias para uma revolução. Essa posição, por

¹³ Quando tratam sobre suas posições, por exemplo, no caso de Sergio Almaraz Paz, que foi um dos fundadores do PCB em 1950, as primeiras cinco páginas do capítulo são dedicadas a uma exposição um tanto estranha, que inicia mencionando que ele fazia parte da juventude do Partido de la Izquierda Revolucionaria (PIR), reconhecido por ser um intelectual destacado, mas que possuía “opiniões ‘heterodoxas’” (Echazu, 2021, p. 28), sem, no entanto, descrever que posições eram estas. Segue, então, a denúncia de que ele mantinha relações com o Serviço de Informações dos Estados Unidos (USIS), e trechos extensos de livros e entrevistas falando sobre ele. Porém, não é explicitado quais opiniões “heterodoxas” seriam essas, além de serem posições nacionalistas próximas ao Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), ou desvios individuais relatados da seguinte forma no livro: “Almaraz manifestou muitas vezes, assim contam aquelas pessoas que estiveram próximas a ele, que não podia ser um verdadeiro comunista, pois gostava muito das comodidades e era agarrado aos prazeres burgueses”. Assim, pouco se obtém de útil a respeito das lutas de duas linhas travadas no início do PCB, e o mesmo tipo de exposição e análise se repete ao longo do livro.

exemplo, desde o início foi bastante questionada e criticada internacionalmente pelo restante do movimento maoísta, algo que se tornou mais agudo a partir de 2008 quando surge uma organização chamada “Frente Revolucionario del Pueblo de Bolivia MLM” (FRP-MLM) que, também reivindicando o maoísmo na Bolívia, passa a publicar declarações críticas não só ao governo de Evo Morales, mas também diretamente ao PCB (M-L-M).

Nos três anos seguintes, declarações críticas mútuas foram emitidas e publicadas em *blogs* de divulgação maoísta, porém, em 2011 ocorre um divisor de águas entre os bolivianos e o restante do MCI: em maio, o partido emite uma declaração política intitulada “Los ‘Evangelistas’” (“Os Evangelistas”), onde fazem na prática uma delação de quem estava por trás do FRP-MLM, denunciando que eram peruanos militantes do Partido Comunista do Peru (PCP) atuando clandestinamente em território boliviano, nomeando as organizações que faziam parte e os trabalhos que realizavam. Em agosto, o governo boliviano (na época, sob presidência de Evo Morales) detém quatro pessoas acusadas de fazerem parte dessa organização e se iniciam conversações com o governo peruano para extradição destes, sob acusações de terrorismo¹⁴. Imediatamente, iniciou-se um movimento internacional de solidariedade aos presos¹⁵ e, ao mesmo tempo, um grande rechaço ao PCB (M-L-M) pela sua atuação delatora; com o apoio explícito e programático dado pelo partido ao governo de Morales, alguns de seus dirigentes haviam alcançado postos importantes na estrutura governamental, o mais importante sendo Luis Alberto Echazú, membro do Comitê Central, que trabalhou como Ministro de Mineração e Metalurgia de 2007 a 2010¹⁶ – ministério esse de caráter estratégico para a política e economia bolivianas. Uma prova desse isolamento internacional está no próprio livro “Historia del Partido Comunista (M-L-M)”, onde ao final de cada capítulo, os autores escrevem uma seção chamada “Relações Internacionais do Partido neste Período”, porém, no capítulo 10 que trata do período de 2010 a 2015 (que inclui uma seção específica para tratar e, inclusive, justificar a posição do partido nesse episódio¹⁷),

¹⁴ Notícia: “Perú confirma que 3 de los 4 detenidos en Bolivia son de Sendero Luminoso” (acessado em: <https://www.opinion.com.bo/articulo/el-pais/peru-confirma-3-4-detenidos-bolivia-son-sendero-luminoso/20110803142700372296.html>)

¹⁵ “Repudiar a prisão e ameaça de extradição dos quatro ativistas políticos peruanos presos na Bolívia!” (acessado em: <https://dazibaorojo08.blogspot.com/2011/08/repudiar-prisao-e-ameaca-de-extradicao.html>)

¹⁶ “Luis Alberto Echazú: Ministro de Mineração desde 2007 até 2010 e atualmente Gerente Geral da Gerência Nacional de Recursos Evaporíticos, encarregada do negócio do lítio na Bolívia (www.evaporiticosbolivia.org). Guillermo Dalence: Ministro desde outubro de 2006 até 2007. Jorge Echazú Alvarado: representante do governo boliviano no diretório da Cia Elétrica Sucre SA (www.cessasucre.com). Rolando Echazú: mansageiro do Ministério do Trabalho, Emprego e Previdência Social (www.mintrabajo.gob.bo/PersonalDependiente.asp)”. Acessado em:

<https://anovademocracia.com.br/materias-impressas/plano-orinoca-o-macartismo-do-qprocesso-de-mudanca/>

¹⁷ Em uma nota de rodapé escrevem: “O FPR-MLM, está constituído por um grupo de cidadãos peruanos que, fugindo da perseguição contra o Partido Comunista do Peru que se encontrava em curso do enfrentamento militar com o governo peruano, pretendeu utilizar o prestígio revolucionário do PCP, para instalar uma sucursal

a seção toma basicamente uma página; já no capítulo seguinte (de 2015 a 2018), a seção possui apenas três parágrafos, menos de meia página, onde dizem:

“Em razão da atual grande dispersão existente no Movimento Comunista Internacional (MCI), como consequência das graves derrotas históricas do século XX, o Partido decidiu tomar uma linha de independência político-ideológica enquanto se possa reconstruir, em todos os países, aquele grande Movimento Comunista Internacional, como continuação orgânica da Terceira Internacional comunista de V. I. Lenin, J. V. Stalin e Mao Tsé-tung”¹⁸ (Echazu, 2021, p. 622, tradução nossa)

Apesar dessa suposta decisão de manter uma independência político-ideológica, nos capítulos seguintes os autores mencionam os demais encontros e tentativas de contatos com organizações políticas internacionais, mas não mais com outros maoistas. Mais recentemente, o partido enviou uma delegação¹⁹ para a fundação da “Sovintern” na Rússia, organização internacional fundada por iniciativa do partido “Rússia Justa” (“Spravedlivaya Rossiya”), que possui uma constituição bastante eclética e controversa: desde o “American Communist Party” (ACP), descrito como tendo uma posição ideológica chamada de “comunismo MAGA” (“MAGA Communism”) devido suas posições conservadoras, até ao fato de que a abertura do encontro contou com uma declaração do presidente russo Vladimir Putin (Evo Morales também enviou um vídeo de declaração que foi exibido no evento, segundo notícia publicada no jornal oficial do Partido, “Liberación”, edição 225).

É importante pontuar todas essas questões por alguns motivos. Primeiro, para demonstrar o valor do presente trabalho, pois não se trata de mera repetição de relatos e análises que já foram feitas pelos PCB (M-L-M), e sim, de análise própria, muitas vezes em contraposição à dos autores. E segundo, para esclarecer aos leitores por que das contradições que serão expostas nos capítulos seguintes sobre a história dos comunistas na Bolívia.

Tendo em vista tudo isso, a importância de uma análise que parta das lutas de duas linhas desenvolvidas ao longo da história do movimento comunista boliviano se dá pelo fato de até hoje não ter sido feita, ou, ao menos, não de maneira coerente. Essa inexistência mantém um

na Bolívia às margens da situação política específica da Bolívia. **Naturalmente esse grupo de ‘asilados’, quando faziam propaganda ‘maoista’ contra o governo boliviano de Evo Morales, foram expulsos do país.**” (Echazu, 2021, nota de rodapé 203, p. 538, grifos nossos).

¹⁸ Original em espanhol: “Con motivo de la actual gran dispersión existente en el Movimiento Comunista Internacional (MCI), como consecuencia de las graves derrotas históricas del siglo XX, el Partido decidió tomar una línea de independencia político-ideológica mientras se pueda reconstruir, en todos los países, aquel gran Movimiento Comunista Internacional, como continuación orgánica de la Tercera Internacional comunista de V. I. Lenin, J. V. Stalin y Mao Tse-tung.”

¹⁹ “La Estrella Roja Del Socialismo Brilla en La Nieve Moscovita: Concluyó El Encuentro Internacional Sovintern Exhortando a La Unidad Para Pasar De La Resistencia a La Ofensiva Contra El Fascismo”, Liberación 225, 27 de abril de 2026.

vácuo na história do próprio país, dificultando uma compreensão mais profunda sobre a história da luta de classes na Bolívia, o que (para a posição marxista) é justamente o motor de seu desenvolvimento. Como será mostrado nos capítulos seguintes, sim houve quadros revolucionários que, apesar de suas dificuldades e erros (tendo em perspectiva a teoria maoista), dedicaram suas vidas à transformação radical da sociedade boliviana, que compreendiam de alguma forma não só os problemas da revolução boliviana, mas também da revolução mundial, e se viam como parte desta. Assim sendo, além do esforço realizado para encontrar o máximo de materiais possíveis para embasar esta pesquisa, também será feito o esforço de, a partir desses materiais, buscar identificar as posições ideológicas que se encontravam na direção do movimento. Posto isso, agora sim podemos seguir com a exposição sobre as origens do Movimento Comunista Boliviano.

3.2. Primeiras Ideias e Organizações

Existem poucos registros e documentação que tratem propriamente sobre as origens das ideias marxistas na Bolívia e as diferentes formas de organização que surgiram no país inspiradas pela Revolução Russa. Como mencionado anteriormente, na versão exposta pelo PCB (M-L-M), o livro “Historia del Partido Comunista (M-L-M)” (Echazu, 2021) descreve que as primeiras ideias surgem após 1917, mas marca como os primórdios de organização somente a partir dos anos quarenta, principalmente com o Partido de la Izquierda Revolucionaria (PIR). Porém, encontramos evidências de grupos marxistas atuando no país desde pelo menos 1933, quando o Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista enviou uma correspondência ao Secretariado Latino-Americano:

Na Bolívia, foram constituídos uma série de grupos, mas ultimamente o trabalho foi muito debilitado devido ao terror. Um de nossos instrutores foi confinado em um deserto e outro foi expulso do país. **Um dos melhores camaradas, um jovem trabalhador, foi fuzilado.**²⁰ (Jeifets; Schelchkov, 2018, p. 218, tradução e grifo nossos)

²⁰ Original em espanhol: “En Bolivia se han constituido una serie de grupos, pero últimamente el trabajo se ha debilitado mucho debido al terror. Uno de nuestros instructores ha sido confinado en un desierto y el otro expulsado del país. Uno de los mejores camaradas, un joven obrero, ha sido fusilado.”

No livro “Komintern y América Latina. En documentos del Archivo de Moscú” (Jeifets; Schelchkov, 2018), os acadêmicos Victor Jeifets e Andrey Schelchkov fizeram uma compilação dos documentos e correspondências da Internacional Comunista²¹ referentes ao trabalho na América Latina, encontrados nos arquivos de Moscou. A partir desses documentos, podemos encontrar algumas menções à Bolívia e ter algumas pistas do trabalho que fora realizado pelos comunistas no país. A primeira referência aos bolivianos que aparece nesse compilado ocorre já em 1921, em uma carta de Henry Allen²² à Internacional, onde é mencionado que os comunistas argentinos possuem um trabalho bastante avançado e que, além de terem trabalhado na constituição do Partido Comunista no Uruguai, também possuía “agentes trabalhando no Brasil, Paraguai, Bolívia, Peru, etc.” (Jeifets; Schelchkov, 2018, p. 24). Em 1926, Vittorio Codovilla informou que

Na Bolívia, apesar da brutal repressão, grupos revolucionários que defendem o comunismo surgiram recentemente; nem sequer sabíamos que existiam. Foram imediatamente dissolvidos pelo governo reacionário, mas as suas ações encontraram eco nas massas trabalhadoras e camponesas, demonstrando que o espírito revolucionário existe dentro delas. (Jeifets; Schelchkov, 2018, p. 79, tradução nossa)²³

Já em novembro de 1930, o Birô Sul-Americano enviou um informe sobre a reunião plena realizada em Montevideu à Internacional. Neste informe, ao tratar sobre o trabalho no Peru (onde já estava mais desenvolvido), afirmam que o país deve servir como centro de referência para os bolivianos e equatorianos e, em uma passagem muito rápida de apenas uma frase, é mencionada a existência de “núcleos do partido” (Jeifets; Schelchkov, 2018, p. 171). Porém, é após o início da Guerra do Chaco em 1932 entre a Bolívia e o Paraguai, que a Internacional passa a dar atenção especial à América Latina em geral, e à Bolívia e ao Paraguai em particular. Nesse contexto, tornava-se ainda mais importante auxiliar e organizar os grupos marxistas que surgiam em ambos os países, como forma de combater a guerra e fomentar uma situação revolucionária. Como mencionado anteriormente, em janeiro de 1933 falava-se

²¹ A Internacional Comunista (também conhecida como Terceira Internacional, ou pela abreviação Comintern) foi uma organização internacional fundada em 1919 por iniciativa do Partido Comunista Russo (Bolcheviques), liderados por Lenin, e de outros partidos que haviam rompido com a social-democracia da Segunda Internacional. A Comintern teve um papel fundamental na constituição de partidos comunistas no mundo todo, principalmente a partir dos anos vinte e trinta, e serviu como centro irradiador das teses leninistas. Para o tema, ver “The Comintern - A History of International Communism from Lenin to Stalin” de Kevin McDermott e Jeremy Agnew.

²² “[P]seudônimo de Maximilian Cohen, comunista estadunidense enviado à América do Sul pelo Birô Panamericano em 1921” (Jeifets; Schelchkov, 2018, p. 23, tradução nossa)

²³ Original em francês: “En Bolivie, malgré la répression brutale, des groupes révolutionnaires défendant le communisme a surgi dernièrement ; nous ne les connaissions même pas. Ils ont été dissous aussitôt par le gouvernement réactionnaire, mais leur action a rencontré un écho dans la masse ouvrière et paysanne, démontrant que l’esprit révolutionnaire existe dans cette masse.”

em “uma série de grupos” na Bolívia, algo repetido no ano seguinte no informe do Secretariado Sul-Americano (SSA) ao Secretariado Latino-Americano (SLA):

A situação na Bolívia e no Paraguai é extremamente difícil e séria. Temos chamado a atenção dos partidos sobre as sublevações indígenas. A consigna dos demagogos belicistas em ambos os países é: terminada a guerra, marcharemos em direção ao socialismo. Se faz uma demagogia feroz contra a "retaguarda" no que caem frequentemente também os nossos companheiros.

Na Bolívia temos diversos grupos, mas não conseguimos nada parecido como no Paraguai. Não temos nem direção e nem quadros. O nível político é espantosamente baixo.²⁴ (Jeifets; Schelchkov, 2018, p. 262, tradução nossa, grifo nosso)

Contudo, é em uma comunicação de março de 1934 que a informação mais curiosa aparece. No documento “Cuadro Orgánico de los Partidos” (“Quadro Orgânico dos Partidos”) é feito um informe sobre os números de militantes e as estruturas partidárias existentes em alguns países latino-americanos, entre eles, o caso boliviano. Ao relatar sobre a Bolívia, confirmam a existência de “[n]úcleos dispersos em La Paz (20), Potosí (15-20), Cochabamba (30), Oruro (15), mas não há uma direção central, não há um trabalho partidário persistente (a maioria trabalha como grupos de estudos), e o nível político é muito baixo.”²⁵ (Jeifets; Schelchkov, 2018, p. 269, tradução nossa).

A importância desse e dos demais informes se dá pela confirmação da existência (e persistência) desses pequenos grupos que, aparentemente, serviam principalmente para estudo e discussão do marxismo. Nesse informe de 1934, por exemplo, temos aproximadamente oitenta pessoas na Bolívia organizadas em grupos de estudo em algumas das principais cidades do país, isso com o conhecimento da Internacional. Isso sem contar com a possibilidade da existência de grupos em outros lugares, grupos menores, ou até indivíduos que de alguma forma (através do contato com literatura proveniente do Peru ou da Argentina, onde o movimento comunista se encontrava mais avançado, por exemplo) tinham interesse no marxismo, mas se encontravam dispersos.

Algo que chama a atenção a partir dessas informações é o fato de muito pouco ter sido registrado e descoberto sobre essas experiências iniciais, sobre quem eram essas pessoas, o

²⁴ Original em espanhol: “La situación en Bolivia y Paraguay es extremadamente difícil y seria. Hemos llamado la atención de los partidos sobre las sublevaciones indígenas. La consigna de los demagogos guerrilleros en ambos países es: terminada la guerra, marcharemos hacia el socialismo. Se hace una demagogia feroz contra la “retaguardia” en lo que caen frecuentemente también nuestros compañeros.

En Bolivia tenemos diversos grupos, pero no hemos obtenido nada de parecido con Paraguay. No tenemos ni dirección ni cuadros. El nivel político es espantosamente bajo.”

²⁵ Original em espanhol: “Núcleos dispersos en La Paz (20), Potosí (15-20), Cochabamba (30), Oruro (15), pero no hay una dirección central, no hay un trabajo partidario persistente (la mayoría trabajan como círculos de auto-capacitación) y el nivel político es muy bajo.”

quão avançados eram os grupos de estudos (pode-se supor que não eram muito, mas ainda assim), se houve esforços por parte dessas pessoas de se engajar em alguma forma de luta política prática, como no movimento antiguerra, pichações, trabalho intelectual, sindical ou camponês, etc. É possível que, assim como grande parte da história boliviana, essas informações persistam apenas de forma oral e, muito provavelmente, aqueles que poderiam ter tais informações já faleceram há tempos. Porém, sabendo que houve um esforço ativo e coordenado por parte da Internacional Comunista, assim como especificamente de militantes peruanos e argentinos, buscando constituir um movimento revolucionário na Bolívia, uma pesquisa especificamente sobre as experiências desses primeiros estudiosos do marxismo no país se torna bastante interessante, já que se, por um lado, autores como o historiador russo Andrei Schelchkov²⁶ escreveram sobre o trabalho na Bolívia a partir da visão da Internacional, um trabalho que busque identificar e relatar a visão daqueles primeiros estudiosos serviria como complemento importante para se ter uma visão holística dessas primeiras experiências.

Segundo Miguel Bonifaz (Bonifaz, 1965, p. 124-125 *apud* Echazu, 2021, p. 11)²⁷, havia na época um chamado “Partido Comunista (Comité Ejecutivo)” que, ao que tudo indica, seria essa organização que mantinha relações com a Internacional. É relatado que essa organização enviou um delegado chamado “Mendizábal” (pseudônimo de Ninkaules [ou Nikauls], militante comunista boliviano que, aparentemente, foi morto pelo governo boliviano por volta de 1933) à Primeira Conferência Comunista Latino-Americana em Buenos Aires, entre os dias 1 e 12 de junho de 1929. Também segundo o relato, alguns dos membros dessa organização eram José Aguirre Gainsborg, Luciano Durán Boger, Adalberto Valdivia Rolón, e Walter Pedro Alvarado. Algumas informações sobre essa experiência são encontradas na obra “Historia del P.O.R.” de Guillermo Lora (Lora, 1998), principal militante trotskista da Bolívia e dirigente do Partido Obrero Revolucionario (POR). São relatados fatos muito importantes sobre o início do movimento comunista boliviano, porém, pela posição política dos autores (trotskismo), as análises também são bastante negativas e se baseiam principalmente nas denúncias de stalinismo, mas igualmente cabe ressaltar que a Bolívia possui larga história com o trotskismo, desde os anos trinta com a fundação de partidos antes mesmo da fundação do PCB, até nos anos setenta com sua participação na Assembleia

²⁶ Historiador russo que publicou alguns artigos sobre o movimento comunista latino-americano, sendo o caso boliviano tópico central de alguns de seus trabalhos, como o livro “Historia de las izquierdas bolivianas. Archivos y documentos (1920-1940)” de 2016. Infelizmente, parte desses trabalhos, incluindo o livro mencionado, não estão disponíveis na íntegra na internet, apenas como referências, prévias com sumário, ou (com bastante dificuldade) em versões em russo.

²⁷ Referência original: “Bolivia: frustración y destino”. Miguel Bonifaz, 1965.

Popular. Como o objetivo deste trabalho não tem como foco principal esse período, não adentraremos mais a fundo sobre essas experiências, deixando o tema apenas como recomendação para futuras pesquisas.

Por fim, houve também a experiência do Partido de la Izquierda Revolucionaria (Partido da Esquerda Revolucionária, PIR), fundado em julho de 1940 a partir da unificação de algumas organizações de esquerda do país (Echazu, 2021, p. 15). Nos documentos fundamentais do partido (“La Introducción Sociológica” e “El Programa de Principios del Partido”), estabeleciam que tinham o marxismo como base ideológica, indicando inclusive que o marxismo “tem fórmulas válidas para todas as sociedades humanas, não nega, em nenhum caso, a possibilidade e até a necessidade de estudar as características específicas de cada nação [...]” (PIR, 1941 *apud* Echazu, 2021, p. 17, tradução nossa)²⁸. No Programa do PIR, os autores expõem uma interpretação sobre a história boliviana a partir do marxismo (se é coerente ou não, não cabe a este trabalho refletir), um esforço muito importante para a construção da linha política que os revolucionários iriam seguir. Na Declaração de Princípios, defendem de maneira inequívoca o princípio da universalidade da luta de classes, afirmando:

O argumento de que para o desenvolvimento do Socialismo é necessário um processo maduro capitalista e o fato de não existir na Bolívia uma burguesia nacional caracterizada, tem levado a que, por uma insuficiente informação teórica e um estudo parcial do problema, se afirme que na Bolívia não se cumpre o fenômeno da luta de classes; [...] Porém, é necessário advertir, por um lado, que a divisão da sociedade em classes com interesses antagônicos é um fenômeno universal, e por outro, no grau atual de evolução do mundo, nenhuma região se encontra desvinculada dos acontecimentos internacionais [...]. (PIR, 1941 *apud* Echazu, 2021, p. 20, tradução nossa)²⁹

O PIR foi, pelo menos durante os anos quarenta, um dos principais partidos da esquerda boliviana, com alcance nacional, e que possuía certo grau de definição ideológica, ainda que não suficientemente marxista para ser aceito como Seção da Internacional Comunista³⁰. A direção do partido era composta principalmente pela pequena-burguesia, como figuras universitárias e intelectuais em geral, o que em parte explica as vacilações ideológicas posteriores e o oportunismo político evidente nas relações com os demais partidos da

²⁸ Referência original: “Programa y Estatutos del PIR”. Editorial Trabajo. La Paz-Bolívia 1941. Págs. 5-6

²⁹ Referência original: “Programa y Estatutos”. Declaración de Principios. Pág. 44.

³⁰ Os Partidos Comunistas durante a década de vinte eram reconhecidos como seções nacionais da Internacional, compreendendo-a praticamente como sendo o “partido comunista mundial”. Por esse motivo, o nome original do Partido Comunista do Brasil, por exemplo, era “Partido Comunista - Seção Brasileira da Internacional Comunista”.

Bolívia³¹. Assim como os demais grupos e militantes de esquerda nos anos vinte e trinta, o PIR também sofreu com a brutal perseguição por parte dos diferentes governos bolivianos, com prisões, torturas e assassinatos sendo relatados na literatura. Apesar das influências marxistas e da dura repressão enfrentada por seus membros, nos anos posteriores à Segunda Guerra o PIR passou a se envolver nas tramoias e negociações da política oficial, tendo um de seus pontos mais altos (ou mais baixo) a participação do partido em ministérios no governo de Enrique Hertzog, presidente que representava as antigas oligarquias bolivianas, a partir de 1947. Com o tempo, o partido perde força popular e coesão interna, e parte de sua juventude iniciará os esforços por fundar um novo partido, reivindicando as posições marxistas originais, dessa vez adotando um novo nome: Partido Comunista de Bolívia (PCB).

3.3. Fundação do Partido Comunista da Bolívia

O dia 17 de janeiro de 1950 é marcado como a data oficial da fundação do PCB, porém, a importância e significado desse marco é questionado por parte dos militantes daquele período. Em 1983, é publicado em uma das edições da revista “Unidad” do PCB (nessa época, já havia se firmado como partido revisionista de orientação soviética) uma entrevista com Luís Tellería (conhecido como “Telleco”, um dos fundadores do partido), onde ele argumenta que o processo de fundação do Partido havia se iniciado pelo menos já em dezembro de 1949:

A fundação do Partido foi em dezembro de 1949, na oficina do alfaiate Florentino Chávez, às oito da noite se realiza a primeira reunião, na praça Murillo, em frente ao cinema París. Os assistentes eram 22, entre os presentes estavam Sergio Almaraz, Néstor Taboada Terán, José Pereira, Ismael Pereira, Luís Tellería, Juan Albarracín Millán, Félix Clavijo, os irmãos Ortega, os irmãos Ralde, Florentino Chávez, Guillermo Tarifa, Torrez, Luján, Guido Vargas, e outros mais, que decidiram constituir o PCB, por decisão e vontade dos presentes. Se decidiu constituir um secretariado com Sergio Almaraz, José Pereira, e Jorge Alejandro Ovando. Nos foi anunciado que Ovando chegaria ao Chile (ou do Chile, não fica claro). Posteriormente esse núcleo se fortaleceu com Ramiro Otero, Hugo Zuleta, Luís Lucksik, Manuel Miranda, Gladys Guevara, Guillermo Torrelio, Gonzalo Ramírez, etc. Depois dessa fundação, se somaram outros camaradas que foram enviados à reunião da FMJD (Federação Mundial de Juventudes Democráticas),

³¹ Para uma análise marxista sobre o que constitui a pequena-burguesia e suas vacilações ideológicas, ver: “Análise das Classes na Sociedade Chinesa”, Mao Tsé-tung, 1926.

tendo sido encomendada a Víctor Hugo Libera essa tarefa.³² (Tellería, 1983 *apud* Echazu, 2021, p. 36, tradução nossa)

Como dito anteriormente, o grupo que funda o Partido Comunista em 1950 era proveniente da juventude do PIR, fruto das lutas internas e da agudização das contradições presentes na prática e na ideologia do PIR. Se, por um lado, o PIR fora por anos um partido que se posicionava na esquerda da política boliviana, com discursos nacionalistas revolucionários, na segunda metade dos anos quarenta a prática da sua direção não correspondia mais ao seu discurso original. É em uma das células do partido onde se desenvolvem os debates e estudos mais profundos sobre a realidade nacional e, mais importante, sobre o marxismo: a célula Lenin. Segundo relato de José “Joselín” Pereira (Claure, 2014 *apud* Echazu, 2021, p. 32), entre 1944 e 1950 a Célula Lenin foi o organismo político juvenil mais importante para formação de jovens próximos ao marxismo. Essa célula se reunia na casa de Sergio Almaraz Paz, este também um dos fundadores do PCB, funcionava secretamente, e era onde reuniam literatura comunista, como o Manifesto de Marx e Engels (Engels; Marx, 1997).

Ao longo da pesquisa, foram constatadas diversas versões e interpretações distintas sobre os mesmos processos, seja sobre qual a data da fundação, como ocorreu, e até mesmo se a declaração de fundação do PCB significava realmente a constituição de um genuíno Partido Comunista. Entre as informações que se repetem, independente da fonte, consta que seus principais dirigentes eram Sergio Almaraz Paz, José Pereira, e Jorge Alejandro Ovando, provenientes da juventude do PIR. A base social dessa organização é fundamentalmente pequeno-burguesa, seja de jovens intelectuais universitários, seja de artesãos, o que explica em parte as dificuldades iniciais na apreensão do marxismo e na inserção de seus membros nas lutas políticas e econômicas das massas. Compreende-se que, apesar das dificuldades, o ponto de partida desses jovens foi de rechaço da antiga direção do PIR e de suas posições reformistas, de uma aproximação à teoria marxista, e também fruto do contexto internacional de derrota do nazifascismo na Segunda Guerra e enorme prestígio que a União Soviética e Stalin haviam conquistado no período.

³² Original em espanhol: “La fundación del Partido fue en diciembre de 1949, en el taller del sastre Florentino Chávez, a las ocho de la noche se realiza la primera reunión, en la plaza Murillo, frente al cine Paris. Los asistentes eran 22, entre los presentes se encontraban Sergio Almaraz, Néstor Taboada Terán, José Pereira, Ismael Pereira, Luís Tellería, Juan Albarracín Millán, Félix Clavijo, los hermanos Ortega, los hermanos Ralde, Florentino Chávez, Guillermo Tarifa, Torrez, Luján, Guido Vargas y otros más, quienes decidieron constituir el PCB, por decisión y voluntad de los presentes. Se decidió constituir un secretariado por Sergio Almaraz, José Pereira, y Jorge Alejandro Ovando. Se nos anunció que Ovando llegaría a Chile (o de Chile, no se aclara). Posteriormente este núcleo se fortaleció con Ramiro Otero, Hugo Zuleta, Luís Lucksik, Manuel Miranda, Gladys Guevara, Guillermo Torrelío, Gonzalo Ramírez, etc. Después de esa fundación, se sumaron otros camaradas que fueron enviados a la reunión de la FMJD (Federación Mundial de Juventudes Democráticas), habiéndose encomendado a Víctor Hugo Libera esta tarea.”

A posição do livro do PCB (M-L-M) (Echazu, 2021, p. 59) é de que a fundação do PCB em 1950 não representava uma fundação genuína, como um verdadeiro Partido Comunista. Considera que os fundadores do Partido não eram marxistas-leninistas de fato, e sim, oportunistas de origem pequeno-burguesa (principalmente da intelectualidade). Explica que nos primeiros 10 anos (1950 a 1960) o Partido possuía uma fraca compreensão teórica do marxismo e sua análise sobre a realidade boliviana era bastante eclética, misturando interpretações marxistas (principalmente da herança do antigo PIR dos anos quarenta) mas insuficientes, com interpretações revisionistas, e do nacionalismo burguês em voga na época, representado principalmente pelo Movimiento Nacionalista Revolucionario (MNR), partido que toma o protagonismo político a partir dos anos cinquenta, em especial, a partir de 1952, quando sobe ao governo após a chamada Revolução Boliviana.

É nesse primeiro período que são fundados os primeiros comitês partidários pelo país, o que, apesar da análise principalmente negativa dos autores do livro (que colocam como se houvessem praticamente apenas erros e problemas no período³³), nos mostra que houve esforços genuínos por construir o Partido em grande parte do país, tanto nas grandes capitais, como nas regiões mais remotas (é mencionado que na sua primeira participação eleitoral, em 1956, o Partido lançou candidatos a deputados em todos os nove departamentos do país³⁴). Esse esforço, apesar das debilidades orgânicas e, principalmente, ideológicas, representou na prática a existência pela primeira vez de uma estrutura mais ou menos centralizada que representava e difundia as ideias, práticas, e literatura comunista no país. Se antes não havia nada do tipo na imensa maioria do país, o que significava carta-branca para que a reação pudesse agir livremente com suas campanhas anticomunistas de difamação, agora havia ao

³³ Nas diferentes seções do capítulo 2 (Echazú, 2021), repetidamente os autores apontam com desdém os primeiros anos de existência do PCB. Uma possível explicação é que, ao longo do livro (e em outros documentos e publicações do PCB (M-L-M)), os autores defendem uma tese de que o verdadeiro Partido Comunista na Bolívia só foi fundado em 1965, como Partido Comunista de Bolívia (Marxista-Leninista), construindo uma “muralla da China” entre a experiência pré-1965 e o que é fundado posteriormente sob a liderança daquele que consideram seu principal dirigente histórico, Federico Escobar Zapata. Essa análise nos parece equivocada, levando em consideração o que expomos na seção “Balanços Históricos no Movimento Comunista”, já que, mesmo com os erros cometidos pelas direções anteriores que foram pioneiras na construção do movimento comunista no país, esses erros ainda assim fazem parte constitutiva de sua história, mas mais do que isso, ao desconsiderarem essa história como não sendo genuinamente comunista, acabam por manter na escuridão as experiências daqueles militantes que certamente travaram luta interna pela assimilação do marxismo-leninismo na época, e que serão estes (ou, ao menos, influenciarão aqueles) que irão fundar o que eles consideram ser o verdadeiro PCB, sob a nomenclatura de PCB (M-L).

³⁴ Fernando Siñani, Sergio Almaraz, Ramiro Otero, e Mario Monje, em La Paz; Raúl Ruiz González, em Cochabamba; René Chávez Muñoz, no Beni; Oscar Zamora e Rosendo del Castillo, em Tarija; Alfredo Arratia e Abelardo Villalpando em Potosí; Salustio Dorado, Demetrio Gutiérrez, e Hormando Suárez Solano, em Santa Cruz; Roberto Alvarado, e Jorge Kolle, em Chuquisaca; Luís Lucksik, Julio Garret Ayllón, e Hilario Claure, em Oruro; e Eliseo Aguilar, no Pando (Echazu, 2021, p. 50).

menos uma referência concreta para as massas daquelas cidades onde o Partido se fazia presente do que significava “comunismo” e ser “comunista”.

Nesse primeiro decênio, o PCB enfrenta diversos problemas dos quais não tem como fugir. Primeiro, o problema da própria constituição do Partido, surgido da juventude do PIR como dissidência crítica às posições “seguidistas” (i.e., de seguir na traseira do MNR e seu projeto político) que seu partido havia tomado nos últimos anos, quando em 17 de janeiro de 1950 parte dessa juventude decide fundar o Partido Comunista de Bolívia (PCB). Não muito tempo depois, com a contínua deterioração do PIR, um novo grupo de intelectuais chega a romper com o partido e eles próprios decidem fundar um novo Partido Comunista, que ficou conhecido como PC-2, mas que rapidamente será dissolvido enquanto organização e seus membros cooptados ao “PC-1” fundado em janeiro de 1950.

Como se não bastasse a falta de maturidade teórica e experiência prática de seus dirigentes, logo em 1952 ocorre o processo que ficou conhecido como “Revolução Boliviana”, sequência de movimentações políticas, tentativas de golpes, e finalmente levantes populares que levam ao primeiro governo do Movimiento Nacionalista Revolucionario (MNR), sob a presidência de Víctor Paz Estenssoro. O PCB não compôs a direção desse processo, e a sua caracterização foi objeto de grande debate e confusão: o MNR mantinha um discurso aparentemente nacionalista, propõe políticas de nacionalização de certos recursos naturais (principalmente o estanho) e de reforma agrária, porém, já nos primeiros anos demonstrava limites de até onde iriam tais reformas, em especial no que tange sua relação com os Estados Unidos (que apoiou a “revolução”, algo no mínimo suspeito, tendo em vista o histórico conhecido de intervenções estadunidenses para massacrar movimentos revolucionários).

A caracterização de movimentos pretensamente nacionalistas, bastante frequente no século XX na América Latina, foi um grande problema para os partidos comunistas da época, principalmente com a influência do revisionismo, pois, seja na Bolívia com o MNR, ou no Brasil com Vargas, por exemplo, sempre surgiam linhas que defendiam tais processos como sendo genuinamente revolucionários, de uma suposta burguesia nacional que, portanto, promoveria as transformações necessárias para superar o atraso do desenvolvimento político e econômico do país para estabelecer as bases para uma revolução socialista. Como consequência dessa avaliação, parte da direção do PCB (boliviano) passou a defender a “revolução” do MNR como uma verdadeira revolução popular e, como tal, deveria não só defendê-la, mas dedicar seus esforços para legitimá-la e seguir na sua retaguarda. Essa posição não era nenhuma novidade na história do MCI, pelo contrário, era a linha revisionista iniciada por Earl Browder (secretário-geral do Partido Comunista dos Estados Unidos

[PCUSA]), e que nela “[...] já estavam contidos os principais elementos do revisionismo moderno, que logo foi desenvolvido por Tito na Iugoslávia, Togliatti na Itália, Thorez na França, sendo finalmente sistematizado por Kruschov no XX Congresso do PCUS, em 1956” (Núcleo de Estudos do Marxismo-Leninismo-Maoismo, 2016, p. 80). Era, em essência, a crença de que ao apoiar esse governo “nacionalista revolucionário” poderiam influenciá-lo pacificamente para um rumo socialista. Pode-se notar que cronologicamente isso ocorre antes mesmo do Discurso Secreto e do Grande Debate, ou seja, as bases do revisionismo já estavam presentes e representavam a maioria da direção do Partido, problema que se tornará ainda mais grave após 1956.

Coincidentemente, também em 1956, ocorre a expulsão de Sergio Almaraz, aquele que havia sido a principal liderança da juventude do PIR e que até então ocupava a responsabilidade de primeiro-secretário do PCB. Segundo a decisão do Comitê Central publicada no jornal “Unidad”, a expulsão se deu pela “conduta estranha ao Partido”, de ter trabalhado sistematicamente para destruir a “unidade ideológica, política e orgânica e de ação dos comunistas” (Echazu, 2021, p. 44, tradução nossa)³⁵. Com a expulsão, ocorre uma mudança no quadro de direção do Partido, já que outras figuras próximas (orgânica ou ideologicamente) a Almaraz também seriam expulsas nesse período, sendo substituídos pelo que o PCB (M-L-M) chama de *troika* Monje-Kolle-Otero, i.e., Mario Monje Molina, Jorge Kolle Cueto, e Ramiro Otero Lugones. Essa *troika* representará nos anos seguintes a posição de alinhamento com a União Soviética revisionista, e será o principal alvo das críticas da militância antirrevisionista do Partido, em especial, de sua juventude.

³⁵ Original em espanhol: “[...] labor sistemática fraccional y diversionista, de socavamiento de la unidad ideológica, política y orgánica y de acción de los comunistas [...]”.

4. O ANTIRREVISIONISMO NO PCB

A partir da segunda metade dos anos cinquenta, o problema do revisionismo no Partido, partindo do que afirma a teoria maoísta, começa a se manifestar em duas frentes em seu seio: por um lado, a direção revisionista depositava suas energias no apoio ao projeto político do MNR, mesmo com as inúmeras contradições existentes entre o discurso supostamente popular e a prática do governo que representava um aprofundamento do que será compreendido pelo marxismo (mais especificamente, em seu desenvolvimento teórico enquanto marxismo-leninismo-maoísmo) como “capitalismo burocrático”³⁶; por outro, as discussões no MCI sobre as novas teses e rumos que o PCUS estava tomando na União Soviética e as críticas ao processo de “desestalinização”.

No final dos anos cinquenta, o PCB havia crescido em suas bases com os trabalhadores mineiros, uma das categorias mais importantes e com histórico de luta mais ricos na Bolívia. Dentre essas bases, surgiu uma liderança importante: Federico Escobar Zapata. Membro do PCB desde 1957, Federico Escobar trabalhava na famosa mina Siglo XX, uma das maiores minas de estanho do país, até 1952 fora de propriedade de Simón Iturri Patiño (chamado de “Rei do Estanho”, chegou a ser um dos homens mais ricos do planeta), quando foi nacionalizada pelo MNR e posta sob o controle da empresa estatal Corporación Minera de

³⁶ O conceito de capitalismo burocrático é um conceito central do maoísmo e que foi desenvolvido de maneira mais clara por Abimael Guzmán (também conhecido como “Presidente Gonzalo”, direção do Partido Comunista do Peru) a partir de conceitos utilizados por Mao Tsé-tung e por José Carlos Mariátegui. Em resumo, refere-se ao tipo de capitalismo que se desenvolve em países coloniais e semicoloniais, onde as bases do desenvolvimento do capitalismo se dá assentado no latifúndio e na burguesia sujeita ao imperialismo estrangeiro. Nessas sociedades (que inclui não só a China e o Peru, mas também a Bolívia e o Brasil), as classes dominantes são compostas pelo latifúndio, a burguesia compradora (ou intermediária, aquela ligada aos monopólios financeiros, de varejo, um exemplo sendo a empresa Havan), e a burguesia burocrática (que se forma e se mantém intimamente ligada ao Estado, sejam elas empresas estatais, como a Petrobrás, ou empresas privadas que se retroalimentam com o Estado, como a Odebrecht). A burguesia burocrática em diversos momentos (como no próprio caso boliviano) tende a ser confundida como sendo uma burguesia genuinamente nacional (esta existindo apenas como média burguesia, que possui contradições com o proletariado, mas também com o imperialismo, um exemplo comum no Brasil são empresas de refrigerantes, como a Pureza em Santa Catarina, que sofrem com a competição desleal com as gigantes imperialistas como a Coca-Cola), justamente pela sua relação íntima com o Estado, como se esta mantivesse um interesse comum com a “nação”. Porém, essas relações mantêm (e inclusive, necessitam manter) as relações de submissão ao imperialismo, gerando uma dinâmica de alternância no mando dos governos, mas sem alterar sua estrutura fundamental. No caso brasileiro, a título de exemplificação deste conceito, o governo de Juscelino Kubitschek é compreendido como representante clássico da burguesia compradora, já os governos de Getúlio Vargas ou de Ernesto Geisel seriam exemplos de governos representantes dos interesses da burguesia burocrática. Em ambos os casos, um padrão que se mantém é justamente a manutenção da estrutura latifundiária e das relações de produção no campo, grande entrave político e econômico para o desenvolvimento de um país, algo que também caracteriza e diferencia o desenvolvimento dos países de capitalismo burocrático e os países imperialistas que passaram por revoluções burguesas. Ver mais: “Notas sobre el proceso del capitalismo burocrático en los países del tercer mundo” (Movimiento Popular Perú - Comité de Reorganización, 2014 *apud* Revista El Maoísta, 2016); “Problemas da história do Partido Comunista do Brasil” (Núcleo de Estudos do Marxismo-leninismo-maoísmo, 2016, p. 40-41, nota 13).

Bolivia (COMIBOL). Apesar da nacionalização das minas no início do governo, o MNR, sob a presidência de Víctor Paz Estenssoro, passou rapidamente a abandonar o projeto nacionalista ao enfrentar crises econômicas crescentes, levando em 1956 a implementarem o chamado “Plano Eder”. Este plano foi construído junto ao Fundo Monetário Internacional (FMI) com apoio direto dos Estados Unidos e, entre suas medidas, a austeridade fiscal tinha papel central na suposta estabilização econômica:

A crise atingia níveis alarmantes: o custo de vida aumentara de 100 em 1952 para 2.270 em 1956, a emissão de dinheiro a 2.229. As reservas monetárias estavam perigosamente baixas. O mercado paralelo e a especulação desorganizavam a economia. Assim, em agosto de 1956 Paz Estenssoro nomeou uma Comissão de Estabilização supervisionada pelo FMI e tendo a frente o assessor norte-americano George Eder. O chamado Plano Eder era um verdadeiro ataque à economia popular e se beneficiava de um movimento sindical ainda entorpecido: previa o corte de 40% dos gastos governamentais, cortes de subsídios e controle de preços da cesta básica, aumento de impostos, congelamento de salários por um ano. (Andrade, 2012, p. 17)

Em resposta, o movimento mineiro se mobilizou de maneira crescente nos anos seguintes, estando sempre na vanguarda da luta contra as medidas antipopulares do governo. Essa luta dá um salto de qualidade em suas formas de organização e combatividade a partir dos anos sessenta, especialmente, a partir do Plano Triangular e da Aliança para o Progresso financiados pelos Estados Unidos em 1961. Com as investidas estadunidenses para intervir diretamente na economia boliviana, em uma relação de apoio mútuo entre os EUA e o presidente Paz Estenssoro, o movimento operário boliviano passou a não só denunciar a traição das promessas nacionalistas feitas pelo MNR em anos anteriores, mas também a identificar no imperialismo estadunidense um de seus inimigos fundamentais. Apesar disso, a direção revisionista do PCB mantinha sua posição de apoio ao governo, contrariando as expectativas da militância comunista que viam como insustentável tal linha política.

Contrariando o revisionismo da direção, alguns militantes do PCB, em especial, aqueles que atuavam nas minas, passaram a denunciar as intervenções imperialistas e a submissão do governo. Entre eles, destacam-se o já mencionado Federico Escobar Zapata, assim como Gilberto Bernal, Justiniano Ninavia Colque, Sabino Arnés Rocha, Hernán Peralta Rodríguez, Modesto Reynaga, Valerio Romero, Geroma de Romero, Moisés Guevara Rodríguez, Simeón Cuba, Alicia Chavarria de Escobar, e Domitila Chungara (Echazu, 2021, p. 59).

Os comunistas encontraram um terreno muito fértil para a mobilização, disseminação das ideias marxistas-leninistas, e consequente organização entre os trabalhadores mineiros. Esse

trabalho foi tão bem-sucedido que o próprio governo estadunidense reconhecia isso como um empecilho sério para o sucesso dos planos da Aliança para o Progresso:

Apesar dos EUA apoiarem o MNR desde 1953, as milícias populares³⁷ seguiram sendo uma pedra no sapato de Washington. Superando amplamente o número das Forças Armadas, que contava com 7500 soldados em 1961, as milícias operárias e camponesas indígenas da Bolívia conseguiam mobilizar 16 mil homens. [...] Segundo a CIA, a milícia dirigida pelos comunistas na Siglo XX representava a 'maior ameaça para a estabilidade do país'. Um texto do Pentágono concordava que mesmo que as milícias dos mineiros não eram 'as forças mais numerosas', ainda assim eram 'consideradas as mais eficientes devido ao seu alto nível de organização, treinamento, disciplina e equipamento'." (Field Jr., 2016, p. 86-87, tradução nossa)³⁸

Havia uma disputa importante entre o PCB (no caso, sua direção marxista-leninista presente no trabalho com os mineiros) e o POR, de orientação trotskista. Porém, no final dos anos cinquenta e início dos sessenta, a direção comunista passou a ter o maior apoio e relevância no movimento sindical em Siglo XX. Em 1961, o secretário-geral do sindicato era Irineo Pimentel, descrito como comunista militante do antigo PIR, mas que não era mais membro de nenhum partido, e, também como parte da direção, o responsável pelo “Controle Operário” era Federico Escobar Zapata (Field Jr., 2016, p. 88). Escobar era bastante respeitado pelos demais trabalhadores, que viam nele como uma direção firme e que mantinha os interesses da classe acima de seus interesses pessoais. No livro “Minas, Balas y Gringos” de Thomas C. Field Jr., o autor cita alguns relatos e impressões de pessoas que conviveram no âmbito pessoal e laboral com Escobar, como as falas de trabalhadores mineiros de base que diziam que sempre o viam “consertando problemas em benefício de sua classe”, que “atendia por igual as senhoras e os senhores, ao índio e ao trabalhador da mina, não havia distinção [...] como Federico Escobar aqui nunca se viu antes” (Field Jr., 2016, p. 90). Como o autor relata:

³⁷ O conceito de milícia, apesar de popularizado no Brasil nos últimos anos como sendo sinônimo de máfia, ao referir-se aos grupos militares e paramilitares que controlam certos territórios principalmente no Rio de Janeiro, possui um significado e histórico de uso mais amplo. No dicionário Michaelis, por exemplo, uma de suas definições é “Grupo de cidadãos armados, não integrantes das Forças Armadas, mas que são organizados e treinados como soldados” (Milícia, 2026). Na teoria e prática marxistas, as milícias aparecem como fenômeno fundamental, como forma de organização popular para resistir e organizar o poder do proletariado de forma armada. Ver mais: “Milícia?”, Daniel Moreno *in* A Nova Democracia, 2020 (<https://anovademocracia.com.br/milicia/>), e “Cartas de Longe”, Lenin, 1917 (<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/03/20.htm>).

³⁸ Original em espanhol: “Aunque los EEUU apoyaban al MNR desde 1953, las milicias populares siguieron siendo una espina en el costado de Washington. Superando ampliamente en número a las Fuerzas Armadas, que contaban con 7.500 soldados en 1961, las milicias obreras y campesinas indígenas de Bolivia podían movilizar 16 mil hombres. [...] Según la CIA, la milicia dirigida por los comunistas en Siglo XX representaba la ‘mayor amenaza para la estabilidad del país’. Un texto del Pentágono estaba de acuerdo en que si bien las milicias de los mineros no eran ‘las fuerzas más grandes’, aún eran ‘consideradas las más eficaces debido a su alto nivel de organización, entrenamiento, disciplina y equipamiento’.”

A Embaixada dos EUA compartilhava esse ponto de vista [sobre a admiração dos trabalhadores a Escobar], escrevendo em 1963 que Escobar era um 'marxista romântico e um herói para a sua gente [...] Considera que os interesses de seus mineiros são o mais importante'. A Embaixada acrescentava que 'Escobar passou 21 anos nas minas e sabe tanto sobre elas e as condições mineiras quanto a maioria dos engenheiros da COMIBOL', uma qualidade confirmada com orgulho pelos seus familiares e camaradas. (Field Jr., 2016, p. 90, tradução nossa)³⁹

Escobar foi adquirindo novas responsabilidades dentro do Partido conforme demonstrava suas habilidades de direção, chegando a secretário do Comitê Regional responsável pelo trabalho na mina Siglo XX. Porém, além de suas posições firmes e habilidade na direção da luta mineira, ele também era reconhecido pela sua compreensão e defesa do marxismo-leninismo, o que o colocava em contradição com a direção do PCB não só a respeito da posição frente ao governo (entre reboquismo e oposição), mas também ideologicamente. Isso fez com que seu nome se tornasse reconhecido pela militância nacionalmente, como uma referência de direção e militância justa, assim como de tomada de posição firme sobre a necessidade de uma revolução armada.

4.1. Reflexo do Grande Debate

No restante do país, em especial, nas capitais dos departamentos, a juventude do Partido já discutia sobre os rumos que o PCB estava tomando e as contradições entre sua linha oficial de apoio ao MNR e a própria teoria marxista. Esse processo se intensificou conforme novos materiais do Grande Debate chegavam até o país, fomentando discussões nos comitês partidários. A principal célula onde essas discussões ocorriam em um nível mais elevado era a célula “Stalin”, de La Paz, onde o próprio nome já era uma afronta ao processo de desestalinização:

[Na célula Stalin] havia se constituído um núcleo de oposição e, sobretudo, segundo a célula, da necessidade de um amplo debate em torno de problemas da maior importância para a revolução em todo o mundo e em nosso país. [...]

A célula “Stalin”, onde militavam cerca de vinte camaradas pacenhos [de La Paz] como o camarada Alfredo Arratia (membro do [Comitê Central]), sua esposa dona Berta del Rio, sua filha mais velha Diva Arratia (Fundadora da Juventude Comunista da Bolívia JCB), os camaradas Fredy Terrazas e família, o camarada

³⁹ Original em espanhol: “La Embajada de EEUU compartía este punto de vista, escribiendo en 1963 que Escobar era un ‘marxista romántico y un héroe para su gente [...] Considera que los intereses de sus mineros son lo más importante’. La Embajada añadía que ‘Escobar pasó 21 años en las minas y sabe tanto sobre ellas y las condiciones mineras como la mayoría de los ingenieros de la COMIBOL’, una cualidad confirmada con orgullo por sus familiares y camaradas.”

Osvaldo Ukaski (passou a militar no ELN⁴⁰ e foi assassinado em uma casa de segurança), e outros, tinha conseguido aglutinar ao seu redor muitos camaradas de outras células que chegaram a constituir um verdadeiro movimento comunista regional oposto à direção central do Partido que, derrotada amplamente no plano teórico, recorria à repressão e às ameaças. (Echazu, 2021, p. 82, tradução nossa)⁴¹

Um dos materiais mais importantes que chegavam no país era a revista chinesa “Pequim Informa” (“Peking Review”, em inglês), que expunha as análises feitas pela direção do PCCh sobre os acontecimentos internacionais, e servia como veículo de divulgação dos principais documentos do Grande Debate (Echazu, 2021, p. 161).

O mesmo processo de debate sobre as posições do Partido e no MCI ocorreu em outras cidades importantes, como em Cochabamba (dirigidos por Rodolfo Siñani e Casiano Amurrio), em Huanuni (com Justiniano Ninavia), em Santa Cruz (com Demetrio Gutiérrez), além do comitê regional dirigido por Federico Escobar (Echazu, 2021, p. 82-83). Com o tempo, esses militantes engajados no debate e que passaram a se identificar cada vez mais com a linha chinesa, começaram a se conformar enquanto uma fração antirrevisionista no PCB. Em 1964, o Partido convoca o seu Segundo Congresso para março-abril, tendo como temas fundamentais a discussão sobre a caracterização do governo do MNR e o debate internacional entre o PCUS e o PCCh, além da eleição de um novo Comitê Central (CC). Essa fração antirrevisionista havia depositado suas esperanças nesse Congresso para, através da luta interna, retomar (ou, tomar pela primeira vez) o caminho revolucionário (Echazu, 2021, p. 83-84).

Como de costume em um congresso partidário, a direção elabora documentos a serem lidos e discutidos presencialmente. Como tal, a direção de Mario Monje, Ramiro Otero e Jorge Kolle apresentou um documento de balanço sobre a história boliviana dos últimos anos e do trabalho partidário até então. Nesse documento, como mencionado, o ponto central era a caracterização do governo do MNR, aspecto que dividia profundamente a militância do Partido, e é a partir dessa avaliação feita que fica clara a influência do revisionismo:

A revolução do 9 de abril

⁴⁰ Ejército de Liberación Nacional, organização fundada por Che Guevara que iniciou sua guerrilha na Bolívia em 1967.

⁴¹ Original em espanhol: “La célula “Stalin”, en la que militaban una veintena de camaradas paceños como el camarada Alfredo Arratia (miembro del CC), su esposa doña Berta del Río, su hija mayor Diva Arratia (Fundadora de la Juventud Comunista de Bolivia JCB), los camaradas Fredy Terrazas y familia, el camarada Osvaldo Ukaski (pasó a militar en el ELN y fue asesinado en una casa de seguridad), y otros, había logrado aglutinar en torno suyo a muchos camaradas de otras células que llegaron a constituir un verdadero movimiento comunista regional opuesto a la dirección central del Partido que, derrotada ampliamente en el plano teórico, recurría a la represión y las amenazas.”

A Declaração Programática que discutimos busca em certa medida superar essas concepções erradas e sinalizar um caminho mais correto... Após abril de 1952 afirmamos que, em nosso país, se havia produzido uma revolução de novo tipo sem especificar bem suas projeções e, em certa medida, alimentávamos ilusões na classe que havia chegado ao poder. Posteriormente, no afã de evitar uma linha seguidista chegamos a negar as mudanças operadas e a insistir que no nosso país havia ocorrido apenas uma insurreição popular... Agora dizemos que é uma revolução democrática com características anti-imperialistas. [...] Precisamente, a insurreição popular derrubou a burguesia pro-imperialista, claramente representada pela oligarquia mineira, e aos latifundiários, levando ao poder a burguesia nacional. (PCB, 1964 *apud* Echazu, 2021, p. 85, tradução nossa)⁴²

A avaliação do Partido de que o MNR representava a burguesia nacional boliviana e que seu governo possuía características anti-imperialistas não se sustentava na realidade, nem na teoria e nem na prática concreta da militância do Partido. Se, por um lado, o uso dos conceitos como “revolução de novo tipo” e “burguesia nacional” eram fundamentalmente equivocados, por outro (e possivelmente mais importante para a base dos militantes), a direção não fez sequer referência às lutas mineiras dirigidas pelo próprio Partido, em especial, àquela dirigida por Federico Escobar em Siglo XX. De 1960 até 1964 (data do congresso), verdadeiras batalhas haviam sido dirigidas pelos comunistas naquela região e tiveram repercussão nacional, batalhas armadas, prisões, enfrentamento com o governo e com representantes do governo estadunidense. Passar por cima dessas experiências, que tiveram lições importantes para a luta revolucionária, ignorando os sacrifícios feitos pelos militantes, representava um descolamento da direção com o restante do Partido, já que a própria afirmação de que o governo era revolucionário e anti-imperialista, ao mesmo tempo que perseguia aqueles que resistiam à intervenção estadunidense no país, soava como um escárnio (Echazu, 2021, p. 86).

Passando à discussão sobre o Grande Debate no MCI, a direção do Partido colocou esse problema não em termos de discussão ideológica válida, e sim, enquanto defesa da linha “aprovada por todo o movimento comunista internacional” contra a posição discrepante “dos camaradas dirigentes chineses” (PCB, 1964 *apud* Echazu, 2021, p. 87, tradução nossa). Ao

⁴² Original em espanhol: “La revolución del 9 de abril.

La Declaración Programática que discutimos busca en cierta medida superar esas concepciones erradas y señalar un camino más correcto... Después de abril de 1952 afirmábamos que, en nuestro país, se había producido una revolución de nuevo tipo sin especificar bien sus proyecciones y, en cierta medida, alimentábamos ilusiones en la clase que había llegado al poder. Posteriormente, en el afán de evitar una línea seguidista llegamos a negar los cambios operados y a insistir en que en nuestro país había ocurrido apenas una insurrección popular... Ahora decimos que es una revolución democrática con características anti-imperialistas. [...] Precisamente, la insurrección popular derrumbó a la burguesía pro-imperialista, claramente representada por la oligarquía minera, y a los latifundistas, llevando al poder a la burguesía nacional.”

pintar o quadro dessa forma, as divergências em relação a essa linha oficial eram tratadas como ações divisionistas, que rompiam a unidade partidária, e não como um processo justo de luta de duas linhas. Como tal, o debate foi cortado, o documento elaborado pela direção era colocado apenas como votação para ser aprovado, e “[q]uando eram levantadas observações ou críticas aos mesmos, se respondia com acusações de fraccionalismo e divisionismo” (Echazu, 2021, p. 88, tradução nossa)⁴³. Os sentimentos de desilusão e revolta contra a direção, compreendida de forma cada vez mais clara como revisionista, cresciam no decorrer dos dias entre a juventude partidária.

Por fim, houve a eleição do novo Comitê Central (CC). É relatado que Federico Escobar foi eleito pela grande maioria do Partido para fazer parte do CC, a despeito da direção que queria inviabilizar sua eleição, já que no decorrer do Congresso ele estava preso. Apesar das esperanças que a fração antirrevisionista tinha sobre corrigir os rumos do Partido, a eleição do CC não ocorreu da forma democrática que eles haviam imaginado:

Finalmente se passou ao terceiro ponto que consistia na eleição do novo Comitê Central do Partido. A metodologia da eleição foi o que mais surpreendeu a militância que assistia sem experiência e pela primeira vez a um acontecimento semelhante. Quando se anunciou que, como último ponto da ordem do dia, se trataria da eleição do Comitê Central, pensávamos ingênua e candidamente que a assembleia plenária iria propor nomes para a eleição e apressadamente as bases se lançaram a elaborar listas indicativas com os nomes mais destacados pelo seu trabalho e prestígio, como o caso notório de Federico Escobar e outros. Grande foi a surpresa de todos quando reiniciada a sessão, foi proposta por parte do Comitê Central cessante uma lista completa que pretendia ser aprovada sem discussão e por simples aclamação. (Echazu, 2021, p. 88, tradução nossa)⁴⁴

A desilusão gerada pela atitude da direção revoltou as bases do Partido. Houve protestos por parte dos delegados, em especial, os delegados de La Paz da célula Stalin, para que fossem adicionados pelo menos alguns dos nomes da lista que haviam elaborado. Apesar de conseguirem pôr alguns, o sentimento de que aquilo fora apenas uma concessão prevaleceu, ficando um gosto amargo de que tudo aquilo era um jogo de cartas marcadas para manter o

⁴³ Original em espanhol: “Cuando se planteaban observaciones o críticas a los mismos, se respondía con acusaciones de fraccionalismo y divisionismo.”

⁴⁴ Original em espanhol: “Finalmente se pasó al tercer punto que consistía en la elección del nuevo Comité Central del Partido. La metodología de la elección fue lo que más sorprendió a la militancia que asistía sin experiencia y por primera vez a un acontecimiento semejante. Cuando se anunció que, como último punto del orden del día, se trataría la elección del Comité Central, pensávamos ingenua y cándidamente que la asamblea plenaria propondría nombres para la elección y apresuradamente las bases se pusieron a elaborar listas indicativas con los nombres más destacados por su trabajo y su prestigio, tal el caso notorio de Federico Escobar y otros. Grande fue la sorpresa de todos cuando reinstala la sesión, se propuso por parte del Comité Central saliente una lista completa que pretendía ser aprobada sin discusión y por simples aclamación.”

CC nas mãos de um punhado de funcionários fiéis à linha soviética. Somado a como o restante do Congresso foi conduzido e as posições firmadas pela direção revisionista, ao finalizar o Segundo Congresso, “ficou uma sensação muito profunda de frustração na militância de base” (Echazu, 2021, p. 90, tradução nossa). Os questionamentos sobre a linha do Partido aumentaram, as dúvidas sobre a sinceridade da direção nas críticas ao stalinismo e sua seriedade em levar a cabo uma revolução no país se espalharam por todo o país. Porém, apesar da aparente derrota no Congresso, na prática, a agudização das contradições que haviam se desenvolvido nos anos anteriores levou a saltos de compreensão a um novo nível ideológico: as teses antirrevisionistas, postas às claras nas discussões do Congresso, se comprovaram acertadas, na percepção daqueles militantes, frente às posições da direção. De acordo com o que é relatado no livro de Echazú (a partir dos testemunhos de militantes que estiveram presentes naquele congresso), aqueles que já estavam convencidos das teses dos comunistas chineses passaram a ter mais certeza de suas posições, enquanto aqueles que até o Congresso não as apoiavam (seja por oposição consciente, ou simplesmente por não terem tido acesso aos documentos e discussões antirrevisionistas), passaram a simpatizar e se aproximar mais daqueles militantes.

4.2. Fundação do Partido Comunista da Bolívia (Marxista-Leninista)

Poucos meses depois da conclusão do Segundo Congresso, em novembro de 1964 ocorre o golpe militar liderado pelo general René Barrientos. Barrientos, curiosamente, havia sido eleito como vice-presidente de Víctor Paz Estenssoro, traindo a própria chapa apenas três meses após a eleição.

Já antes do golpe, Barrientos tinha ficado encarregado de reprimir a greve nacional ocorrida em outubro, porém, a repressão aos movimentos sociais se tornaria ainda mais violenta a partir do seu golpe. Essa nova situação pegou o PCB de surpresa, sem saber como e nem ter condições de resistir ao golpe em escala nacional, aumentando ainda mais a insatisfação das bases do Partido. Em fevereiro de 1965, é realizada uma Conferência Nacional Extraordinária em Huanuni (importante cidade com tradição de luta mineira), com a participação dos comitês regionais de Llallagua, La Paz, Oruro, Santa Cruz, Cochabamba, Huanuni, e também dos comitês locais de Colquiri e Corocoro. Nesta Conferência, os comunistas discutiram sobre os últimos acontecimentos após o golpe militar de Barrientos e a (in)capacidade do Partido de responder a esses acontecimentos:

A situação interna do Partido, ocasionada pela atividade de sabotagem desenvolvida pela “camarilha oportunista de direita” incrustada na direção e integrada por Mario Monje, Jorge Kolle, e Ramiro Otero, impossibilita ao Partido cumprir seu papel de Estado-Maior da Classe Operária e do Povo, razão pela qual é necessária a realização do PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL EXTRAORDINÁRIO, tanto para examinar as tarefas políticas do partido, como para dotar-lhe de uma direção verdadeiramente revolucionária, salvaguardando sua unidade e coesão em torno dos princípios do marxismo-leninismo. [...]

Portanto, A Conferência Nacional Extraordinária, resolve: [...]

Constituir o Comitê Organizador do Congresso, com os camaradas: Federico Escobar Zapata, membro do Comitê Central e Primeiro Secretário do Comitê Regional de Llallagua; Justiniano Ninavia, membro do Comitê Central e Primeiro Secretário do Comitê Regional de Huanuni; Carlos Escalier, membro do Comitê Central e Primeiro Secretário do Comitê Regional de Oruro; Demetrio Gutiérrez, membro da Comissão de Controle e Quadros e Primeiro Secretário do Comitê Regional de Santa Cruz; Norberta v. de Aguilar, membro do Comitê Central e do Comitê Regional de Llallagua-Siglo XX. (PCB, 1965 *apud* Echazu, 2021, p. 105, tradução nossa)⁴⁵

Após a convocação para o Congresso Nacional Extraordinário, a militância antirrevisionista do Partido se lançou à tarefa de mobilizar as bases para a preparação e participação desse Congresso. Pelo menos “80% da militância total do Partido se alinhou resolutamente com os ‘rebeldes’”, e houve um esforço por parte daqueles dirigentes mais experientes de visitar os comitês partidários mais remotos (Echazu, 2021, p. 107). Dois meses depois da convocação, em abril, cerca de 500 delegados representando quase todo o país (com exceção dos departamentos do Beni e Pando) chegaram até a mina Siglo XX para a realização do Congresso.

Iniciado o Congresso, um dos primeiros pontos de discussão foi acerca do Grande Debate no MCI e qual posição tomar. Logo de início foi constatado que, apesar de uma das resoluções do Segundo Congresso do PCB ocorrido no ano anterior ter sido divulgar amplamente os

⁴⁵ Original em espanhol: “La situación interna del Partido, ocasionada por la actividad de zapa desarrollada por la ‘camarilla oportunista de derecha’ incrustada en la dirección e integrada por Mario Monje, Jorge Kolle y Ramiro Otero, imposibilita al Partido cumplir con su papel de Estado Mayor de la Clase Obrera y del Pueblo, razón por la cual es necesaria la realización del PRIMER CONGRESO NACIONAL EXTRAORDINARIO, tanto para examinar las tareas políticas del partido, como para dotarle de una dirección verazmente revolucionaria, salvaguardando su unidad y cohesión en torno a los principios del marxismo-leninismo. [...]

Por tanto, La Conferencia Nacional Extraordinaria, resuelve: [...]

Constituir el Comité Organizador del Congreso, con los camaradas: Federico Escobar Zapata, miembro del Comité Central y Primer Secretario del Comité Regional de Llallagua; Justiniano Ninavia, miembro del Comité Central y Primer Secretario del Comité Regional de Huanuni; Carlos Escalier, miembro del Comité Central y Primer Secretario del Comité Regional de Oruro; Demetrio Gutiérrez, miembro de la Comisión de Control y Cuadros y Primer Secretario del Comité Regional de Santa Cruz; Norberta v. de Aguilar, miembro del Comité Central y el Comité Regional de Llallagua-Siglo XX.”

documentos do Grande Debate (tanto os soviéticos, quanto os chineses) para a militância, grande parte ainda não tinha muita informação sobre o que se tratavam as divergências, demonstrando que a direção do Partido havia ignorado ou sabotado ativamente essa divulgação para suprimir o debate (Echazu, 2021, p. 108). Como forma de corrigir essa defasagem, foram esclarecidas questões importantes no decorrer do Congresso, como a reivindicação de Stalin a partir do documento “Ainda Sobre a Experiência Histórica da Ditadura do Proletariado”, publicado no jornal “Diário do Povo” e elaborado a partir das discussões do Birô Político do Partido Comunista da China (PCCh) (Echazu, 2021, p. 109). Outras questões, como as teses khrushchovistas de “coexistência pacífica” e de “transição pacífica” também foram tratadas, firmando posição em torno do princípio marxista da necessidade do uso da violência para a revolução e, conseqüentemente, da luta armada. Porém, mesmo com a tomada de posição por grande parte das teses chinesas do Grande Debate, as resoluções adotadas ao final do Congresso ainda expressavam a vacilação sobre a postura em relação à União Soviética e ao Partido Comunista da União Soviética (PCUS), algo compreensível para a época, já que o debate ainda estava em curso, e as denúncias de social-imperialismo e a clareza do rumo de restauração capitalista na URSS viriam posteriormente. Um exemplo disso é que, no documento de Linha Política aprovado no Congresso, na seção sobre a Situação Internacional, afirmavam que “[a] construção da sociedade comunista na União Soviética avança em todas as frentes” (PCB (M-L), 1965 *apud* Echazu, 2021, p. 111).

O outro ponto central era a discussão acerca do estado do próprio Partido, e sua relação com a política nacional. Federico Escobar, enquanto dirigente mais experiente, com conhecimento da teoria marxista-leninista, e membro do Comitê Central, possuía tanto as informações privilegiadas sobre os problemas da direção revisionista de Monje-Kolle-Otero, quanto a base analítica necessária para fazer as críticas a essa direção. Escobar fez denúncias sobre negociações feitas entre a direção e o governo do MNR, sem o conhecimento do restante do Partido, além, claro, das posições direitistas de ir a reboque da suposta “revolução de novo tipo” promovida pelo MNR (Echazu, 2021, p. 147-148). Foi decidido, então, a expulsão de Mario Monje, Jorge Kolle e Ramiro Otero do Partido, mas como na prática fora fundado um novo Partido nesse Congresso Extraordinário – agora, como Partido Comunista da Bolívia (Marxista-Leninista) –, essa resolução servia mais como uma demarcação clara de linha e de ruptura com a antiga direção revisionista, e a retomada do marxismo-leninismo como ideologia e prática do Partido.

Para a formação desse novo PCB (M-L), foi eleito um novo Comitê Central (CC) e sua direção. Federico Escobar era o líder mais óbvio, sendo eleito como primeiro-secretário do CC, porém, como segundo-secretário, foi eleito um jovem chamado Oscar Zamora Medinacelli (também conhecido como “Motete”). As informações acerca das discussões de um Congresso, ou seja, para além dos documentos que são adotados em sua resolução, tendem a ou se perder no tempo, ou a se restringirem a relatos pessoais das pessoas envolvidas. Nesse caso, o livro do PCB (M-L-M) que temos utilizado à exaustão ao longo do trabalho possui uma avaliação interessante sobre essa questão que vale a pena expôr aqui, mas também, para levantar algumas dúvidas sobre a posição expressa pelos autores.

É necessário esclarecer quem foi Oscar Zamora adiantando alguns acontecimentos posteriores, para que os leitores entendam de onde vem a aversão completa a esse dirigente por parte do PCB (M-L-M), afetando inclusive a avaliação sobre a experiência da Unión de Campesinos Pobres (UCAPO) que trataremos no capítulo seguinte. Zamora iniciou seu trabalho político enquanto destacado líder universitário, sendo um dos fundadores da Juventude Comunista do PCB na década de cinquenta, além do trabalho nacional como secretário executivo da Confederação Universitária Boliviana (semelhante à União Nacional dos Estudantes no Brasil). Segundo o PCB (M-L-M), desde o início Zamora era um oportunista dentro do Partido, porém, um dos argumentos mais fortes a essas denúncias é a sua carreira a partir dos anos setenta: depois da sua prisão enquanto “Comandante Rolando” da UCAPO (ver próximo capítulo), Zamora é exilado pelo governo do ditador Hugo Banzer; ao retornar para a Bolívia anos depois, renega o comunismo e adota o “cretinismo parlamentar”⁴⁶, sendo eleito como senador várias vezes, prefeito da cidade de Tarija, ministro no Ministério do Trabalho, e até embaixador na China. Em 1993, forma chapa à presidência com Hugo Banzer como seu vice, confirmando seu oportunismo que, em um momento, diz-se maoísta, guerrilheiro, revolucionário, e no outro, abraça um dos maiores carrascos do povo boliviano.

Com isso em mente, ao tratar da eleição de Zamora como segundo-secretário do PCB (M-L) em 1965 (pouco tempo depois, com a morte de Federico Escobar, passa à posição de primeiro-secretário), o livro do PCB (M-L-M) expõe a questão da seguinte forma:

Um dos maiores erros do Congresso foi, efetivamente, a eleição da nova direção do Partido. A primeira-secretaria do Comitê Central não era problema, pois Federico

⁴⁶ Conceito utilizado inicialmente por Marx e Engels, presente posteriormente com frequência nas obras de Lenin. Refere-se à crença de que o parlamento é o caminho fundamental para as transformações políticas e que, para tal, os revolucionários devem dedicar a maioria (se não, todos) dos seus recursos e energia para a conquista de votos e eleições, semeando ilusões entre as massas e, consequentemente, atrapalhando os esforços na construção de um movimento revolucionário.

Escobar Zapata era o líder natural do Partido, porém, como segundo-secretário foi eleito Oscar Zamora Medinacelli, líder da juventude marxista-leninista e fogoso dirigente universitário cujas atividades burocráticas na União Internacional de Estudantes (UIE) [...] não eram muito claras. Zamora, o tristemente famoso “Motete”, “apareceu” no Congresso trazendo consigo uma agradável ajuda econômica que não sabíamos exatamente de onde vinha. A confiança nele era total, de forma que ninguém insistiu em saber ou conhecer os vínculos internacional de Zamora. [...]

Zamora não participou na grande e profunda controvérsia teórico-ideológica internacional, tampouco nas profundas diferenças entre o movimento dissidente e a direção traidora e revisionista, e muito menos nos preparativos orgânicos e administrativos do Congresso Extraordinário. [...] O peso de Zamora no Congresso estava determinado e em relação direta com sua contribuição econômica [...]. (Echazu, 2021, p. 148-149, tradução nossa)⁴⁷

Contrariando a avaliação hegemônica na historiografia política boliviana, que trata Zamora como um dos principais dirigentes no processo de rompimento com o revisionismo e fundação do PCB (M-L), o PCB (M-L-M) o denuncia como um arrivista, com histórico no mínimo suspeito sobre sua atuação no movimento estudantil, e que fora alçado à direção do Partido em parte por essa “ajuda econômica” que aparentemente ninguém sabia de onde vinha. Além disso, os autores citam outros dirigentes eleitos ao CC⁴⁸ como sendo principalmente de origem operária, mas que houve também um grupo influente de pessoas próximas a Zamora configurado como “burocratas e pseudointelectuais” que aos poucos tomariam o controle do Partido. Esse controle crescente se daria (segundo a análise dos autores) pela ausência de militantes da célula Stalin de La Paz, em especial, de sua juventude, que esteve engajada nos debates contra o revisionismo (Echazu, 2021, p. 149).

⁴⁷ Original em espanhol: “Uno de los mayores errores del Congreso fue, efectivamente, la elección de la nueva dirección del Partido. La primera secretaria del Comité Central no era problema, pues Federico Escobar Zapata era el líder natural del Partido, sin embargo, como segundo secretario fue elegido Oscar Zamora Medinacelli, líder de la juventud marxista-leninista y fogoso dirigente universitario cuyas actividades burocráticas en la Unión Internacional de Estudiantes (UIE) [...] no resultaban muy claras. Zamora, el tristemente famoso ‘Motete’, ‘apareció’ en el Congreso trayendo consigo una apreciable ayuda económica que no sabíamos a ciencia cierta de dónde provenía. La confianza en él era total, de modo que nadie insistió en saber o conocer los vínculos internacionales de Zamora. [...]

Zamora no participó ni en la grande y profunda controversia teórico-ideológica internacional, tampoco en las profundas diferencias entre el movimiento disidente y la dirección traidora y revisionista, ni mucho menos en los preparativos orgánicos y administrativos del Congreso Extraordinario. [...] El peso de Zamora en el Congreso estaba determinado y en relación directa con su contribución económica [...].”

⁴⁸ Justiniano Ninavia Colque, Casiano Amurrio Rcoah, Carlos Escalier, Moisés Guevara, Agustín Ameller Gatica, Simón Cuba, Ignacio Miashiro Ovale, Modesto Reynaga Gordillo, Víctor Reynaga Caballero, Norberta de Aguilar, e René Chávez Muños, além, claro, de Federico Escobar Zapata e Oscar Zamora (Echazu, 2021, p. 149).

Um aspecto que chama a atenção nesses relatos e que parece ser uma lacuna importante para compreender os acontecimentos posteriores no movimento comunista boliviano, é justamente a figura de Zamora e o tratamento feito pelos autores do PCB (M-L-M). Como mencionado, este partido foi fundado reivindicando a história e o caminho do PCB (M-L) e de seu secretário Federico Escobar, parte de sua direção fez parte do processo de fundação do PCB (M-L) em 1965, incluindo seu atual secretário-geral Jorge Echazú. Ou seja, há um sentimento pessoal envolvido na avaliação dos autores que estiveram no meio desses acontecimentos no século passado. Como consequência, no livro ocorrem dois fenômenos bastante curiosos: por um lado, a atuação daqueles militantes (em especial, de Jorge Echazú) que o partido atualmente defende como revolucionários – i.e., atuais membros do PCB (M-L-M) – é tratada de forma extraordinária; por outro, aqueles que **posteriormente** foram provados como oportunistas ou revisionistas têm suas histórias **completas** denunciadas. Isso nos dá dois grandes problemas, já que as ações daqueles que consideram bons são infladas (sendo difícil saber o real peso delas, se foram tão relevantes assim ou não), e daqueles maus foram desde o princípio ruins.

No caso da eleição de Zamora, nos parece contraditório ter havido um grande trabalho de mobilização e politização prévia ao Congresso, que tinha a célula Stalin de La Paz como centro irradiador, e uma figura “alheia aos debates” como Zamora fosse eleita surpreendentemente à segunda posição mais importante do Partido, ainda mais simplesmente por questão financeira. Ao colocar dessa forma, os autores parecem subestimar sem querer a seriedade do próprio partido, que seria comprado por aquele que tivesse mais dinheiro. Uma explicação mais plausível é de que sim, Zamora tinha um histórico importante enquanto dirigente da juventude comunista, fora reconhecido enquanto líder estudantil, tinha experiência nas relações internacionais com outros partidos, principalmente no período que ficou em Praga, onde teve contato com comunistas chineses. Agora, é possível, sim, que a célula Stalin tenha sido importante, mas fora ofuscada por outros dirigentes com mais experiência, por exemplo, já que relatam que era principalmente a juventude nessa célula (assim como no restante do país) que mais se engajava no estudo do Grande Debate.

Findado o Congresso, o novo Partido Comunista da Bolívia (Marxista-Leninista) estava fundado, com um novo Comitê Central, uma nova linha política, e um impulso para o desenvolvimento do movimento revolucionário boliviano. Um dos principais esforços partidários no período seguinte será o contato e estabelecimento de relações com o restante do MCI, incluindo com a URSS revisionista (como esperança de que ainda haveria quadros defensores do marxismo-leninismo no PCUS), com Cuba (na época, o país recebia inúmeros

revolucionários de diversos países latino-americanos, dando treinamento principalmente militar para o estabelecimento de guerrilhas, mesmo que alinhados ideológica e politicamente à URSS), e principalmente com a China maoista. Ainda em 1965, por exemplo, Federico Escobar viaja à China, enquanto Oscar Zamora no início de 1966 tentou participar da Tricontinental em Cuba, mas sua delegação acaba sendo rechaçada em privilégio da delegação do PCB de alinhamento soviético (Echazu, 2021, p. 152).

O PCB (M-L) publicará alguns documentos importantes demarcando sua posição ideológica nos meses seguintes, o mais importante sendo “Levantemos las Banderas del Marxismo-Leninismo”, publicado em outubro de 1966 no jornal partidário “Liberación”.

Federico Escobar havia sido preso e solto diversas vezes ao longo dos anos sessenta devido sua atividade política, em um dos casos havia sido exilado (oportunidade na qual pôde visitar a China, mencionado anteriormente), retornando clandestinamente à Bolívia pela fronteira brasileira (Chavarria, 2016, p. 76). No dia 4 de agosto de 1966, Escobar participou de uma confraternização em Uncía (Potosí) em comemoração ao seu retorno, porém, após a festa, Escobar sofre um acidente de carro junto com outros passageiros. Dentre todos, Escobar é o que sai com mais ferimentos, “fraturando um braço, cotovelo e clavícula” (Chavarria, 2016, p. 109). Nos meses seguintes passa por algumas cirurgias devido os ferimentos, mas no dia 7 de novembro de 1966 acaba falecendo, tendo como causa da morte “decorticação cerebral por apneia prolongada” (Chavarria, 2016, p. 109). A causa oficial da morte, porém, causou estranhamento por parte do Partido, sendo que hoje o PCB (M-L-M) sustenta que na realidade Escobar foi vítima de um assassinato político (Echazu, 2021, p. 172-173), como parte dos planos de assassinato que a CIA já tinha elaborado nos anos anteriores e, como naquele momento, governava o ditador René Barrientos (ainda mais repressivo que o governo do MNR de Paz Estenssoro), nada mais lógico que a consumação desses planos se dar justamente nesse contexto, sendo a morte por uma cirurgia mal-sucedida uma desculpa plausível. Apesar disso, não foi possível encontrar alguma prova de que tenha sido mesmo esse o caso, diferente dos documentos desclassificados referentes aos anos anteriores que sim tratavam explicitamente sobre a necessidade de “remoção” de Escobar da cena política.

5. DECISÃO PELA GUERRA POPULAR

A Bolívia na segunda metade dos anos sessenta viveu um período extremamente turbulento, com novos golpes de Estado e governos militares, mas também com o surgimento de movimentos guerrilheiros. Em 1967, o revolucionário argentino Ernesto Che Guevara fundou o Ejército de Liberación Nacional (ELN) na Bolívia, com o objetivo de iniciar um foco guerrilheiro no país inspirado na sua experiência durante a Revolução Cubana. A guerrilha contou com a participação de comunistas bolivianos – além de guerrilheiros estrangeiros dedicados à causa revolucionária – entre eles Inti Peredo (ele e seus irmãos haviam se dedicado ao comunismo) e Moisés Guevara (membro do PCB [M-L], na literatura é descrito como “pró-chinês”, i.e., era partidário da linha chinesa, mas rompeu com o Partido pela reticência em apoiar a guerrilha de Che, levando consigo outros militantes) (Echazu, 2021, p. 195). Com a morte de Che Guevara, o ELN se reorganizou nos anos seguintes, e em 1970 tentou reiniciar a luta guerrilheira no que ficou conhecida como “Guerrilha de Teoponte”.

A influência da Revolução Cubana para os movimentos revolucionários da América Latina era tremenda, pois representava o sucesso de um movimento guerrilheiro em condições semelhantes a de seus próprios países. Porém, se, ao mesmo tempo, isso gerou um impulso no surgimento de inúmeros grupos em praticamente todos os países latino-americanos a partir dos anos sessenta (muitas vezes, com apoio logístico e treinamento militar de Cuba), isso também semeou confusão sobre os princípios marxistas acerca da revolução. As teses que eram defendidas por Cuba e também por Che Guevara ficaram conhecidas como “foquismo”, que é a ideia de que uma revolução pode ser iniciada a partir de focos guerrilheiros compostos por um grupo compacto de revolucionários armados e que, a partir das ações armadas, novos focos surgirão e se desenvolverão no restante do país. Na literatura maoista, como no documento “Guerra Popular: o caminho da luta armada no Brasil” escrito pelo PCdoB em 1969, o foquismo se sustentava em teses revisionistas, em especial, na negação da necessidade do partido de vanguarda (Partido Comunista) para dirigir a revolução, e representava uma “fórmula” mais rápida para a tomada do poder, já que, diferente das teses maoistas de guerra popular, não colocava os problemas da construção de bases de apoio, trabalho político junto às massas em luta pelos seus interesses, a compreensão ideológica profunda do marxismo, etc. Como tal, o foquismo foi bastante predileto por diversos movimentos que tinham como base social a pequeno-burguesia, não só na América Latina, mas também no Primeiro Mundo (Fração do Exército Vermelho, na Alemanha, Exército

Vermelho Japonês, entre outros), muitas vezes inspirados também nas teses de Carlos Marighella a respeito da condução de ações guerrilheiras em cenários urbanos.

Além dessa influência, havia também as teses maoistas sobre como iniciar e desenvolver uma revolução que, apesar de não representarem a principal tendência nos movimentos da época, também tinham os seus defensores na América Latina. Nos anos sessenta, no Brasil, por exemplo, as discussões sobre a necessidade de iniciar uma Guerra Popular Prolongada já ocorriam no PCdoB, PCdoB-Ala Vermelha, e também no PCR; no Peru, o processo de reconstituição do PCP também defendia as teses maoistas para desenvolver a revolução no país. No caso boliviano, houve também essa luta a partir de 1968 dentro do PCB (M-L), quando foi definida pela Comissão Política a necessidade de estabelecer um grupo para estudar a construção de bases de apoio no interior do país para iniciar uma Guerra Popular (Echazu, 2021, p. 197).

5.1. O Plano Revolucionário

A decisão por iniciar os preparativos para uma revolução no país foi impulsionada, em parte, pelo movimento guerrilheiro de Che Guevara e pela consequente pressão dos militantes comunistas da base (principalmente, de sua juventude) para fazer algo, levar a sério a tarefa histórica do Partido Comunista de tomar o poder para o proletariado.

A Comissão Política do Partido nessa época (nos referimos à época dos anos 68 e 69) determinou a constituição de uma equipe que estudasse a necessidade de organizar, a médio e longo prazo, o assentamento permanente de camaradas de origem camponesa e mineira (expulsos das minas), para construir **verdadeiras bases de apoio revolucionárias** [grifos originais], primeiro sociais de amizade e relacionamento social, logo políticas, a constituição de células camponesas e de vizinhança e finalmente depois militares consistindo na organização de verdadeiras bases de apoio nas zonas do Chapare, Cochabamba, no norte cruceño [departamento de Santa Cruz] e do Alto Beni, departamento de La Paz e, como tal, se iniciou esse processo de importância fundamental. (Echazu, 2021, p. 197, tradução nossa)⁴⁹

⁴⁹ Original em espanhol: “La Comisión Política del Partido en esa época, (nos referimos a la época de los años 68 y 69), determinó la constitución de un equipo que estudie la necesidad de organizar, a mediano y largo plazo, el asentamiento permanente de camaradas de origen campesino y minero (expulsados de las minas), para construir **verdaderas bases de apoyo revolucionarias**, primero sociales de amistad y relacionamiento social, luego políticas, la constitución de células campesinas y vecinales y finalmente después militares consistente en la organización de verdaderas bases de apoyo en las zonas del Chapare, Cochabamba, en el norte cruceño y el Alto Beni, departamento de La Paz y, al efecto, se inició ese proceso de importancia fundamental.”

Uma das primeiras tarefas desse novo esforço do Partido foi a elaboração de um Projeto de Programa Agrário-Camponês, que se tornou documento fundamental de interpretação da realidade nacional e que embasou a linha política de revolução agrária, já que, até aquele momento (1º semestre de 1968), o PCB (M-L) não tinha ainda uma definição clara sobre as relações de produção no campo, suas especificidades (por exemplo, as diferenças existentes entre as terras do Altiplano e do oriente boliviano), etc. Esse projeto seria finalizado em meados de 1969, sendo inclusive publicado uma matéria sobre na revista Pequim Informa (*Peking Review*) dirigida pelo Partido Comunista da China, divulgada internacionalmente, em sua edição do dia 6 de junho de 1969.

Na matéria, é feito um resumo sobre o Projeto, sua análise sobre as classes e contradições fundamentais na Bolívia (como entre massas e latifúndio, nações oprimidas e imperialismo, etc.), além da firme posição sobre a necessidade de uma Guerra Popular dirigida pelo Partido Comunista, guiado pelo marxismo-leninismo (e os aportes do Pensamento Mao Tsé-tung), através da aliança operário-camponesa, identificando a luta camponesa como a contradição principal, inclusive identificando a falta de um trabalho político junto ao campesinato como a razão das derrotas nas lutas guerrilheiras anteriores. Por fim, os objetivos da revolução agrária antifeudal e anti-imperialista são expostos da seguinte forma:

Eliminar completamente o latifúndio e as relações feudais de produção no campo; confiscar as empresas agrárias com conexões com o capital estrangeiro e proteger aquelas de capital nacional; confiscar a terra daqueles camponeses ricos que preservam a exploração feudal e garantir as propriedades daqueles camponeses ricos que aboliram a exploração feudal; distribuir terras gratuitamente para aqueles camponeses que possuem pouca ou nenhuma terra; proteger e garantir a média propriedade no campo; guiar e encorajar os pequenos e médios camponeses a desenvolverem a posse da terra em uma base estritamente voluntária; estabelecer fazendas estatais para a produção agrícola e pecuária; restaurar e melhorar o sistema comunitário dos indígenas; e revogar as dívidas com agências imperialistas e usurários devidas pelos camponeses nas áreas de colonização. (*Peking Review*, 1969, p. 23)

A partir dos informes feitos pelos militantes que haviam sido enviados ao campo, somado ao Projeto de Programa Agrário-Camponês, o Partido decide elaborar um “Plano Revolucionário” que estabelecia como se daria a construção dos alicerces da futura guerra popular e em quais regiões.

De fato, o “Plano revolucionário” estava constituído principalmente pela organização de amplas bases de apoio camponesas nas três zonas geográficas determinadas com antecedência: O Norte de Santa Cruz (onde precisamente se

desenvolveriam posteriormente os acontecimentos da UCAPO), a cargo dos camaradas Rodolfo Siñani, atual membro do CC do [PCB (M-L-M)] e do camarada Demetrio Gutiérrez; segundo, a zona do Chapare cochabambino, comandada pelo camarada Vitaliano Grágeda (lamentavelmente falecido recentemente) e terceiro na zona do Alto Beni, Caranavi e Teoponte a cargo do camarada Hugo Orozco.

A organização urbana cujo plano ficou a cargo do camarada Jorge [Echazú], tinha um prazo muito maior de coordenação enquanto se constituíssem as sólidas bases de apoio camponesas (Echazu, 2021, p. 198, tradução nossa)⁵⁰

Definido o Plano, o Partido realiza duas viagens à China para discutir o seu conteúdo e buscar apoio do PCCh, as duas com a presença de Jorge Echazú, contando também com a presença de Sabino Arnés e Jenny Boella em uma das viagens, e uma “camarada Amanda” na outra (não é dado seu sobrenome, ou se esse era na realidade um *nom de guerre*). É relatado que na primeira reunião foram recebidos por Kang Sheng, membro do Comitê Central do PCCh e importante dirigente maoista no curso da Revolução Cultural, onde discutiram o Plano e foram feitas algumas observações e ajustes, até que cerca de um mês depois recebem a resposta do Comitê Central chinês de que teriam seu total apoio no desenvolvimento da sua Guerra Popular, incluindo uma quantia de dinheiro considerável (Echazu, 2021, p. 198). Porém, logo no retorno da segunda delegação, Oscar Zamora (então, primeiro-secretário do Partido, após a morte de Federico Escobar) decidiu encerrar os esforços de concentração de militantes nas três áreas que haviam sido definidas pelo Plano Revolucionário (Norte de Santa Cruz, Chapare, e a zona do Alto Beni, Caranavi e Teoponte). A decisão é descrita como unilateral, e que a argumentação de Zamora foi de que existia uma suposta “fração direitista no seio do Partido que havia sido a autora da desconcentração” (Echazu, 2021, p. 199), mas posteriormente outros militantes do Comitê Central (que eventualmente formariam o PCB [M-L-M]) confirmaram que a decisão partiu do próprio Zamora.

Mesmo com a reversão do Plano Revolucionário, nem todos os núcleos que haviam sido estabelecidos nas áreas foram liquidados, em especial, aqueles que se encontravam no Norte de Santa Cruz. Esses militantes mantiveram sua posição de viver junto às massas camponesas da região, trabalhando no campo, mobilizando e politizando os camponeses pobres. A partir

⁵⁰ Original em espanhol: “En efecto, el ‘Plan revolucionario’ estaba constituido principalmente por la organización de amplias bases de apoyo campesinos en las tres zonas geográficas ya determinadas con anterioridad: El Norte de Santa Cruz (donde precisamente se desarrollarían después los acontecimientos de UCAPO), a cargo de los camaradas Rodolfo Siñani, actual miembro del CC del PCmlm y del camarada Demetrio Gutiérrez; segundo, la zona del Chapare cochabambino, comandada por el camarada Vitaliano Grágeda (lamentablemente fallecido recientemente) y tercero en la zona del Alto Beni, Caranavi y Teoponte a cargo del camarada Hugo Orozco.

La organización urbana cuyo plan quedó a cargo del camarada Jorge, tenía un plazo mucho mayor de coordinación mientras se constituyeran las sólidas bases de apoyo campesinas.”

de 1970, jovens militantes do Partido, provenientes do movimento estudantil de Cochabamba e de Santa Cruz, decidem se juntar aos núcleos presentes no Norte de Santa Cruz para cumprir com as tarefas estabelecidas no Plano Revolucionário, a despeito da chamada “desconcentração” promovida por Zamora um ano antes. Foi a juventude do Partido que, vendo os acontecimentos políticos nacionais e internacionais, decide em um primeiro momento desafiar a autoridade do primeiro-secretário, atuando em segredo frente à própria direção, para aplicar na prática a ideologia e os planos do Partido. A Bolívia vivia uma época extremamente turbulenta, com golpes seguidos de golpes, intervenções estadunidenses na política e economia nacional, sendo impossível manter-se inerte frente a uma situação tão explosiva e em condições objetivas positivas para uma revolução. A juventude marxista-leninista tinha seu partido de vanguarda, tinha um Projeto de Programa Agrário-Camponês, tinha um Plano Revolucionário, e, talvez o aspecto mais importante, tinham também uma compreensão mais ou menos avançada, dentro desta perspectiva teórica, sobre a linha da Guerra Popular Prolongada e os demais aportes teóricos legados pela Revolução Chinesa. É nesse contexto que se desenvolveu a experiência da Unión de Campesinos Pobres (UCAPO), como primeira tentativa (e, até hoje, única) de iniciar uma Guerra Popular maoista na Bolívia.

6. A UCAPO E A GUERRA POPULAR

A história da experiência da UCAPO ainda hoje é bastante desconhecida, mesmo na Bolívia. Em geral, a UCAPO aparece apenas como uma breve nota histórica no contexto das lutas camponesas na Bolívia, dos golpes militares, da Assembleia Popular do General Torres, sendo uma das poucas exceções o trabalho do historiador boliviano Raúl Reyes Zárate “La experiencia de la guerra popular prolongada del Partido Comunista-Marxista Leninista (PC-ML) en Bolivia. La Unión de Campesinos Pobres (UCAPO) en Santa Cruz (1970-1971)” (Réyes Zárate, 2017). Quando mencionada, existem basicamente duas interpretações comuns: de que a UCAPO foi apenas mais uma organização camponesa, inspirada por teses maoistas, mas sem grande importância além de sua atuação pontual no Norte de Santa Cruz (Barnadas; Albó, 1984); ou de que foi uma experiência caricata de aplicar mecanicamente o maoismo no contexto boliviano, sem profundidade ideológica, e que sua vida curta comprova tal interpretação (Rothwell, 2013). Porém, ao nos debruçarmos sobre os poucos materiais disponíveis, é possível enxergar um quadro bem mais complexo, distinto das demais experiências guerrilheiras bolivianas, das outras organizações camponesas, e da própria história do movimento comunista da Bolívia. Ali, no Norte de Santa Cruz, delineou-se um esforço ambicioso de união entre estudantes, camponeses e mineiros, para iniciar uma revolução no país, e que tinham como centro uma linha política inspirada nos aportes teóricos do “pensamento Mao Tsé-tung”.

No livro “Historia del Partido Comunista (M-L-M)” (Echazu, 2021), os autores dedicam algumas sessões do livro para tratar especificamente sobre o surgimento da UCAPO e seus desdobramentos. É feito um esforço importante de esclarecer o que foi essa experiência, reunindo diversos relatos e interpretações, incluindo um texto de Zamora no jornal “Liberación” de 1971, um texto publicado pelo Centro de Investigaciones Sociales (CIS) do governo boliviano (o trabalho de Raúl Reyes Zárate, mencionado anteriormente), e até uma análise escrita por Tomás Molina Céspedes, renomado autor boliviano. Porém, o mais importante são os relatos originais e inéditos transcritos no livro: os testemunhos de Rodolfo Siñani, e o de Eduardo Santiesteve (‘‘Santico’’), ambos militantes do PCB (M-L) que atuaram pessoalmente no Norte de Santa Cruz. Esses testemunhos nos dão a visão mais completa até hoje sobre a racionalidade por trás dos acontecimentos da UCAPO, sobre quem eram os militantes comunistas que se lançaram a essa tarefa, e o que pensavam sobre o trabalho que estava sendo realizado na região.

Antes de passarmos propriamente para os diferentes relatos, é importante pontuar algo: sem dúvidas, o trabalho feito pelo PCB (M-L-M) de compilar os diferentes relatos e interpretações, em especial, de conduzir as entrevistas com os camaradas Siñani e Santico, é o mais completo até hoje sobre a UCAPO e é digno de nota. Ao mesmo tempo, devido à própria linha ideológica da organização, a análise feita pelo partido é bastante confusa e contraditória, tendendo a uma análise principalmente negativa sobre o processo, mas às vezes reconhecendo a importância e o valor dos militantes que fizeram parte. Acreditamos que um grande fator nessa contradição reside na direção de Jorge Echazú, primeiro-secretário do PCB (M-L-M), responsável pela Comissão Política que produziu o livro. Ainda em 1969, quando Echazú retorna da China com a promessa de apoio do PCCh para a Guerra Popular na Bolívia, ocorre a já mencionada decisão de Zamora de acabar com os esforços de estabelecer bases de apoio para a revolução. Na sequência, foi realizada uma reunião ampliada do Comitê Central (CC) para discutir os rumos do Partido, onde Echazú fez suas críticas diretas à direção de Zamora, acusando-o de

1) ter traído de maneira total a linha política do Partido de construí-lo sobretudo no campo, simulando tarefas desconexas que logo eram suspensas sem consulta; foi acusado 2) de ter desprestigiado o princípio da luta armada, convertendo-lo em um simples slogan vazio de conteúdo; foi acusado 3) de destruir sistematicamente as estruturas orgânicas do Partido e suas normas estatutárias, substituindo-las com práticas viciosas, burguesas, corruptas e pessoais; foi acusado 4) de realizar manejos econômicos dispendiosos e às margens das necessidades reais do Partido.

Em uma palavra, Zamora foi acusado de ter-se convertido em um verdadeiro renegado do marxismo-leninismo. (Echazu, 2021, p. 200, tradução nossa)⁵¹

Parte da direção se alinhou com Zamora, defendendo-o das acusações de Echazú, sendo relatado que apenas Modesto Reynago Gordillo “apoiou valentemente as acusações do c. Jorge defendendo a destituição de Zamora e seu julgamento por uma comissão do Comitê Central” (Echazu, 2021, p. 200, tradução nossa). Mesmo com a argumentação de que para haver a expulsão do Partido era necessário um quórum mínimo do CC e a decisão de uma comissão para tal (o que não ocorreu), Zamora e seus seguidores declararam a expulsão de Echazú como resultado dessa reunião, o que para os autores do livro marca como o momento em que “[o Partido Comunista da Bolívia (M-L)] havia deixado de ser um instrumento

⁵¹ Original em espanhol: “1) haber traicionado de una manera total la línea política del Partido de construirlo sobre todo en el campo, simulando tareas inconexas que luego eran suspendidas inconsultamente; se le acusó 2) de haber desprestigiado el principio de la lucha armada, convirtiéndolo en un simple slogan vacío de contenido; se le acusó 3) de destruir sistemáticamente las estructuras orgánicas del Partido y sus normas estatutarias, sustituyéndolas con prácticas viciosas, burguesas, corruptas y personales; se le acusó 4) de realizar manejos económicos dispendiosos y al margen de las necesidades reales del Partido. En una palabra, se acusó a Zamora de haberse convertido en un verdadero renegado del marxismo-leninismo.”

revolucionário convertendo-se em um grupo oportunista que rapidamente chegou, em sua deserção, a ser um apêndice da direita reacionária ao extremo de pactuar diretamente com o ditador fascista da década de 70, Hugo Banzer Suárez” (Echazu, 2021, p. 201, tradução nossa). Nesta citação, podemos encontrar a chave para entender fundamentalmente o motivo das críticas tão duras feitas no livro contra a experiência da UCAPO: para os autores, se Echazú havia sido expulso e Zamora continuava na direção do Partido, o que se seguiu não poderia ser uma genuína experiência revolucionária, e sim, uma caricatura grosseira promovida por Zamora em um intento de provar à juventude do Partido que ele continuava a defender a luta armada e o maoísmo (Echazu, 2021, p. 222). Porém, acreditamos que essa posição não só é bastante equivocada por negar a experiência real e os esforços de inúmeros comunistas e camponeses, mas também é extremamente danosa para um balanço histórico do movimento comunista da Bolívia, algo que estamos tentando corrigir e contribuir no presente trabalho.

6.1. Início da UCAPO

Como descrito anteriormente, alguns militantes do PCB (M-L) haviam se estabelecido na região do Norte de Santa Cruz no final dos anos sessenta, seguindo as diretrizes do Comitê Central e do Plano Revolucionário definido para iniciar uma guerra popular no país. Apesar da reversão promovida pelo primeiro-secretário do Partido, Oscar Zamora, que, na prática, significava a liquidação do Plano, alguns militantes continuaram na área vivendo e trabalhando com os camponeses pobres, aplicando (secretamente) as definições políticas de mobilização e politização do campesinato local.

No testemunho de Rodolfo Siñani, membro do Partido Comunista na época (e, pelo que foi possível encontrar, atual membro do PCB [M-L-M] em sua direção), é pintado o seguinte contexto:

A derrota temporal da guerrilha comandada pelo camarada Ernesto “Che” Guevara em Ñancahuazú em 1967, deu muito pano pra manga. A direita fascista festejava a morte do Comandante da América, o campo revolucionário ferido no mais profundo de seus sentimentos, lançou a consigna de “lutar, fracassar, voltar a lutar, voltar a fracassar, lutar novamente até a vitória final”.

[...]

Antecedentes Nacionais.

Duas questões fundamentais impulsionam a decisão política do Partido Marxista-leninista de empreender no caminho da Unión de Campesinos Pobres (UCAPO) em 1970.

Por um lado, a suficiente difusão ideológica do Pensamento revolucionário de Mao Tsé-tung, líder da Revolução Chinesa que mobilizou seu povo, desde a década de 20 do século XX até o 1º de outubro de 1949, com o instrumento estratégico da Guerra Popular Prolongada.

O outro elemento viabilizador na tomada de tão importante decisão política, era o avanço na consciência das massas que havia ocorrido no Norte do departamento de Santa Cruz, onde os latifundiários e *gamonales*, com posse de extensas quantidades de terras, tinham uma forte contradição com os produtores de cana-de-açúcar: baixos preços aos médios produtores e salários de fome para o assalariado agrícola. (Siñani, 2019 *apud* Echazu, 2021, p. 226-227, tradução nossa)⁵²

Em seu testemunho, Siñani nos dá alguns elementos que enriquecem muito a história da UCAPO, apresentando um pouco do elemento ideológico que sim esteve presente na decisão inicial dos militantes comunistas, demonstrando como o maoismo era um aspecto fundamental (a citação, que ele descreve como consigna, vem de uma obra de Mao Tsé-tung, popularizada como uma das citações do Livro Vermelho de Mao), e inclusive trazendo à luz alguns nomes que fizeram parte daquela luta. Siñani destaca que Chané-Bedoya (o latifúndio que foi tomado na maior ação da UCAPO para distribuição das terras, que será explicado melhor adiante) “era o quartel-general da insurreição camponesa, que cozinhavam em barris para atender com a comida a centenas de guardas, patrulhas, ativistas sociais, e que quando eram convocadas assembleias de urgência, saíam das colônias adjacentes milhares de camponeses por vias e caminhos improvisados ou tradicionais” (Siñani, 2019 *apud* Echazu, 2021, p. 228, tradução nossa). Relata, também, que o Partido contava com um núcleo forte de militantes na região, os quais realizavam “jornadas de capacitação política”, discutiam sobre sindicalismo revolucionário, e davam aulas de marxismo-leninismo. Porém, o testemunho de

⁵² Original em espanhol: “La derrota temporal de la guerrilla comandada por el camarada Ernesto ‘Che’ Guevara en Ñancahuazú en 1967, dio mucha tela que cortar. La derecha fascista festejaba la muerte del Comandante de América, el campo revolucionario dolido en lo más profundo de su sentimiento, lanzó la consigna de ‘luchar, fracasar, volver a luchar, volver a fracasar, luchar nuevamente hasta la victoria final.’

[...]

Antecedentes Nacionales.

Dos cuestiones fundamentales impulsaron la decisión política del Partido Marxista-leninista de emprender el camino de la Unión de Campesinos Pobres (UCAPO) en 1970.

Por un lado, la suficiente difusión ideológica del Pensamiento revolucionario de Mao Tsé-tung, líder de la Revolución China que movilizó a su pueblo, desde la década del 20 del siglo XX hasta el 1º de octubre de 1949, con el instrumento estratégico de la Guerra Popular Prolongada.

El otro elemento viabilizador en la toma de tan importante decisión política, era el ascenso concienical de masas que se había operado en el Norte del departamento de Santa Cruz, donde los latifundistas y gamonales, con posesión de extensas cantidades de tierra, tenían una fuerte contradicción con los productores de caña de azúcar: bajos precios a los medianos productores y salarios de hambre para el asalariado agrícola.”

Siñani não nos dá muitas informações sobre como se iniciou a luta no Norte de Santa Cruz, restando a Eduardo Santiesteve⁵³ (“Santico”) a responsabilidade de trazer à luz esse processo.

O testemunho de Santico, cedido em julho de 2019 ao PCB (M-L-M), é o mais completo sobre o tema da UCAPO. Santico foi membro do PCB (M-L) e atuou pessoalmente no desenrolar da experiência no Norte de Santa Cruz, na época, ainda como jovem universitário em Cochabamba. Algo que fica claro logo no início de seu relato é sua repulsa a Oscar Zamora e o desejo de fazer justiça a respeito da história da UCAPO, declarando que “[do que se fala sobre a UCAPO] tudo é falsidade, mentiras, e fazem parecer como comandante a ‘Motete’ Zamora, como se o Zamora tivesse organizado. Zamora não tem nada a ver com a UCAPO, ele não organizou NADA” (Santico, 2019 *apud* Echazu, 2021, p. 236, tradução nossa)⁵⁴. Sobre o início do processo, Santico explica:

Os que organizamos [a UCAPO] éramos alguns camaradas que, naquela época, estávamos na Universidade e alguns outros ex-mineiros [da mina] Siglo XX, o camarada Vico que era fabril, [...] e os demais eram universitários, mas descendentes do campo: Tarata, Punata e Sacaba. Decidimos formar a UCAPO, porque o ELN [Ejército de Liberación Nacional] estava desesperado tentando recrutar a juventude do partido dentro da Universidade de Cochabamba, eles iam conversando todos os dias com os camaradas do partido. Mas lembro de gostar de ouvir sobre a lealdade ao partido e esses camaradas eram leais ao partido até o fim. Então, um dia nos reunimos e decidimos ter uma reunião para decidir o que faríamos com o partido; **sabíamos que Zamora já tinha traído em Yapacaní o partido quando estavam formando a guerrilha acho que com o Rodolfo Siñani, Claros, a irmã de Domitila [Barrios de Chungara], Marina e muitos camaradas.**

Como sempre Zamora, um traidor[,] os tirou das concentrações [das zonas do Plano Revolucionário] e os mandou para a China e Albânia, sempre era a teoria. Frente a isso decidimos não avisar a ninguém, nem ao Comitê Central[,] porque sabíamos o que iria acontecer. (Santico, 2019 *apud* Echazu, 2021, p. 237, tradução nossa)⁵⁵

⁵³ O nome do “camarada Santico” é escrito de diversas formas no livro, ora como “Santiesteve^z”, ora como “Santiesteves”, e até como “Santiesteban”. Infelizmente, não temos como confirmar qual a grafia correta, mas sabemos que em todos os casos se referem a mesma pessoa pelo contexto e pelo *nom de guerre* “Santico”. Em respeito, e para manter uma padronização, o referenciaremos como Santico também.

⁵⁴ Original em espanhol: “Camaradas, sobre UCAPO se ha hablado mucho. Pero todo es falsedad, mentiras y hacer parecer como comandante a MOTETE Zamora, como si Zamora hubiese organizado. Zamora no tiene nada que ver con UCAPO, él no ha organizado NADA.”

⁵⁵ Original em espanhol: “Los que hemos organizado (UCAPO) hemos sido unos camaradas que, en esa época, estuvimos en la Universidad y algunos otros ex-mineros de Siglo XX, el camarada Vico que era fabril, [...] y los demás eran universitarios, pero descendientes del campo: Tarata, Punata y Sacaba. Decidimos formar UCAPO, porque el ELN estaba desesperado de reclutar a la juventud del partido dentro de la Universidad de

A relação de segmentos do Partido, em especial, de sua juventude, com a direção (representada principalmente em Zamora), já se mostrava conturbada na época, existindo desconfiança e receio sobre os reais interesses do primeiro-secretário. Santico conta que ele e outros militantes já haviam iniciado preparativos, incluindo a aquisição de armamentos utilizando recursos próprios (“Pegamos um pouco de dinheiro da FUL [correspondente ao Diretório Central dos Estudantes, DCE, das universidades bolivianas], compramos armas. Outros camaradas que tinham em suas casas trouxeram de seus pais, sem que soubessem, pegaram as armas, uma pistola, e o que tinham” [Santico, 2019 *apud* Echazu, 2021, p. 237, tradução nossa]⁵⁶), tudo isso sem o conhecimento do Comitê Central. Pelo que descrevem, foi feita uma mobilização relativamente ampla, contactando diversos membros do Partido inclusive de outras regiões, buscando reunir aqueles militantes que demonstravam maior firmeza na tomada de posição pela guerra popular.

Mandamos uma comissão ao Chapare dos camaradas como Toscano da Siglo XX, que era o guarda-costas de Federico [Escobar], estava lá em Yapacaní e Chimoré. E contatamos, ele vendo o informe, como estava, e depois decidimos entre o Chapare ou Santa Cruz, mas ninguém do Comitê Central sabia, já não confiávamos, na verdade. (Santico, 2019 *apud* Echazu, 2021, p. 237, tradução nossa)⁵⁷

Apesar dos esforços, não foi possível ocultar por muito tempo o que os militantes estavam organizando. Em julho de 1970, o ELN reinicia suas atividades guerrilheiras no que ficou conhecido como “Guerrilha de Teoponte”, no departamento de La Paz. Os questionamentos a Zamora (não só por parte do próprio Partido, mas até pela imprensa local) sobre quando ele iniciaria a luta armada cresceram, já que o PCB (M-L) defendia isso abertamente, no que ele titubeava dizendo coisas como “É que a luta armada não é uma corrida de carros, vamos fazer, já vão ver” (Santico, 2019 *apud* Echazu, 2021, p. 238, tradução nossa). Santico relata que havia uma grande dúvida entre os camaradas sobre avisar ou não Zamora sobre o que estavam organizando, até que decidem reunir-se com ele:

Cochabamba, ellos iban charlando todos los días a los camaradas del partido. Pero entonces me gusto escuchar hablar de la lealtad al partido y esos camaradas eran leales al partido a toda prueba. Entonces un día nos reunimos y decidimos tener una reunión para decidir que íbamos a hacer con el partido; **sabíamos que Zamora ya había traicionado en Yapacaní al partido cuando estaban formando la guerrilla creo que era con Rodolfo Siñani, Claros, la hermana de Domitila, Marina y muchos camaradas. Como siempre Zamora, un traidor los sacó de las concentraciones y los mandó a la China y Albania, siempre era la teoría.** Frente a eso decidimos no avisar a nadie, ni al Comité Central porque sabíamos lo que nos iba a pasar.”

⁵⁶ Original em espanhol: “Sacamos algo de plata de la FUL, compramos armas. Otros camaradas que tenían en su casa trajeron de sus padres, sin que sepan, sacaron las armas, una pistola y lo que tenían.”

⁵⁷ Original em espanhol: “Y mandamos una comisión al Chapare de los camaradas como Toscano de Siglo XX, que era guarda-espaldas del Federico, estaba allá en Yapacaní y Chimoré. Y contactamos, él viendo el informe, como era, y después decidimos entre el Chapare o Santa Cruz, pero nadie sabía del Comité Central, ya no confiábamos, la verdad.”

O convidamos a uma reunião e lhe mostramos o armamento que tínhamos. Que o partido não nos deu nenhuma arma. A gente que conseguiu. Então, “nesse caso – ele disse – sim, está bem, camaradas”, “queres ir? – o dissemos – isso é pra fazer a luta armada, não é pra que fiques fazendo discurso e não faça nada... se não queres ir, não vai, ninguém tá te obrigando”. “Não, vamos fazer, camaradas”. (Santico, 2019 *apud* Echazu, 2021, p. 238, tradução nossa)⁵⁸

Frente à situação praticamente consolidada, Zamora decide apoiar os preparativos e são realizadas algumas reuniões a nível de Comitê Central (CC) para discutir os próximos passos. A última reunião foi realizada na mina de San José, onde definiram os últimos pontos antes de partir finalmente para Santa Cruz. Os armamentos reunidos foram levados até o “Camarada Medina”, um dos membros do Partido que havia se instalado na região quando da primeira definição do Plano Revolucionário.

Medina já faleceu, e lá nós tínhamos o Partido já bem organizado, o norte era cheio de comunistas, bases de apoio, dirigentes por todos os sindicatos, aí estava o tio do atual presidente [Evo Morales], Marcial Morales, estava o camarada [Clemente] Rodríguez, bom havia um montão de camaradas, estava o Coco Gutiérrez, velho Gutiérrez [presume-se que seria Demetrio Gutiérrez, um dos nomes que aparecem repetidas vezes sobre o trabalho dos comunistas em Santa Cruz], estava o camarada Solís, e toda a família. (Santico, 2019 *apud* Echazu, 2021, p. 239, tradução nossa)⁵⁹

Pelos relatos, é possível identificar três momentos importantes: primeiro, o envio de militantes para o campo no contexto do Plano Revolucionário entre 1968 e 1969, como já mencionado; segundo, esse momento após a definição do CC de apoiar os esforços da UCAPO (podemos entender que, então, a UCAPO já existia enquanto organização camponesa) em meados de 1970; terceiro, a tomada das terras, em especial, do latifúndio Chané-Bedoya, e a declaração pública do início da guerra popular. Sobre o segundo momento, Santico descreve o grau de relacionamento que os comunistas desenvolveram com as massas da região e o apoio que a UCAPO adquiriu rapidamente:

[Antes da tomada das terras de Chané-Bedoya], nós fomos cada um a diferentes lugares de fazendas, para trabalhar como peões, onde havia o Partido. Cada vez que o Partido pedia, nós íamos carpindo, e de noite, dávamos cursos de política no sindicato, para ampliar nossas bases de apoio. E conseguimos. Todo mundo queria ser da UCAPO, todos queriam se juntar e os melhores a gente colocava pra dentro

⁵⁸ Original em espanhol: “Le invitamos a una reunión y le mostramos el armamento que teníamos. Que el arma no nos dio el partido en absoluto nada. Nosotros conseguimos. Entonces ‘en ese caso -él digo- si está bien, camaradas’, ‘Quieres ir?, le dijimos, esto es para hacer la lucha armada, no es para que estés discursando y nos hagas.... si no quieres ir, no vas, nadie te está obligando’. ‘no, vamos a hacer camaradas’. (sic)

⁵⁹ Original em espanhol: “Medina ya falleció, y allá nosotros teníamos al Partido ya bien organizado, el norte era lleno de comunistas, bases de apoyo, dirigentes por todos los sindicatos, ahí estaba el tío del actual presidente, Marcial Morales, estaba el camarada Rodríguez, bueno había un montón de camaradas, estaba el coco Gutiérrez, estaba el camarada Solís, y toda la familia.”

do Partido, os mais avançados. Então, o Partido se constituiu com umas bases de apoio imensas. Teve uma vez, um *eleno* [membro do ELN] me disse “mas vocês não dispararam nem um tiro” e eu o respondi “é que não é o fuzil que manda na gente, nós mandamos no fuzil, o partido, aí está a diferença com vocês, nossas bases de apoio são as massas, a de vocês, a base de apoio é a mochila”. (Santico, 2019 *apud* Echazu, 2021, p. 239, tradução nossa)

O depoimento de Rodolfo Siñani complementa o de Santico nesse sentido:

[As contradições que existiam no Norte de Santa Cruz] fez com que as massas se organizassem sob a direção do núcleo comunista, comandado pelo camarada Clemente Rodríguez: Secretário Executivo da Federação de *Cañeros* [Cortadores de Cana]. Da sua parte, o Comitê Regional do Partido dirigido por Demetrio Gutiérrez e integrado por Elva de Molina, Sócrates Caballero, y a Negra [não fica claro quem seria], enviou um grupo de ativistas ao Norte, com o objetivo de canalizar o levante popular. Eram milhares de camponeses que buscavam soluções políticas e econômicas. [...]

Cientes dessa difícil conjuntura, um grupo de camaradas de Cochabamba insistiu que Oscar Zamora (na época, primeiro-secretário do partido a nível nacional) dispusesse a participação político-militar do partido em tão importante acontecimento. Caso contrário, os camaradas da base tomariam a tarefa de assumir suas decisões às margens do Comitê Central do Partido. Não era uma simples luta reivindicativa. A consigna que se difundia aos quatro ventos era: “O PODER NASCE DO FUZIL”.

Dessa forma, se trasladaram a Santa Cruz, onde se incorporaram outros quadros do partido, entre eles Marcial Morales (de Yapacani). (Siñani, 2019 *apud* Echazu, 2021, p. 227, tradução nossa)

Ainda sobre a decisão de tomar o Norte de Santa Cruz como ponto de partida, Raúl Zárate acrescenta algumas informações:

Em um primeiro momento, Zamora e os dirigentes camponeses propuseram que o norte de Potosí era o lugar adequado, dado que, além da sua direção — que era bastante numerosa —, contavam com o apoio de todo o campesinato da região. A proposta foi rejeitada porque não condizia com a estratégia política da eliminação do latifúndio, posto que naquela região não existiam grandes propriedades que estivessem em mãos privadas. Uma segunda avaliação permitiu coincidir na opinião de que o melhor cenário para a introdução estratégica era no norte de Santa Cruz. Nessa região estava se desenvolvendo uma pugna entre as terras pertencentes ao empresário Raúl Bedoya que, pelo requerimento insistente do setor camponês da região, havia cedido parte de suas terras para o estabelecimento de colônias. Porém, estas não eram suficientes para satisfazer as necessidades dos camponeses, que argumentavam que lhes foram dadas terras improdutivas. Assim, o grupo decidiu que as condições para estabelecer a estratégia da luta popular prolongada estavam

dadas em tal região. Dessa forma, o Partido elaborou um plano de operações, necessário para organizar a logística humana que apoiaria o grupo. (Réyes Zárate, 2017, p. 232-233, tradução nossa)⁶⁰

6.2. A tomada do latifúndio Chané-Bedoya

Com os preparativos para levar a cabo o início da guerra popular prontos, tomou-se a decisão de organizar os camponeses do Norte de Santa Cruz para tomar o latifúndio Chané-Bedoya. O latifúndio se localizava na província Obispo Santistevan, ao norte da capital Santa Cruz de la Sierra e, segundo dados de 1961, tinha 13.871,05 hectares de extensão (Réyes Zárate, 2017, p. 236). Raúl Bedoya, dono das terras, possuía milhares de cabeças de gado, sendo o maior empreendimento de gado da Bolívia na época. A família Bedoya, de origem argentina, tinha suas origens desde os anos de 1910 na Bolívia, com inúmeros empreendimentos agrários, acordos governamentais, além de relações políticas influentes, tanto no departamento de Santa Cruz, quanto nacionalmente. A tentativa de conquistar o latifúndio Chané-Bedoya por parte da UCAPO não foi a primeira, há relatos de que de tempos em tempos havia mobilizações camponesas para tomar aquelas terras, o que denota um histórico de luta mais amplo na região.

No dia 10 de outubro de 1970, por volta das 6h da manhã, a Unión de Campesinos Pobres inicia a tomada do latifúndio Chané-Bedoya. Um jornal local relatou que o grupo tinha cerca de 35 pessoas armadas, composto por camponeses e por universitários (Réyes Zárate, 2017, p. 239). A imprensa local e nacional deu bastante ênfase no fato de haver universitários no grupo, além de serem “de fora” (de outros departamentos, e não de Santa Cruz), ligando o alerta de ser um possível novo grupo guerrilheiro. O evento foi noticiado no mesmo dia:

Para a segunda semana de outubro de 1970 a imprensa [de La Paz] registrou a tomada da fazenda Chané Bedoya pelos camponeses e como um acontecimento

⁶⁰ Original em espanhol: “En un primer momento, Zamora y los dirigentes campesinos propusieron que el norte potosino era el lugar adecuado, dado que, además de su dirigencia — la cual era bastante numerosa —, se contaba con el apoyo de todo el campesinado de la región. La propuesta fue desestimada porque no condecía con la estrategia política de la eliminación del latifundio, puesto que en aquella región no existían grandes propiedades que estuvieran en manos privadas. Una segunda evaluación permitió coincidir en que el mejor escenario para la introducción estratégica era el norte de Santa Cruz. En esa región se estaba produciendo una pugna entre las tierras pertenecientes al empresario Raúl Bedoya que, por el requerimiento insistente del sector campesino del lugar, había cedido parte de sus tierras para el establecimiento de colonias. Sin embargo, estas no eran suficientes como para satisfacer las necesidades de los campesinos, quienes aducían que se les había dotado de tierras improductivas. Así, el grupo decidió que las condiciones para establecer la estrategia de la lucha popular prolongada estaban dadas en dicha región. De esa manera, el Partido elaboró un plan de operaciones, necesario para disponer de la logística humana que apoyara el grupo.”

pouco claro. Logo se deu a notícia da possível aparição de guerrilhas, posto que a ocupação tinha se consolidado com armas e a tomada de reféns.

No sábado 10 de outubro de 1970, três dias após a subida [do General Torres], a imprensa divulgou a informação de que um grupo fortemente armado tinha tomado por assalto a propriedade Chané Bedoya. A primeira versão procedente de Montero dizia que um grupo de universitários havia participado da ação, em cooperação com camponeses da região, cuja primeira ação após a ocupação foi a organização do Comitê Revolucionário de Defesa dos Camponeses Pobres e sua primeira medida foi tomar conta da propriedade que, naquele momento, possuía duas mil cabeças de gado, maquinários e outros bens pertencentes ao empresário R. Bedoya. (Réyes Zárate, 2017, p. 239, tradução nossa)⁶¹

A ocupação durou pouco mais de um dia, segundo o relato de “Jorge” (identificado posteriormente como Jorge Acosta Ortiz (ou Juan José Salazar⁶²) dado em uma conferência de imprensa na Universidad Gabriel René Moreno na capital Santa Cruz de la Sierra no dia 15 de outubro. Nessa conferência, Jorge relatou quando e como se deu a ocupação do latifúndio, contando com a intervenção do “Ejército Popular de Liberación” sob as ordens do “Comandante Rolando”. Até onde foi possível constatar, esta foi a única vez em que se falou em um Exército Popular de Libertação, nome comum utilizado por defensores do maoismo para identificar o chamado “segundo instrumento”⁶³ da revolução, porém, o nome do “Comandante Rolando” continuaria a ser mencionado. “Rolando” foi o *nom de guerre* escolhido por Oscar Zamora para dirigir a guerra popular, algo que não serviu de muita coisa para esconder sua verdadeira identidade.

A presença de Zamora em Santa Cruz já era conhecida na primeira metade de outubro, além de sua movimentação ao Norte do departamento, então, quando os guerrilheiros declararam à

⁶¹ Original em espanhol: “Para la segunda semana de octubre de 1970 la prensa paceña registró la toma de la hacienda Chané Bedoya por los campesinos y como un suceso poco claro. Luego se dio la noticia de la posible aparición de guerrillas, puesto que la ocupación se había consolidado con las armas y la toma de rehenes. El sábado 10 de octubre de 1970, a tres días del ascenso de Torres, la prensa dio a conocer que un grupo fuertemente armado había tomado por asalto la propiedad Chané Bedoya. La primera versión procedente de Montero señalaba que un grupo de universitarios había tomado parte de la acción, en cooperación con campesinos del lugar, cuya primera acción luego de la toma fue la organización del Comité Revolucionario de Defensa de los Campesinos Pobres y su primera medida fue mantener bajo control la propiedad que, en ese momento, constaba de dos mil cabezas de ganado, maquinarias y otros bienes pertenecientes al empresario R. Bedoya.”

⁶² Zárate apud García, 2017, p. 251.

⁶³ Na teoria maoista, compreende-se como três os instrumentos fundamentais para a revolução: o Partido Comunista, que dirige; o Exército, que combate, mobiliza, produz, etc.; e a Frente Única, que organiza as classes revolucionárias e sustenta a luta armada. O Exército se transforma no decorrer da revolução, primeiro como estrutura irregular, entendendo a primeira etapa (chamada de “defensiva estratégica”) de uma guerra popular como sendo principalmente de luta guerrilheira, evoluindo até adquirir aspectos de força regular nas etapas posteriores (equilíbrio e ofensiva estratégicas). Historicamente, houve uma tendência de adotar nomes como “Exército Guerrilheiro de Libertação”, “Exército Guerrilheiro Popular”, que depois se transformaram em “Exército de Libertação Popular” e variações para denotar a evolução de suas formas, ver exemplo do Partido Comunista do Peru.

imprensa que não faziam parte do ELN e que “seu objetivo não era só cooperativizar (*sic*) a fazenda” (Réyes Zárate, 2017, p. 242), a conexão se tornou óbvia: o líder do “partido comunista *pequínês*”, que defendia a luta armada iniciando pelo campo e que estava naquela região, tinha que ser o tal comandante desse novo grupo guerrilheiro. Chama a atenção a aparente “liberdade” com que Zamora (e outros militantes do Partido, como o próprio Federico Escobar antes de sua morte) atuavam politicamente na época, pois não só eram amplamente reconhecidos como membros do Partido Comunista, mas também realizavam entrevistas públicas defendendo a luta armada. Era pública a informação de que Zamora era o primeiro-secretário do PCB (M-L), o que demonstra como as ilusões (na percepção de organizações do período, como o próprio PCCh) com a legalidade burguesa eram bastante difundidas na cultura do Partido, algo que se mantém ainda hoje em inúmeras organizações que defendem o comunismo na Bolívia e no resto do mundo. A consequência lógica disso é justamente a facilidade com que a perseguição política se dá quando ocorre um recrudescimento da repressão estatal – o que eventualmente há de ocorrer, se um movimento revolucionário acredita seriamente que suas ações levarão ao desenvolvimento de uma revolução. Esse erro estratégico trouxe consequências desastrosas já no ano seguinte e, principalmente, após o golpe de Hugo Banzer em 1971.

A luta em Chané-Bedoya não se encontrou isolada, pois contou com apoio de diversas organizações na capital *cruceña* (Santa Cruz de la Sierra). No dia 7 de outubro, o general Juan José Torres tinha subido ao poder na sequência de golpes militares que tinham se tornado comuns nos últimos anos, a diferença era que, como o general Torres não possuía um apoio consolidado entre as classes dominantes e os próprios militares, ele apostou no apoio popular das organizações de massa bolivianas e prometeu constituir um governo popular revolucionário. No meio desse turbilhão político (Torres no governo e a luta em Chané-Bedoya), na segunda semana de outubro, foi conformado o “Comitê Revolucionário de Santa Cruz”, composto pelo Partido Demócrata Cristiano Revolucionario (PDC-R), Partido Revolucionario de Izquierda Nacionalista (PRIN), Movimiento Nacionalista Revolucionario (MNR), Partido Comunista de Bolívia (alinhado aos soviéticos), e o Partido Comunista de Bolívia (Marxista-Leninista), que declararam estar em prontidão para defender tanto o “governo revolucionário” de Torres quanto a luta camponesa no Norte (Réyes Zárate, 2017, p. 243). Outra organização, uma “junta vecinal” (organização de bairro) chamada Perseverancia, foi inclusive mais enfática na sua defesa da ocupação em Chané-Bedoya, felicitando a “Valente atitude dos universitários progressistas que colaboraram com os camponeses” e apoiando “integralmente o movimento de camponeses pobres, que junto com

trabalhadores e universitários procederam a ocupar no norte as terras de Chané Bedoya” (Réyes Zárate, 2017, p. 244, tradução nossa).

Esse aspecto (do apoio urbano) é algo importante de se destacar, já que uma das dificuldades enfrentadas pelos movimentos revolucionários é o possível isolamento pela luta armada que ocorre quando esta se encontra deslocada da luta política concreta das massas em uma região. Esse isolamento é uma tendência comum para as organizações foquistas, mas o maoismo coloca a solução desse problema justamente na teoria da guerra popular e dos Três Instrumentos Fundamentais mencionados anteriormente. A mobilização (em torno de suas reivindicações imediatas), politização (sobre as origens da opressão e exploração, e o caminho para sua libertação), e a organização (na UCAPO, e aqueles mais avançados no Partido Comunista, como relatado por Santico) dos camponeses pobres no Norte de Santa Cruz foi um processo longo, fruto do envio de comunistas para viver junto àquelas massas, que representou uma aplicação correta, a partir da interpretação das teses de Mao Tsé-tung, que se tinha até então. Para os camponeses, os guerrilheiros não eram simplesmente jovens universitários, pois tinham provado seu interesse genuíno em apoiar sua luta pela conquista da terra. Já para as massas urbanas, aquela não era só mais uma guerrilha (como as que o ELN tinha iniciado), pois havia um objetivo claro de tomar os latifúndios em defesa do campesinato miserável que representava uma grande parcela da população do país. Somado ao contexto nacional de efervescência popular na defesa de um processo revolucionário, a experiência da UCAPO tinha condições objetivas bastante favoráveis para o seu sucesso.

Após aproximadamente 35 horas de ocupação, no dia 11 de outubro, os guerrilheiros deixaram o latifúndio, mas declararam que o proprietário, Raúl Bedoya, tinha um prazo máximo de 30 dias para entregar as terras aos camponeses (Réyes Zárate, 2017, p. 240). Os governos local e nacional reagiram imediatamente, por um lado expressando o interesse em promover a reforma agrária na região de Santa Cruz, reconhecendo a miséria e a grande concentração de terras, e por outro reafirmando a defesa da propriedade privada, denunciando os métodos violentos empregados em Chané-Bedoya. Havia um esforço corporativista por parte do governo de Torres, assim como houvera com o chamado Pacto Militar-Camponês durante o governo do general Barrientos, de alinhar as expectativas dos camponeses dentro do marco legal do Estado, de firmar pactos entre os sindicatos agrícolas com o governo, em oposição às aspirações de revolução agrária, i.e., a conquista violenta das terras do latifúndio. Porém, um dos acordos que tinham sido feitos com Raúl Bedoya para a desocupação, foi que a colheita, o gado, maquinários, etc., ficariam intocados, enquanto se esperaria pela intervenção do governo para o repasse da titularidade da fazenda. Segundo o que fora

relatado à imprensa da época, Bedoya rompeu o acordo ao tentar retirar algumas cabeças de gado do local, e no dia seguinte (12 de outubro) ocorreu a segunda ocupação do latifúndio Chané-Bedoya:

No dia seguinte, ante a inoperância do Estado por estabelecer alguma medida a favor das demandas camponesas, "cinquenta homens fortemente armados" ocuparam novamente a estância Chané Bedoya pedindo sua cooperativização e de outras mais. A tomada ocorreu, segundo a imprensa, às cinco da manhã, capturando como reféns ao proprietário R. Bedoya e o seu administrador Juan Sanjinés. Ambos foram trasladados até a *casa de hacienda* [casarão rural de estilo colonial], onde cinco membros permaneceram em guarda, enquanto os outros vigiavam as vias de entrada da propriedade. (Réyes Zárate, 2017, p. 242, tradução nossa)⁶⁴

Sobre essa segunda ocupação, agora com o próprio Bedoya como refém, Santico relata o seguinte:

Aí, caiu o senhor Bedoya, no seu escritório, quem cuidou dele foi o camarada Juancito Ferrufino [...]. Diz ele que estava chorando, urinando nas calças o Bedoya, porque acreditava que íamos matá-lo. Nisso se organizaram todos os camponeses, por isso nós sempre dizemos que o partido que mais conseguiu mobilizar os camponeses é a UCAPO, o Partido [Comunista] como tal. Nenhum partido tinha mobilizado tanto os camponeses com a visão marxista. [...] Naquele transe de tomar [o latifúndio], iam os sindicatos, de Yapacaní, de toda a região, com seus facções, suas escopetas, em marcha, gritando “O poder nasce do fuzil”, “A luta armada”, “Viva Mao”. Gritando, porque eram os quadros do Partido e os dirigentes. [...] O mais fundamental era [a política]. Todo o dia e noite. (Santico *apud* Echazu, 2021, p. 240, tradução nossa)⁶⁵

Essa segunda ocupação teve caráter permanente, ou seja, se manteve nas semanas seguintes, dessa vez com os guerrilheiros (i.e., os comunistas, universitários e camponeses mobilizados na UCAPO) exercendo o controle total do latifúndio e da região, incluindo o bloqueio de estradas. No dia 26 de outubro, o governo enviou uma comissão para negociar com a

⁶⁴ Original em espanhol: “Al día siguiente, ante la inoperancia del Estado por establecer alguna medida a favor de las demandas campesinas, 'cincuenta hombres fuertemente armados' ocuparon nuevamente la estancia Chané Bedoya pidiendo su cooperativización y la de otras más. La toma se produjo, según reportes de prensa, a las cinco de la mañana, capturando como rehenes al propietario R. Bedoya y a su administrador Juan Sanjinés. Ambos fueron trasladados a la casa de hacienda, donde cinco miembros permanecieron como resguardo, mientras que los otros vigilaban los caminos de ingreso a la propiedad.”

⁶⁵ Original em espanhol: “Ahí, cayó el señor Bedoya, en su oficina, quién lo ha cuidado fue el camarada Juancito Ferrufino [...]. Dice que estaba llorando, orinándose en su pantalón Bedoya, porque creía que lo íbamos a matar. En eso se organizaron todos los campesinos, por eso nosotros siempre decimos que el Partido que más ha movido a los campesinos es el UCAPO, el Partido como tal. Ningún Partido había movido tanto a los campesinos con la visión marxista. [...] En ese transe de tomar eso, venían los sindicatos, de Yapacaní, desde todos los alrededores, con sus machetes, con sus escopetas, en marcha, gritando ‘El poder nace del fusil’, ‘La lucha armada’, ‘Viva Mao’. Con griteríos, porque eran los cuadros del partido y los dirigentes. [...] Lo más fundamental era lo político. Todo el día y noche.”

UCAPO (nesse momento, ainda não era público o nome da organização, sendo reconhecidos apenas como “as pessoas armadas de Chané” [Zárate *in* García, 2017, p. 246]), incluindo representantes dos ministérios da Defesa, Assuntos Camponeses, do Interior, e do Trabalho e Assuntos Sindicais. A proposta inicial era de que a reunião deveria ocorrer em Santa Cruz de la Sierra, e que R. Bedoya deveria ser levado até lá, pois continuava como refém em Chané. Porém, a proposta foi recusada, e foi necessária a realização de duas reuniões separadas: uma na cidade, entre os emissários do governo, a Central Obrera Departamental (COD) de Santa Cruz, trabalhadores, universitários, empresários, e familiares de Bedoya; a outra, no dia seguinte (27 de outubro) em Chané, finalmente reuniu os emissários com os camponeses.

O encontro durou quase o dia todo, culminando na assinatura de um convênio entre R. Bedoya e os camponeses, com a aquiescência do Governo, que determinava que todo o gado seguiria pertencendo à empresa e que, em até dois anos, deveria ser levado até outro local. Uma estimativa indicava que se tratava de pelo menos três mil cabeças de gado, que cuja venda poderia cobrir as dívidas pendentes da empresa com o Banco Agrícola, enquanto todas as propriedades, como as casas e instalações, ficariam sob controle do campesinato. (Réyes Zárate, 2017, p. 246, tradução nossa)⁶⁶

O acordo final era positivo para os camponeses, pois garantia não só a titularidade do latifúndio, como também a posse das estruturas que já estavam ali instaladas. Houve a tentativa por parte de Bedoya de estabelecer uma relação de propriedade “mista” em que a posse continuaria sua, mas 60% dos lucros ficariam com os camponeses, mas tal proposta foi rejeitada (Réyes Zárate, 2017, p. 246). Dias depois, o acordo foi assinado, garantindo a titularidade das terras aos camponeses e pondo Raúl Bedoya em liberdade.

Um dos objetivos do governo durante as negociações em Chané-Bedoya era identificar quem estava dirigindo aquela ocupação para, em seguida, tentar isolá-los da base camponesa. No final de outubro, já era de conhecimento público a presença dos “universitários” que diziam não fazer parte do ELN e que afirmavam que seus objetivos não se restringiam apenas àquela ocupação. Além disso, a presença de Zamora em Santa Cruz também já tinha sido amplamente divulgada, o que facilitou a identificação por parte do governo de que aquilo se tratava de uma guerrilha dirigida pelos “comunistas do setor pequinês”.

⁶⁶ Original em espanhol: “El encuentro duró casi todo el día, llegando a la firma de un convenio entre R. Bedoya y los campesinos, con la aquiescencia del Gobierno, que determinaba que todo el ganado seguiría perteneciendo a la empresa y que, en un término de dos años, debería ser llevado a otro sitio. Una estimación indicaba que se trataba de por lo menos tres mil cabezas de ganado, con cuya venta la empresa podría cubrir sus deudas pendientes con el Banco Agrícola, mientras que todas las propiedades, como las casas y las instalaciones, quedarían en poder del campesinado.”

A presença do grupo universitário era inegável e tanto a sociedade *cruceña* quanto a imprensa apontavam que o grupo pertencia à tendência política pró-China [...]. Além disso, reconheceram que o líder do grupo era Zamora, quem "durante os últimos acontecimentos políticos apareceu nesta cidade com um grupo armado", "tinha permanecido bastante tempo na área rural e [...] tinha sido quem havia lançado a consigna de ocupar as terras", mesmo que os camponeses negassem qualquer influência política (*Los Tiempos* [jornal], 27 de outubro de 1970). A família Bedoya afirmava que o grupo de universitários não-*cruceños* estava constituído por guerrilheiros, "alguns deles com vasto treinamento em Cuba" (*Los Tiempos*, 31 de outubro de 1970), mesmo com o Governo desmentindo declarando que só se tratava de "um grupo de rapazes armados" (*ibid.*). No entanto, as intuições da oligarquia *cruceña* não estavam longe de apontar que se tratava de "um tipo de guerrilha mais eficiente que o praticado em Ñancahuazú e depois em Teoponte [ambas guerrilhas dirigidas pelo ELN]" (*ibid.*). (Réyes Zárate, 2017, p. 248, tradução nossa)⁶⁷

A partir da identificação de que se tratava realmente de um movimento guerrilheiro dirigido pelo Partido Comunista, o governo iniciou seus preparativos para tentar sufocá-lo. A elite *cruceña*, ligada principalmente ao latifúndio, tinha encarado os acontecimentos em Chané-Bedoya como um grande insulto e uma ameaça à sua estabilidade, sendo uma das principais organizações a se levantar em protesto o Comitê Cívico Pró Santa Cruz. Este Comitê fora fundado em 1950, afirma ser “o organismo cívico de maior hierarquia, representativo de todos os setores sociais ou forças vivas do departamento de Santa Cruz” (Comité Cívico pro Santa Cruz, 2019), diz-se apertadário, sem fins lucrativos, e que tem como objetivo defender os interesses dos habitantes do departamento, assim como sua cultura, identidade, etc. Porém, a organização é notória por se alinhar à direita e, muitas vezes, à extrema-direita, como no apoio explícito ao golpe do general Hugo Banzer em 1971, ou mais recentemente com Luis Fernando Camacho enquanto presidente do Comitê, ao mobilizar paralisações em oposição à candidatura de Evo Morales em 2019, que levaram ao golpe seguinte. Poucos dias após a assinatura do acordo entre o governo, Raúl Bedoya, e os camponeses, o Comitê Cívico emitiu um comunicado repudiando os acontecimentos e

⁶⁷ Original em espanhol: “La presencia del grupo universitario era innegable y tanto la sociedad cruceña como la prensa apuntaban a que el grupo pertenecía a la tendencia política pro-China [...]. Además, reconocieron que el líder del grupo era Zamora, quien 'durante los últimos sucesos políticos apareció en esta ciudad con un grupo armado', 'había permanecido bastante tiempo en el área rural y [...] había sido quien lanzó la consigna de ocupar las tierras', aunque los campesinos negaban cualquier influencia política (*Los Tiempos*, 27 de octubre de 1970). La familia Bedoya aducía que el grupo de universitarios no cruceños estaba constituido por guerrilleros, 'algunos de ellos con vasto entrenamiento en Cuba' (*Los Tiempos*, 31 de octubre de 1970), aunque el Gobierno lo desmintió declarando que únicamente era 'un grupo de muchachos armados' (*ibid.*). Sin embargo, las intuiciones de la oligarquía cruceña no estaban lejos de apuntar que se trataba de 'un tipo de guerrillas más efectivo que el practicado en Ñancahuazú y luego en Teoponte' (*ibid.*).”

demandando o retorno das terras aos “legítimos proprietários” (Réyes Zárate, 2017, p. 248), incluindo uma ameaça velada de que, caso não fosse feito nada, o próprio Comitê interviria.

6.3. A intervenção do exército

No dia 29 de outubro, ou seja, apenas um ou dois dias após a assinatura do acordo em Chané-Bedoya, as Forças Armadas (FFAA) enviaram o Regimento *Boquerón* em direção ao latifúndio e tomaram conta de uma ponte que ligava a fazenda à estrada principal. No relato de Santico, ele comenta o seguinte:

[...] Nós tínhamos informação desde a porta do quartel. Na frente tinham umas *k'ateritas* [vendedoras de rua] que vendiam refrescos, como *mok'ochinchi*, até pros soldadinhos. Aí tinham dois camaradas. E esses camaradas ficavam responsáveis por transmitir qualquer movimento. Quando viram [os soldados] sair, avisava mais pra frente e o outro corria de bicicleta pra avisar, o outro corria de motor e chegava rápido a informação na Central, onde a gente estava e dizia “Já tá vindo o exército, tantos *Caimanes*”. Eu não vi, uns dizem que era o Sevice, o que morreu, Andrés Selich⁶⁸, não sei se era verdade. Estavam entrando, então, nesse momento, falei “que vamos fazer”[:] emboscada. Eu fiz a emboscada, tinha uma ponte, preparei dinamite por baixo e granadas vietnamitas, todas essas coisas, e em dois flancos dividi os que íamos atirar. Tinha que deixar passar dois ou três *Caimanes* e depois explodir [a ponte], e nos de trás e da frente íamos abrir fogo, depois outros iriam recuperar os armamentos [dos soldados]. [...] O exército quis entrar e as mulheres se posicionaram com seus filhos na frente, com facões os homens, escopetas, com tudo o que tinham, mas eram milhares. Não eram cem, duzentos, era todo o Norte de Santa Cruz, os sindicatos. Como estava só a metade, quando ficaram sabendo, começaram a chegar mais pessoas, ou seja, [...] todos os camponeses. Então, nessa situação, o Comandante [presume-se, do exército] disparou pro alto pra aterrorizar. Mas ninguém teve medo, o enfrentaram, [os soldados] escavaram trincheiras, com seus fuzis, para esperar ordens provavelmente, mas não demoraram muito, acho que ficaram dois dias ou um e meio, depois foram embora, retrocederam, voltaram pro quartel, porque era uma massa gigante de mulheres, homens, de todas as idades, com facões, paus, escopetas, estavam armados com o que podiam. (Santico *apud* Echazu, 2021, p. 240-241, tradução nossa)⁶⁹

⁶⁸ Militar que participou na captura de Che Guevara e liderou o golpe contra o general Torres que levou à subida de Hugo Banzer.

⁶⁹ Original em espanhol: “Pero nosotros teníamos información desde la puerta del cuartel. Al frente había unas *k'ateritas* que vendían refrescos, como ser *mok'ochinchi*, hasta para los soldaditos. Ahí había dos camaradas. Y esos camaradas se encargaban de transmitir cualquier movimiento. Cuando vieron salir, avisó más allá y el otro corría en bicicleta a avisar, el otro corría en moto y llegaba rápido la información a la Central, donde estuvimos y decía ‘Ya está viniendo el ejército, tantos *Caimanes*’. Yo no vi, unos dicen que era Sevice, el que murió, Andrés Selich, no sé si será evidente. Estaban entrando, entonces yo, en ese momento dije ‘Qué vamos a hacer’

Esse informe de Santico é um importante complemento, principalmente no aspecto político, do que o historiador Raúl Zárate relata em seu trabalho:

[O objetivo do Regimento Boquerón], segundo o comandante daquele destacamento, era a proteção dos camponeses frente a possíveis atos de violência. No entanto, a ação parecia mais um ato de provocação do poder central para medir a força do grupo. Sem dúvidas a reação foi imediata, mas não por parte dos universitários, e sim pela direção camponesa. Certamente, Juan Tórrez, dirigente camponês de Saja Alianza, declarou que se fosse necessário deslocaria suas bases "para surpreender as tropas pelas costas, caso ocorra um combate, para o qual mobilizarei os camponeses" (*El Diario*, 30 de outubro de 1970). Outro dirigente camponês, Walter Segovia, manifestou: "a violência responderemos com violência" (*ibid.*). Inclusive vários dirigentes declararam que estavam dispostos a mobilizar os camponeses de Cochabamba para que viessem em seu auxílio (*ibid.*). (Réyes Zárate, 2017, p. 248, tradução nossa)⁷⁰

Já no relato de Rodolfo Siñani (que, pelo contexto do testemunho, e comparando com a cronologia dos fatos exposta por Santico e por Zárate, se trata da mesma sequência de acontecimentos), o antigo dirigente afirmou o seguinte:

O anticomunista e reacionário Comitê Cívico, organizou 500 paramilitares, que protegidos pelo exército, se mobilizaram em motos e caminhões em direção a Chané-Bedoya, armados com fuzis e submetralhadoras para sufocar o movimento revolucionário. Ao largo da estrada se produziram algumas escaramuças no enfrentamento entre revolução e contrarrevolução. A aviação sobrevoava a zona, lançaram panfletos de intimidação aos insurgentes.

emboscada. Yo hice la emboscada, había un puente, preparé dinamitas por abajo y granadas vietnamitas, todas esas cuestiones y en dos flancos dividí lo que íbamos a disparar. Teníamos que hacer pasar dos o tres Caimanes y después reventar y a los de atrás y a los de adelante les íbamos a abrir fuego y otros teníamos que ir a rescatar las armas. [...] El ejército quiso entrar y las mujeres se pararon con sus hijos adelante, con machetes los hombres, escopetas, con lo que tenían, pero eran miles. No eran cien, doscientos, eran de todo el norte de Santa Cruz, los sindicatos. Como estaba la mitad, al enterarse los otros, empezaron a llegar también más, [...] todos los campesinos. Entonces en esa situación, el Comandante disparó al aire para atemorizar. Pero no se atemorizaron, le hicieron frente, escavaron trincheras, con sus fusiles, para esperar órdenes seguramente, pero no tardaron, creo que estaban dos días o uno y medio o algo, después se fueron, retrocedieron, se fueron a su cuartel, porque eran una masa gigante de mujeres, hombres, de todas las edades, con machetes, palos, escopetas, estaban armados de lo que podían."

⁷⁰ Original em espanhol: "Su objetivo, a decir del comandante del destacamento, era la protección a los campesinos frente a posibles hechos de violencia. Sin embargo, la acción se parecía más a un acto de provocación del poder central para medir la fuerza del grupo. Sin duda que la reacción fue inmediata, pero no por parte de los universitarios, sino más bien de la dirigencia campesina. Ciertamente, Juan Tórrez, dirigente campesino de Saja Alianza, declaró que de ser necesario desplazaría a sus bases 'para sorprender a las tropas por la espalda, en caso de que haya combate, para lo cual movilizaré a los campesinos' (*El Diario*, 30 de octubre de 1970). Otro dirigente campesino, Walter Segovia, manifestó: 'a la violencia responderemos con violencia' (*ibid.*). Incluso varios dirigentes declararon que estaban predispuestos a movilizar a los campesinos de Cochabamba para que acudiesen en su ayuda (*ibid.*)."

O Estado-Maior da UCAPO, frente a superioridade militar do inimigo e a atitude agressiva do General Torres, decidiu uma retirada tática organizada. (Siñani *apud* Echazu, 2021, p. 228, tradução nossa)⁷¹

Tanto o relato de Santico, sobre a prontidão das forças guerrilheiras e o uso de explosivos para deter o avanço dos militares, quanto o relato de Siñani, sobre o uso da Força Aérea Boliviana e o possível enfrentamento com “grupos civis” (no caso, o Comitê Cívico), são validados pela pesquisa de Zárate a partir de notícias publicadas na imprensa da época (Réyes Zárate, 2017, p. 249). No dia 3 de novembro, foi dada a ordem para que os regimentos Boquerón e Ranger do Exército avançassem em direção a Chané-Bedoya, mas, como consta na citação acima, os camponeses já haviam se retirado e não houve enfrentamentos armados. Parte das forças tinha recuado em direção ao Río Grande (importante rio amazônico da região), alguns chegaram a ser parados por soldados do exército, como o próprio Santico (Echazu, 2021, p. 241), mas apenas três pessoas foram presas naquele momento: Iván, Otto, e Jorge, os três identificados como os “universitários” que tanto se falava.

Quando o Governo apresentou ante os meios de comunicação os universitários que tomaram as propriedades de Chané e os trasladou até a prisão pública de Santa Cruz, [...] os sinalizou como os principais autores da tomada de Chané. Os três universitários foram identificados como: Iván Romero Rivero (ou Alberto Rivera), de 24 anos, natural de Oruro, ex-secretário executivo da FUL [Federação Universitária Local] de Tarija; Nelson Paz Claire, de 23 anos, natural de Cochabamba, ex-membro do Comitê Revolucionário; e Jorge Acosta Ortiz (ou Juan José Salazar), de 24 anos, natural de Tarija, dirigente da FUL de Santa Cruz, que levavam os apelidos de Iván, Otto e Jorge.

Depois de declarar que não sofreram maus tratos durante a prisão, os três revelaram que pertenciam ao grupo Unión de Campesinos Pobres, identificado pela imprensa como UCAP. Disseram que o grupo era uma organização em que participavam não só universitários, mas também camponeses e pessoas de outros setores. Além disso, apontaram que as consignas políticas tinham a finalidade de lutar por melhores condições de vida para os homens do campo, e indicaram que:

"[Apesar da sua ação] ainda não ter dado frutos, devido à intervenção reacionária em Chané Bedoya[,] pode ser considerado um triunfo, já que se mostrou ao campesinato que os universitários são uma esperança para eles em todos os aspectos

⁷¹ Original em espanhol: “El anticomunista y reaccionario Comité Cívico, organizó 500 paramilitares, que protegidos por el ejército, se movilizaron en motos y camiones hacia Chane Bedoya [*sic*], armados con fusiles y metralletas para sofocar el movimiento revolucionario. A lo largo de la carretera se produjeron algunas escaramuzas en el enfrentamiento entre revolución y contrarrevolución. La aviación que sobrevolaba la zona, lanzó volantes de intimidación a los insurrectos. El Estado Mayor de UCAPO, frente a la superioridad militar del enemigo y la actitud agresiva del General Torres, decidió una retirada táctica organizada.”

(El Diario, 21 de novembro de 1970)." (Réyes Zárate, 2017, p. 248, tradução nossa)⁷²

Foi somente após essa prisão que o nome “Unión de Campesinos Pobres”, enquanto organização dirigente daquela luta revolucionária, se tornou público (e levaria um tempo ainda para “acertarem” a sigla UCAPO).

O tal “Jorge” já havia aparecido publicamente (mas usando esse vulgo) em algumas ocasiões, primeiro no decorrer dos acontecimentos da segunda ocupação de Chané-Bedoya, quando a imprensa que pôde visitar a fazenda relatou que “os líderes da segunda ocupação eram *Iván* e *Jorge*, a quem identificaram como os mesmos que organizaram o Comitê Revolucionário integrado por sete camponeses sob a direção de Eugenio Romero” (Réyes Zárate, 2017, p. 242). Por volta do dia 15 de outubro, foi Jorge quem relatou pela primeira vez os acontecimentos em Chané-Bedoya em uma conferência de imprensa realizada na Universidad Autónoma Gabriel René Moreno, na capital *cruceña* (*ibid*, p. 243). “Jorge”, na realidade, se tratava de Juan José Salazar Terceros, e ele quase não aparece nos relatos de Siñani e Santico, algo que chama bastante atenção, já que tinha sido identificado como uma das principais lideranças da UCAPO na época. No entanto, Santico o menciona brevemente em seu relato afirmando que Salazar tinha sido um figurão de Zamora, que “acreditávamos que Salazar também estava trabalhando no campo, igual a gente, mas não, trazia cigarros, ia almoçar e saía. **Por isso [Zamora] o fez deputado.**” (Santico *apud* Echazu, 2021, p. 242, grifo nosso). Em nossa pesquisa, pudemos confirmar que Juan Salazar foi eleito em 1979 como deputado por Santa Cruz pelo MNR, depois em 1980, e permaneceu no cargo até sua morte em 1983 (Bolívia, 1983). Esse contexto nos leva a crer que, assim como Zamora, Salazar (ou “Jorge”) posava como liderança revolucionária de forma oportunista, fazia parte do grupo próximo de Zamora, e posteriormente renegaria a luta revolucionária, por isso a falta de maiores menções por parte de Siñani e Santico.

⁷² Original em espanhol: “Cuando el Gobierno presentó ante los medios de comunicación a los universitarios que tomaron los predios de Chané y los traslado a la cárcel pública de Santa Cruz, ubicándolos en la seccional Pari, los señaló como los principales autores de la toma de Chané. Los tres universitarios fueron identificados como: Iván Romero Rivero (o Alberto Rivera), de 24 años, natural de Oruro, exsecretario ejecutivo de la FUL de Tarifa; Nelson Paz Claure, de 23 años, natural de Cochabamba, exmiembro del Comité Revolucionario; y Jorge Acosta Ortiz (o Juan José Salazar), de 24 años, natural de Tarija, dirigente de la FUL de Santa Cruz, que llevaban los sobrenombres de Iván, Otto y Jorge.

Después de declarar que no sufrieron malos tratos durante su arresto, los tres revelaron que pertenecían a la agrupación Unión de Campesinos Pobres, identificada por la prensa como UCAP [*sic*]. Dijeron que el grupo era una organización en la que participaban no solo los universitarios, sino también los campesinos y las personas de otros sectores. Además señalaron que las consignas políticas tenían la finalidad de luchas por mejores condiciones de vida para el hombre del campo, e indicaron que:

[Aunque su acción] todavía no ha dado sus frutos, por la intervención reaccionaria en Chané Bedoya puede ser considerado como un triunfo, ya que se hizo ver al campesinado que los universitarios son una esperanza para ellos en todo aspecto (El Diario, 21 de noviembre de 1970).”

Após a invasão por parte do exército para retomar as terras de Chané-Bedoya, o governo nacional, por intermédio do prefeito de Santa Cruz de la Sierra, declarou como inválido o acordo firmado dias antes entre Raúl Bedoya e os camponeses, pois “foi conquistado sob pressão das armas e outras circunstâncias irregulares” (Réyes Zárate, 2017, p. 250). A Central Obrera Boliviana (COB), principal central sindical do país e com extenso histórico de luta, imediatamente redigiu uma carta em protesto dirigida ao general Torres, demandando que o exército deixasse de ocupar aquelas terras e que fossem devolvidas aos camponeses. Outras organizações, como a Subcentral de Campesinos de Jerusalén, a Confederación de Estudiantes de Secundaria, a Central Obrera de Santa Cruz, também manifestaram apoio à luta em Chané-Bedoya e denunciaram as ações do governo, em especial, o uso das FFAA para reprimir os camponeses (*ibid.*, p. 251). Mais uma vez, houve grande apoio e solidariedade local e nacional à UCAPO, mesmo com as prisões recentes.

O latifúndio ficou sob controle do governo, utilizando o exército como força de ocupação, o que dificultou a retomada das terras por parte da UCAPO. Este período, de meados de novembro (1970), até início de fevereiro (1971), é um pouco vago na história do movimento. Uma hipótese é que, justamente pelas prisões e pelo incremento da repressão (com a busca por parte das FFAA de outras lideranças), a organização estivesse escondida e planejando suas próximas ações. O testemunho de Santico não é muito claro na cronologia dos fatos, algo que o próprio reconhece (Santico *apud* Echazu, 2021, p. 243), e o fato de se tratar de uma transcrição de uma conversa (ao invés de um texto escrito por ele) torna ainda mais difícil identificar a quais acontecimentos ele se refere em determinado momento. Por isso, mesmo complementando o trabalho de Zárate (mais documental e público) com o de Siñani e Santico (com informações privilegiadas de dentro do Partido), esse período ainda é pouco claro. Podemos levantar três breves acontecimentos dignos de nota, todos ocorridos em janeiro: a) uma suposta nova ocupação de Chané-Bedoya e de outras terras na região; b) a ocupação da secretaria do Comitê Cívico Pró Santa Cruz; e c) a carta de denúncia de Jorge Echazú contra Oscar Zamora.

- a) No livro “Rebelión en las Venas: la lucha política en Bolivia 1952-1982”, de James Dunkerley, o autor afirma que a UCAPO realizou novas ocupações de terras em janeiro de 1971, após a “perda de controle” do governo, entre elas, a de um açucareiro e de um leprosário (Dunkerley, 2003, p. 237). Zárate cita esse trabalho em sua pesquisa, mas é importante notar que Dunkerley não apresenta nenhuma referência para tal afirmação, então não há confirmação;

- b) No dia 12 de janeiro, os escritórios do Comitê Cívico Pró Santa Cruz haviam sido tomados por militantes da UCAPO, novamente dirigidos por *Jorge*. O objetivo era simbólico, de denunciar a atuação antagônica do Comitê frente às demandas dos camponeses e sua ligação com as oligarquias locais. O escudo símbolo da cidade foi pichado com a sigla “UCAPO”, e à meia-noite deixaram o local. Não houve embates físicos;
- c) No dia 31 de janeiro, Jorge Echazú (relembrando, nessa época estava praticamente expulso do Partido) publica uma carta dirigida a Oscar Zamora na imprensa. A carta foi veiculada em alguns jornais, e nela Echazú expõe suas críticas à direção de Zamora, mas são críticas, ao mesmo tempo, duras e vagas. Ela está disponível na íntegra no livro feito pelo seu partido em 2021, e alguns trechos são citados no trabalho de Zárate, mas é uma crítica no mínimo curiosa, pois não é uma exposição longa o suficiente para poder convencer outros militantes (ou a população em geral) de que Zamora era um traidor, mas fez questão de publicá-la em vários jornais diferentes. Porém, há um detalhe em sua carta que, tendo em mente o que ocorreu apenas dias depois, e também o que ocorreu em 2011 (tratado na seção “Balanços Históricos no Movimento Comunista”), nos permite especular sobre seu caráter.

No final da carta de Echazú afirma o seguinte:

Mais tarde, no calor dos combates que se aproximam, surgirá a verdadeira vanguarda da revolução e à sua cabeça, os verdadeiros líderes revolucionários, esses que arriscam sua vida por amor ao seu povo, aqueles que não precisam ser “primeiro-secretários”, para lutar e morrer por seus ideais, aqueles que são marxistas-leninistas na prática e não em declarações. **Ninguém concede títulos de revolucionários, menos ainda de “dirigentes” e se chamar ou fazer que o chamem “comandante”, sem ter dirigido um único combate, é mais que ridículo, é grotesco.** (Echazú *apud* Echazu, 2021, p. 261, tradução e grifo nossos)⁷³

Apenas sete dias depois, no dia 7 de fevereiro, o “comandante Rolando”, i.e., Oscar Zamora, foi preso pelo serviço de inteligência das FFAA, junto com Edmundo Durán, Emilio Suárez e Ruperto Encinas (Réyes Zárate, 2017, p. 256). Segundo o governo, a prisão ocorreu em um acampamento guerrilheiro a um quilômetro do povoado de Rancho Nuevo (cerca de 20 quilômetros de Chané-Bedoya), onde encontraram “pessoas armadas, [...] armamento,

⁷³ Original em espanhol: “Más tarde, al fragor de los combates que se avecinan, surgirá la verdadera vanguardia de la revolución y a la cabeza de ella, los verdaderos líderes revolucionarios, esos que arriesgan la vida por amor a su pueblo, aquellos que no necesitan ser ‘primeros secretarios’, para luchar y morir por sus ideales, aquellos que son marxistas-leninistas en los hechos y no en las declaraciones. Nadie concede títulos de revolucionarios, menos aún de ‘dirigentes’ y llamarse o hacerse llamar ‘comandante’, sin haber dirigido un solo combate, es más que ridículo, es grotesco.”

uniformes verde-oliva. [...] Havia abundante propaganda, panfletos de Mao Tsé-tung, manuais, grande quantidade de alimentos, iguarias, e equipamentos” (*ibid.*, p. 255). Pelo que se pôde identificar, a identidade de “Rolando” como sendo Zamora já era conhecida pelo governo devido o próprio liberalismo sobre suas movimentações e aparições públicas. Porém, até aquele momento, as organizações PCB (M-L) e UCAPO atuavam como sendo completamente distintas uma da outra, seus militantes não declaravam fazer parte do Partido e rejeitavam qualquer vinculação orgânica, pois se compreendia a UCAPO como uma organização de luta camponesa, não como partido comunista, justamente para prezar pela sua segurança. Independente das suspeitas (e do quão fortes elas fossem), uma postura coerente dos comunistas seria de rejeitar tal vinculação, pois havia um projeto político de guerra popular, e havia um grande número de massas envolvido que certamente sofreriam repressão governamental se provada uma relação orgânica com “os *pequineses*”. A carta de Echazú, publicada em jornais por decisão do próprio, acabava por dar mais elementos para a reação identificar a direção da luta em Chané-Bedoya, pois ao “denunciar” que Zamora estava “fazendo ser chamado de comandante”, deixava claro que sua atuação naquele momento era de “comandante”, neste caso, Rolando. Seria um exagero afirmar que essa carta foi a responsável pela identificação e eventual captura de Zamora, mas certamente sua publicação serviu para tirar quaisquer dúvidas que o governo pudesse ter.

Logo após a captura de Zamora, a UCAPO emitiu um comunicado público denunciando as ações do exército, que promovera uma “brutal repressão aos camponeses, invadindo casas e ultrajando os humildes homens do agro” no objetivo de capturar o “comandante Rolando”.

Denunciava que nem as mulheres nem as crianças se salvaram da brutalidade militar e que os detentos foram golpeados até ficar inconscientes e serem levados ao Regimento Rangers, em Guabirá. No entanto, o conteúdo do comunicado não buscava um culpado direto no Governo. Pelo contrário, dava a entender que eram os latifundiários que controlavam o Exército e, portanto, o próprio presidente Torres. Finalmente o comunicado pedia a imediata liberdade do comandante Rolando e dos outros presos; caso contrário, iniciariam “ações revolucionárias” cuja violência seria de responsabilidade direta do regime militar (*El Deber*, 9 de fevereiro de 1971). (Réyes Zárate, 2017, p. 256, tradução nossa)⁷⁴

⁷⁴ Original em espanhol: “Denunciaba que ni las mujeres ni los niños se salvaron de la brutalidad militar y que los detenidos fueron golpeados hasta quedar inconscientes y ser trasladados al Regimiento Rangers, en Guabirá. No obstante, el contenido del comunicado no buscaba un culpable directo en el Gobierno. Al contrario, dejaba entender que eran los latifundistas los que controlaban al Ejército y, por ende, al mismo presidente Torres. Finalmente el comunicado pedía la inmediata libertad del comandante Rolando y de los demás detenidos; caso contrario, iniciarían 'acciones revolucionarias' cuya violencia sería de responsabilidad directa del régimen militar (*El Deber*, 9 de febrero de 1971).”

No dia 13 de fevereiro, Zamora, Durán, e Encinas, foram exilados para o Chile, em um avião da Força Aérea Boliviana que transportava também dois membros da Falange Socialista Boliviana (FSB, partido fascista boliviano) que tinham participado da primeira tentativa de golpe de Hugo Banzer em janeiro (Réyes Zárate, 2017, p. 257). Pelas informações encontradas, a atuação da UCAPO (e do próprio PCB [M-L]) se encontrou confusa após as recentes prisões. No testemunho de Santico, por exemplo, o comunista comenta que, logo antes da prisão de Zamora e demais membros, o “comandante” havia sumido, ou seja, que a base da militância e parte da direção do Partido envolvida em Santa Cruz não sabia mais do paradeiro de Zamora. Essa afirmação – do “sumiço” de Zamora – se repete algumas vezes em seu relato em momentos diferentes, como uma denúncia por parte de Santico (e daqueles militantes que iniciaram a luta em Santa Cruz) de que Zamora não era uma verdadeira liderança, que “dirigia” a luta de longe, sem envolvimento real, e que sua presença mais atrapalhava do que ajudava. Sobre como a notícia da prisão chegou até os militantes, Santico diz:

Ele tinha ido embora acho que com o Salazar, com Encinas, Ruperto Encinas e outro camarada, acho que eram 3, não eram mais, mas a nós, não nos avisaram. Menos pra mim, não me avisou nada. Nos abandonou. Aí saiu que caiu preso, que foi cercado, em uma casa, que isso e aquilo. E a gente não sabia o que fazer. Então, dissemos: “Que fazemos? Temos que contatar o Comitê Central”, sim, que isso e aquilo, como vamos contatar. Então, decidimos voltar às nossas bases de apoio, cada um aos seus sindicatos e aí ficamos um mês ou meio mês, então veio o problema do golpe do Banzer.

E no golpe do Banzer, quando entrou, começou a matar quem era da UCAPO. Tem muitos camaradas que foram mortos. Os falangistas [da FSB] se embebedavam, os paramilitares, e diziam que tinham que sair pra caçar a UCAPO. Entravam nos carros e perguntavam “você são da UCAPO?”, *pá pá*, mataram muitos. O camarada *lobito*, tem uma lista de camaradas que morreram. O camarada Romero ou não sei como se chamava, cortaram os braços dele. O José María deixaram igual uma peneira [*“hicieron cernidor”*]. Bom, morreram muitos, muitos camaradas. E aí de Zamora nunca mais se soube. O único que soubemos é que caiu e que em seguida o levaram pro Chile, não sei pra onde, e ficamos abandonados. [...] Solís, um grande camarada, disse “temos que retroceder imediatamente às casas onde estivemos antes dos camaradas”. (Santico *apud* Echazu, 2021, p. 242, tradução nossa)⁷⁵

⁷⁵ Original em espanhol: “Y se había ido creo que, con Salazar, con Encinas, Ruperto Encinas y otro camarada, creo que eran 3, no eran más, pero a nosotros, no nos avisaron. Menos a mí, no me avisó nada. Nos abandonó. Y de ahí no más ya salió que cayó preso, que fue rodeado, en una casa, que esto que el otro. Y nosotros ya no sabíamos qué hacer. Entonces, dijimos: “Que hacemos?, hay que contactar con el Comité Central”, Si, que esto

Pela pesquisa de Zárate, a UCAPO chegou a emitir algumas declarações nos meses seguintes, mas não foram registradas novas ações, o que condiz com o relatado por Santico a respeito da confusão e perda de contato com a direção do Partido. Zamora e seus aliados chegaram a publicar alguns textos durante o exílio, inclusive um em maio de 1971 onde falava sobre a UCAPO:

O gigante adormecido desperta e se põe de pé. As amplas massas camponesas, exploradas e oprimidas pela exploração latifundiária, depois de vários séculos de servidão, se levantam com um impulso vigoroso mediante a UNIÓN DE CAMPESINOS POBRES (UCAPO). Esta organização com orientação e nova tática desenvolvida pelo Comandante Rolando, aplicando o marxismo-leninismo às condições concretas da Bolívia, iniciou a Revolução Agrária em Chané-Bedoya. São milhares de camponeses *cruceños* que insurgem de maneira valente e decidida, contra o feudal burguês René Bedoya e a reação da oligarquia prepotente de Santa Cruz. (*Liberación* nº 101 *apud* Echazu, 2021, p. 226, tradução nossa)⁷⁶

6.4. Dispersão e fim da UCAPO

O que se pode supor pelos poucos materiais disponíveis é que houve uma dispersão das forças comunistas depois de fevereiro, com militantes retornando às suas cidades natais ou onde viviam antes de partir para Santa Cruz, até que em agosto de 1971 ocorre a segunda tentativa (e, agora, bem-sucedida) de golpe para colocar o general Hugo Banzer no poder. Este novo governo fez parte da chamada Operação Condor e contou com apoio direto do governo brasileiro para sua instalação e manutenção, promovendo ampla repressão política, prisões, torturas, e agindo com permissibilidade frente a organizações de extrema-direita, como a Falange Socialista Boliviana e aos paramilitares mobilizados no Comitê Cívico Pró

que el otro, cómo vamos a contactar. Entonces decidimos volver a nuestras bases de apoyo, cada uno a sus sindicatos y ahí estuvimos un mes o medio mes, entonces vino el problema del golpe de Banzer...

Y en el golpe de Banzer, cuando entró, empezó a matar a los de UCAPO. Hay muchos camaradas que han muerto. Se emborrachaban los falangistas, los paramilitares y decían hay que ir a cazar a UCAPO. Se entraban a sus movi­lidades y preguntaban ‘ustedes son de UCAPO?’, pan paj, a muchos mataron. El camarada lobito, hay una lista de los camaradas que murieron. Al camarada Romero o no sé cómo apellidaba, le cortaron los brazos. A José María le hicieron cernidor. Bueno, murieron muchos, muchos camaradas. Y Ahí de Zamora nunca más se supo. Lo único que supimos es que cayó y luego se lo llevaron a Chile, no sé a dónde y quedamos abandonados. [...] Solís, un gran camarada, dijo ‘hay que retroceder, inmediatamente a las casas donde estuvimos más antes de los camaradas’.”

⁷⁶ Original em espanhol: “El gigante dormido despierta y se pone de pie. Las amplias masas campesinas, explotadas y oprimidas por la explotación latifundista, después de varias centurias de servidumbre, se levantan con impulso vigoroso mediante la UNIÓN DE CAMPESINOS POBRES (UCAPO). Esta organización con orientación y nueva táctica desarrollada por el Comandante Rolando, aplicando el marxismo-leninismo a las condiciones concretas de Bolivia, ha iniciado la Revolución Agraria en Chané-Bedoya. Son miles de campesinos cruceños que insurgen decidida y valientemente, contra el feudal burgués René Bedoya y la reacción de la oligarquía prepotente de Santa Cruz.”

Santa Cruz. Em setembro, o PCB (M-L) emite uma declaração assinada por Zamora denunciando os últimos acontecimentos da política boliviana, enfatizando a resistência popular, em especial, dos trabalhadores mineiros e dos camponeses:

O campo não é mais a reserva dos reacionários. Essa é a razão pela qual os fascistas concentraram todas as suas forças repressivas contra o campesinato do Norte de Santa Cruz, onde, ao espalhar rumores sobre a existência de guerrilhas todos os dias, cometeram os crimes mais brutais contra os camponeses, especialmente contra as organizações da Unión de Campesinos Pobres. Mas, mesmo com todas as suas atrocidades no campo, eles jamais poderão impedir o poderoso levantamento revolucionário iniciado pela revolta de camponeses em Chané-Bedoya sob a liderança da Unión de Campesinos Pobres. (Peking Review, 1972, p. 16, tradução nossa)⁷⁷

Os camponeses, mineiros, estudantes e comunistas continuaram lutando nos anos de chumbo da ditadura de Banzer sob condições ainda mais duras, muitos passando à clandestinidade ou ao exílio, mas a experiência da UCAPO e da tentativa de iniciar uma guerra popular acabaram por ali. Porém, assim como outras organizações latino-americanas, como o PCdoB no Brasil, a UCAPO não deve ser encarada como uma organização guerrilheira qualquer, mas sim como uma experiência original que lutou por aplicar as teorias da revolução chinesa na realidade concreta de seu país. Como pudemos ver, pelo menos dezenas de militantes comunistas, dirigindo centenas (ou até milhares) de camponeses, marcados pela abnegação em luta pela libertação de seu povo contra o imperialismo e a semifeudalidade, puderam enfrentar o latifúndio, as oligarquias locais, as forças paramilitares, e o próprio exército pela conquista da terra. E, mais importante, é o fato de que a direção desse movimento – excetuando aqueles que foram confirmados como oportunistas posteriormente, Zamora disputando a eleição de 1993 como vice de Hugo Banzer, por exemplo – tinha uma compreensão relativamente avançada sobre o Pensamento Mao Tsé-tung, ou seja, havia uma ideologia no comando, clara, distinta das outras experiências guerrilheiras do país e de muitas outras do restante da América Latina.

Então, nós sempre levamos a citação do Mao onde diz que nunca permitimos que o fuzil nos mande, O Partido manda no fuzil, pra nós o que mais nos interessava era ampliar o Partido, as bases de apoio porque seriam o futuro, os futuros guerrilheiros e futuros meios de comunicação, [os que nos iam apoiar e sustentar]. Isso era o mais

⁷⁷ Original em inglês: “The countryside is no longer the reserve of the reactionaries. This is the reason why the fascists concentrated all the repressive forces against the peasants in north Santa Cruz, where, by spreading the rumour of the existence of guerrillas every day, they committed the most brutal crimes against the peasants, especially against the organizations of the Union of Poor Peasants. But, for all their atrocities in the countryside, they will never be able to impede the powerful revolutionary upsurge started by the revolt of the peasants of Chane Bedoya under the leadership of the Union of Poor Peasants.”

importante, porque depois, trocar tiro, a qualquer momento ia acontecer, isso a gente tinha certeza, estávamos conscientes. A qualquer momento, mas a gente evitou, porque mais importante era construir as bases de apoio, o que o Mao diz, porque é o alicerce da guerra ou da guerrilha, é o mais importante, porque depois a qualquer momento [íamos trocar tiros], isso não era problema. Cair morto, isso não [era problema]... tínhamos deixado tudo, deixamos universidade, deixamos esposa, deixamos tudo, pelo Partido. E a morte está dentro das possibilidades da vida do Partido, ué. Mas nos interessava mais a formação política, mais bases de apoio. E a gente lá [no campo], nos lavavam as roupas, nos traziam comida, nos amavam, nos admiravam, [...] então isso nos enchia de satisfação. Estávamos cumprindo o que o Mao dizia de se apoiar nas massas, nas bases. (Santico *apud* Echazu, 2021, p. 245, tradução nossa)⁷⁸

⁷⁸ Original em espanhol: “Entonces, nosotros siempre llevamos la cita de Mao donde dice nunca permitimos que el fusil nos mande, El Partido manda al fusil, a nosotros lo que más nos interesaba era ampliar el Partido, las bases de apoyo porque iban a ser el futuro, los futuros guerrilleros y los futuros medios de comunicación, los que nos íbamos a, los que nos iban a apoyar y sustentar. Eso era lo más importante, porque después, agarrarse a tiros, cualquier rato iba a haber, de eso estábamos seguros, estábamos conscientes. Cualquier rato, pero nosotros pudimos evitar, porque más importante era hacer las bases de apoyo, lo que Mao dice, porque es el sostén de la guerra o de la guerrilla, eso es lo más importante, porque después cualquier rato se iba a dar, Íbamos a tirarnos a tiros, eso no había problema. Caer muerto, eso no... habíamos dejado todo, dejamos Universidad, dejamos esposa, dejamos todo, por el Partido. Y la muerte está dentro de las posibilidades de la vida del Partido, pues. Pero nos interesaba más formación política, más bases de apoyo. ¿Y nosotros aquí, nos lavábamos la ropa, nos traían comida, nos querían, nos admiraban, qué cosita le voy a lavar cigarrillo quieren?, comidita quieren?, entonces eso nos llenaba de satisfacción. Estuvimos cumpliendo lo que Mao decía apoyarse en las masas, en las bases...”

7. CONCLUSÃO

O movimento comunista boliviano enfrentou (e enfrenta) grandes dificuldades ao longo de sua história, principalmente na compreensão e aplicação da teoria revolucionária. É possível levantar alguns elementos que contribuíram para tais dificuldades no início da sua jornada, como a base social principalmente pequeno-burguesa ligada a trabalhos liberais e às universidades, mantendo um afastamento entre aqueles que tinham condições de acessar o marxismo e as massas mineiras e camponesas do país. Mesmo assim, houve um esforço importante e relativo sucesso em proletarizar o Partido, tanto ideologicamente, quanto em suas fileiras, sendo o trabalho com os mineiros a partir do final dos anos cinquenta o maior exemplo disso. Não à toa, é a partir desse momento que surge um conjunto de militantes e quadros que, experimentados na luta de classes, consegue também apreender o que de mais avançado o Movimento Comunista Internacional (MCI) estava desenvolvendo. Tal movimento dialético, entre a luta concreta junto às massas bolivianas e o Grande Debate no MCI, criou as condições necessárias para que os comunistas rompessem com o revisionismo e constituíssem o genuíno Partido Comunista da Bolívia, na visão dos apoiadores de Mao Tsé-tung, sob a sigla PCB (M-L).

Nesta pesquisa, foi possível constatar o fato de que a Bolívia também foi chacoalhada pelos eventos do Grande Debate. A luta entre marxismo e revisionismo, longe de ser uma disputa teórica, acadêmica, entre simples divergências políticas, foi (e continua sendo) a luta por estabelecer uma linha política correta para levar a cabo uma revolução em um país. Os comunistas bolivianos tomaram posição nessa luta e se lançaram à tarefa de investigação da realidade nacional, de envio de militantes ao campo, de travar luta de duas linhas frente às concepções foquistas da moda na época, de organizar a camada mais avançada do proletariado boliviano (mineiros) e de construir a aliança operário-camponesa através da revolução agrária. Pelos documentos partidários que pudemos encontrar, houve a adoção e defesa das teses maoistas, como da guerra popular como estratégia para a tomada do poder, da onipotência da violência revolucionária, da necessidade da revolução agrária como parte da revolução de nova democracia, entre outras. Dentro do histórico político boliviano, marcado pelo oportunismo, fisiologismo, pela prática de “virar casaca”⁷⁹, o exemplo desses

⁷⁹ Podemos lembrar dos casos em que o MNR, no governo de 1952, reprime a Falange Socialista Boliviana (FSB), depois sofre (e ao mesmo tempo, promove) o golpe militar do general Barrientos (vice do presidente Víctor Paz Estenssoro) em 1964, e em 1971 se aliam MNR e FSB para apoiar o golpe do general Hugo Banzer. Tais práticas, longe de representar uma “maturidade” política de “enxergar adversários e não inimigos”, são expressões da contínua pugna e conluio entre as frações das classes dominantes, sempre tendo como saldo a maior exploração e opressão das massas.

comunistas que lutaram por estabelecer a política no comando se destaca como uma exceção à regra.

A UCAPO, nesse contexto, representa o exemplo prático mais avançado do movimento comunista boliviano a tentar aplicar as teorias da Revolução Chinesa à sua realidade concreta. Essa experiência representou o acúmulo de décadas de formulações, de lutas de duas linhas (na Bolívia e no mundo), de assimilação do marxismo-leninismo, da formação de quadros e militantes, que culminaram na decisão de iniciar uma guerra popular através do cerco das cidades pelo campo. A luta de Federico Escobar Zapata e de tantos outros militantes por romper com o revisionismo, a busca na China maoísta como referência revolucionária, o trabalho junto ao proletariado mineiro e, em seguida, com os camponeses pobres no interior do país, levaram os jovens comunistas do PCB (M-L) a pôr na prática o Plano Revolucionário estabelecido no final dos anos sessenta. Desafiando o próprio primeiro-secretário, esses jovens universitários, mineiros e camponeses, tomaram a decisão de organizar a luta contra o latifúndio, começando no Norte de Santa Cruz.

Infelizmente, pela falta de acesso aos documentos internos, debates, ou até mesmo aos documentos públicos do Partido, se torna difícil analisar teoricamente até que ponto ia a compreensão sobre algumas teses, como sobre o que é e como se desenvolve uma guerra popular, o que seriam as chamadas “bases de apoio”, etc. É possível que algumas delas fossem compreendidas ou aplicadas incorretamente (quando comparadas com as teorias originais), por exemplo, devido à limitação do acesso à literatura mais avançada na época (tendo em vista que os documentos precisavam ser traduzidos ao espanhol e depois recebidos na Bolívia, seja via troca entre partidos ou pela publicação da revista Pequim Informa), o que explicaria em parte os problemas enfrentados pelo movimento, como a decisão aparentemente precipitada de declarar publicamente o início de uma guerra popular. Ao mesmo tempo, há também a possibilidade de que parte desses problemas seja de responsabilidade direta de Oscar Zamora, já que, pelos relatos de Rodolfo Siñani e Santico, muitas decisões foram tomadas por Zamora enquanto primeiro-secretário, aparentemente a despeito da opinião daqueles que haviam preparado todo o trabalho antes do “comandante Rolando” ficar sabendo do que estava ocorrendo.

Pelo que pudemos recolher de informações, a história da UCAPO pode ser resumida e entendida da seguinte forma: houve um pequeno grupo de comunistas que, travando luta ideológica no final dos anos sessenta, definiu a necessidade de iniciar uma guerra popular, assimilando as teses elaboradas e defendidas pelos comunistas chineses. Para tal objetivo, o Partido decidiu elaborar um Projeto de Programa Agrário-Camponês, no qual analisaram a

realidade nacional e identificaram as contradições fundamentais da sociedade boliviana. Em sequência, definiram um Plano Revolucionário, estabelecendo três áreas de atuação para o envio de militantes, os quais deveriam viver e trabalhar junto às massas locais, para compreenderem mais profundamente a luta à qual estão submetidas e pudessem estabelecer vínculos de confiança necessários para o desenvolvimento do trabalho político. Oscar Zamora, enquanto primeiro-secretário e autoridade máxima do Partido, sabotou o Plano ao demandar que os militantes abrissem os trabalhos nas áreas e retornem para suas cidades de origem, porém, alguns deles permaneceram, em especial, os que estavam na região norte do departamento de Santa Cruz. Esses comunistas continuaram a desenvolver o trabalho de mobilização dos camponeses da região em suas lutas reivindicativas, promoviam estudos políticos com eles, o que os tornaram conhecidos e admirados. Quando jovens da base do Partido, principalmente estudantes, tiveram acesso e discutiram as teses partidárias (o Projeto de Programa e o Plano Revolucionário), tomaram a decisão de contatar aqueles militantes do Norte de Santa Cruz e de outras regiões para dar continuidade ao Plano e preparar o início da guerra popular, o que prontamente foi abraçado. Os preparativos envolveram a aquisição de armamentos, o envio de mais militantes (agora, os jovens universitários) para o campo, o contato com quadros do restante do país, tudo com o objetivo de concentrar forças naquela região. Essa concentração serviria para o estabelecimento de uma base de apoio, i.e., o controle *de facto* de uma região onde o Partido teria a confiança e apoio das massas locais, e tal controle seria exercido, mantido e expandido, através das armas e da luta guerrilheira. Porém, tal trabalho foi posto em risco logo no início a partir da decisão de tornar público o plano, atraindo imediatamente a atenção do governo nacional. Essa decisão precipitada não tem sua origem clara, se foi por um erro de concepção ideológica (já que muitos movimentos revolucionários da época tinham essa tendência) ou pelo oportunismo da direção de Zamora e seus aliados de tentar “tomar conta” daquele processo, do qual tinham sido excluídos anteriormente. De qualquer forma, a partir do momento em que Zamora se movimentou livremente por Santa Cruz tornando sua presença pública, e seus aliados mais próximos (em especial, Juan José Salazar Terceros, o “camarada Jorge”) começaram a bravatear sobre o que estava ocorrendo em Chané-Bedoya, a chance da UCAPO conseguir se manter era muito baixa, pois o seu tamanho reduzido (ainda que contando com o apoio de milhares de camponeses), alcance regional limitado e, principalmente, direção comprometida (ideologicamente, mas também sobre a identidade de seus membros), eram dificuldades muito grandes a serem superadas.

Reproduzimos abaixo o “Quadro de Honra do PCML” elaborado por Rodolfo Siñani (Siñani *apud* Echazu, 2021, p. 228), como forma de divulgar alguns dos nomes que participaram da experiência da UCAPO. Infelizmente, não pudemos encontrar mais informações sobre eles ou outros nomes que participaram, sejam eles comunistas ou camponeses organizados pela UCAPO, então informações como se estão vivos ou não, ou se persistiram na luta revolucionária ou capitularam posteriormente, são ainda um mistério.

- Eduardo “Santico” Santiestevez - mineiro de Siglo XX
- Edgar Barriga - estudante da Universidad Mayor de San Simón (Cochabamba), de Tarata
- “Colincho” - estudante da Universidad Mayor de San Simón (Cochabamba), de Tarata
- Nelson Paz - estudante da Universidad Mayor de San Simón (Cochabamba), de Capinota
- Clemente Rodríguez - dirigente camponês e membro do PCB (M-L), do Norte de Santa Cruz
- Marcial Morales - dirigente camponês e membro do PCB (M-L), de Yapacaní
- Walter Flores - estudante da Universidad Mayor de San Simón (Cochabamba), de Cochabamba
- Vico Villegas - estudante da Universidad Mayor de San Simón (Cochabamba)
- Luis “Cachito” Ferrufino - estudante de ensino médio
- Sócrates Caballero - estudante universitário, de Santa Cruz
- Elba de Molina - dirigente do PCB (M-L), de Santa Cruz
- Demetrio Gutiérrez - dirigente do PCB (M-L), de Santa Cruz

Por fim, no presente século, a Bolívia segue com seu histórico de crises políticas, levantamentos populares, golpes e, o elo comum, a opressão e exploração de seu povo. No primeiro semestre de 2026, um vigoroso movimento camponês e operário paralisou o país, efetuando um verdadeiro cerco à capital *paceña*, e os desdobramentos desse processo ainda são incertos na data da escrita deste trabalho. Assim como o restante da América Latina, o povo boliviano não se mantém inerte aos acontecimentos políticos, e a explosividade crescente, expressa em manifestações cada vez mais violentas em enfrentamento direto com o Estado, mostra que os elementos objetivos para um processo revolucionário estão presentes. O resgate da trajetória da UCAPO e sua história serve a contribuir para os estudos e pesquisas em torno dos movimentos sociais latino-americanos e suas distintas facetas, que se expressaram no passado e continuam a se expressar até os dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. Capital e trabalho na economia política boliviana contemporânea. **Caderno de Ciências Sociais**, [Santo André], v. 3, p. 91-133, 2012. Disponível em: https://lephe.fflch.usp.br/sites/lephe.fflch.usp.br/files/inline-files/Hist%C3%B3ria%20econ%C3%B4mica%20da%20Bol%C3%ADvia%20contempor%C3%A2nea_0.pdf. Acesso em: 19 jun. 2026.

BARNADAS, Josep M.; ALBÓ, Xavier. **La cara campesina de nuestra historia**. La Paz: Alencar, 1984.

BOLÍVIA. Decreto Supremo nº 19858, de 24 de octubre de 1983. **Gaceta Oficial de Bolivia**, La Paz, 1983. Disponível em: <https://www.derechoteca.com/gacetabolivia/decreto-supremo-19858-del-24-octubre-1983>. Acesso em: 19 jun. 2026.

CHAVARRÍA, Hernán Escobar. **Los bolivianos jamás hemos tenido alma de esclavos**. 2. ed. La Paz: Ministerio de Trabajo, Empleo y Previsión Social, 2016.

CLAURE, José Pereira. **Caminando de volcán en volcán**. 2. ed. Cochabamba: Kipus, 2014. *Apud* ECHAZU, Jorge. **Historia del Partido Comunista (M-L-M)**. La Paz: Liberación, 2021.

COMITÉ CÍVICO PRO SANTA CRUZ. **La Institución**. Santa Cruz de la Sierra, 2019. Disponível em: <https://www.comiteprosantacruz.org.bo/la-institucion/>. Acesso em: 19 jun. 2026.

DUNKERLEY, James. **Rebelión en las venas: la lucha política en Bolivia 1952-1982**. 2. ed. La Paz: Plural editores, 2003.

ECHAZU, Jorge. **Historia del Partido Comunista (M-L-M)**. La Paz: Liberación, 2021.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. Lisboa: Avante!, 1997. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/index.htm>.

Acesso em: 18 jun. 2026.

FIELD JR., Thomas C. **Minas, balas y gringos**: Bolivia y la Alianza para el Progreso en la era de Kennedy. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional: Centro de Investigaciones Sociales, 2016.

FRAGOSO, João Pedro. **Paz, pão e terra**: a história do País dos Sovietes. Florianópolis: Insular, 2026.

GERMAN HISTORY IN DOCUMENTS AND IMAGES. **Elections to the German Reichstag (1871–1890)**: a statistical overview. [S. l.], [1890?]. Disponível em: <https://germanhistorydocs.org/en/forging-an-empire-bismarckian-germany-1866-1890/ghdi:document-1850>. Acesso em: 18 jun. 2026.

GUZMÁN, Abimael. **A problemática nacional**. Brasil: Servir ao Povo, 2025. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/gonzalo/1974/mes/40.htm>. Acesso em: 18 jun. 2026.

JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey (comp.). **Komintern y América Latina**: en documentos del Archivo de Moscú. Moscú: Aquilo-Press; Santiago de Chile: Ariadna ediciones, 2018.

KHRUSHCHEV, Nikita. **Speech to 20th Congress of the C.P.S.U.** Sub Archive of Soviet Government Documents, 1956. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/khrushchev/1956/02/24.htm>. Acesso em: 18 jun. 2026.

LENIN, Vladimir. **Marxismo e revisionismo**. Lisboa: Avante!, 1977a. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1908/04/16.htm>. Acesso em: 18 jun. 2026.

LENIN, Vladimir. **O estado e a revolução**. Lisboa: Avante!, 1977b. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/08/estadoerevolucao/index.htm>. Acesso em: 18 jun. 2026.

LENIN, Vladimir. **O programa militar da revolução proletária**. Lisboa: Avante!, 1977c. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/09/programa.htm>. Acesso em: 18 jun. 2026.

LENIN, Vladimir. **O socialismo e a guerra**. Lisboa: Avante!, 1986. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1915/guerra/index.html>. Acesso em: 18 jun. 2026.

LORA, Guillermo. **Historia del P.O.R.** La Paz: ISLA, 1998. t. 1.

MAO, Tsé-tung. **Sobre a contradição**. Pequim: Edições do Povo, 1975a. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/mao/1937/08/contra.htm>. Acesso em: 18 jun. 2026.

MAO, Tsé-tung. **Sobre a prática**: sobre a relação entre o conhecimento e a prática — a relação entre conhecer e agir. Pequim: Edições do Povo, 1975b. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/mao/1937/07/pratica.htm>. Acesso em: 18 jun. 2026.

MAO, Tsé-tung. **Speech at the Second Plenary Session of the Eighth Central Committee of the Communist Party of China**. Peking: Foreign Languages Press, 1977. Disponível em: https://www.marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/volume-5/mswv5_56.htm. Acesso em: 18 jun. 2026.

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. Lisboa: Avante!, 1982. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>. Acesso em: 18 jun. 2026.

MILÍCIA. In: **MICHAELIS**: dicionário brasileiro da língua portuguesa. Cajamar: Melhoramentos, 2026. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/milicia>. Acesso em: 17 jun. 2026.

NÚCLEO DE ESTUDOS DO MARXISMO-LENINISMO-MAOISMO. **A Carta Chinesa**: a grande batalha ideológica que o Brasil não viu. Belo Horizonte: Terra Editora Gráfica, 2003.

NÚCLEO DE ESTUDOS DO MARXISMO-LENINISMO-MAOISMO. **Problemas da história do Partido Comunista do Brasil**. [S. l.]: Seara Vermelha, 2016.

PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA. Comitê Central. **História do Partido Comunista da URSS (Bolchevique)**. Pernambuco: Centro Cultural Manoel Lisboa, 1999. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/historia/index.htm>. Acesso em: 18 jun. 2026.

PEKING REVIEW. Communist Party of Bolivia (M-L) Issues Statement on Internal Political Situation. **Peking Review**, Peking, 1972. Disponível em:

<https://www.marxists.org/subject/china/peking-review/1972/PR1972-21.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2026.

PEKING REVIEW. Rallying Peasant Masses for an Anti-Imperialist, Anti-Feudal Revolution - Communist Party of Bolivia Issues Draft Peasant-Agraria Programme. **Peking Review**, Peking, 1969. Disponível em: <https://www.marxists.org/subject/china/peking-review/1969/PR1969-23.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2026.

RÉYES ZÁRATE, Raúl. La experiencia de la guerra popular prolongada del Partido Comunista-Marxista Leninista (pc-ml) en Bolivia. La Unión de Campesinos Pobres (ucapo) en Santa Cruz (1970-1971). In: GARCÍA, Huascar Rodríguez. **Los partidos de izquierda ante la cuestión indígena 1920-1977**. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional, 2017.

ROTHWELL, Matthew D. **Transpacific Revolutionaries**. New York: Routledge, 2013.

TELLERÍA, Luís. Entrevista a Luís Tellería como fundador del PCB. **Unidad**, [S. l.], n. 538, 3ª semana ene. 1983. *Apud* ECHAZU, Jorge. **Historia del Partido Comunista (M-L-M)**. La Paz: Liberación, 2021.